



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
FILOSOFIA/UFPR/UNIMONTES



WANDA BARBOSA DOS SANTOS

A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E A “FUGA DA CAVERNA”: a prática da
leitura e da escrita como estratégias metodológicas nas aulas de filosofia no Ensino
Médio

MONTES CLAROS – MG
Julho/2021

WANDA BARBOSA DOS SANTOS

A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E A “FUGA DA CAVERNA”: A prática da leitura e da escrita como estratégias metodológicas nas aulas de filosofia no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim

MONTES CLAROS – MG
Julho/2021

Santos, Wanda Barbosa dos.

S237p A pedagogia da autonomia e a “Fuga da caverna” [manuscrito] : a prática da leitura e da escrita como estratégias metodológicas nas aulas de filosofia no Ensino Médio / Wanda Barbosa dos Santos. – Montes Claros, 2021. 96 f. il.

Bibliografia: f. 90-91.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia/PROF-FILO, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim.

1. Autonomia. 2. Escrita e leitura escolar. 3. Ensino de Filosofia. 4. Práticas pedagógicas. I. Jardim, Alex Fabiano Correia. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: A prática da leitura e da escrita como estratégias metodológicas nas aulas de filosofia no Ensino Médio.

Catálogo: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge

WANDA BARBOSA DOS SANTOS

A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E A “FUGA DA CAVERNA”: A prática da leitura e da escrita como estratégias metodológicas nas aulas de filosofia no ensino médio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Ensino de Filosofia
Linha de pesquisa: Prática de Ensino de Filosofia
Orientador: Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim

Montes Claros / Julho de 2021

TERMO DE APROVAÇÃO

WANDA BARBOSA DOS SANTOS

A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E A “FUGA DA CAVERNA”: A prática da leitura e da escrita como estratégias metodológicas nas aulas de filosofia no ensino médio

Dissertação aprovada com requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia do programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros pela seguinte banca examinadora:



Orientador (a): Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim - Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES



Examinador (a) externo (a): Profa. Dra. Davina Marques - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo



Examinador (a) interno (a): Prof. Dr. José dos Santos Filho - Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

Montes Claros, 15 de julho de 2021



Prof. Dr. Alex Fabiano Correia Jardim
Coordenador PROF-FILO/UNIMONTES

“Esta dissertação é dedicada aos meus familiares, pilares da minha formação como ser humano. Agradeço pelo apoio incondicional em todos os momentos difíceis da minha trajetória acadêmica”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é o meu maior Mestre, pela inspiração diária e que me propiciou ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso;

Agradeço em especial, ao professor Dr. Alex Fabiano Correia Jardim pelo zelo, cuidado, confiança e exigência. pelo conhecimento propiciado; por ensinar-me que pesquisar está nos mínimos detalhes;

Agradeço aos professores do programa PROF-FILO que, desde o início do curso, já nos haviam preparado para os desafios que nos seriam apresentados;

Agradeço ao meu filho Gerson Santos, a maior riqueza que eu poderia conquistar, por compreender as minhas ausências e por admirar, incentivar e acreditar nos meus ideais;

Agradeço a minha mãe que sempre me fortaleceu com o seu amor e com as suas orações;

Agradeço ao meu pai (In memoriam) por suas lições sobre a importância de estar sempre em busca dos meus objetivos;

Agradeço a toda a minha família, em especial aos que, assim como eu, amam a profissão de educador;

Agradeço aos meus parceiros de luta pela construção de uma educação filosófica de fato interventiva e atuante: Flúvia Gracielle, Vanderlei Vaz, José Geraldo Mota, Fabiana e Marcelo;

Agradeço à Escola Estadual Felício Pereira de Araújo, pelo incentivo e permissão do desenvolvimento da pesquisa em seu espaço;

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa;

Agradeço à supervisora Cláudia Guimarães e a professora Silvana Martins pelo incentivo e a todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

RESUMO

A presente dissertação de mestrado pretende pensar a prática pedagógica docente a partir de dois autores e especialmente a partir de dois textos: a *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, e a *Fuga da Caverna*, de Platão. Partimos da ideia de que a circunscrição em que fundamenta este trabalho aborda questões imprescindíveis para o desenvolvimento da aprendizagem do educando, priorizando o sentido humanizado e autônomo do ensino. Privilegia, então, o diálogo como mediador que orienta o sujeito na construção dos saberes necessários como condição de uma educação libertadora e autônoma. Por motivos de pandemia, trata-se principalmente de uma pesquisa bibliográfica, que propõe ampliar as habilidades linguísticas e filosóficas dos alunos, em um processo educativo, com estratégias capazes e eficazes na construção da autonomia, na ressignificação dos saberes, em uma pedagogia fundamentada no respeito, na dignidade e, claro, na autonomia dos envolvidos. O imperativo exploratório do exercício do pensamento apresenta-se como elemento basilar no processo de ressignificação dos saberes que constituem uma pedagogia fundamentada no respeito, dignidade e autonomia dos envolvidos. Todos os elementos aqui trabalhados podem suscitar indícios de uma possível influência do pensamento de Platão e Paulo Freire no processo dialógico do ensino-aprendizagem. A presente dissertação, tem como objetivo principal apresentar proposta de intervenção pedagógica para as aulas que contribua com o apontamento de metodologias capazes de auxiliar nas práticas de atividades. Outrossim, que mencione o exercício do pensamento filosófico dialógico com critérios que trazem como elementos inspiradores o uso da leitura e escrita filosóficas aliadas ao uso das tecnologias digitais, ferramentas imprescindíveis na atualidade, no auxílio da construção do conhecimento autônomo e transformador. Do mesmo modo, objetiva-se que este trabalho seja um projeto interventivo, prático e concreto no exercício do pensamento – não apenas dos discentes que fazem parte do corpus dessa pesquisa, mas também dos outros que compõem o quadro das aulas de Filosofia.

Palavras-chave: Autonomia. Escrita e Leitura Escolar. Ensino de Filosofia. Práticas pedagógicas

ABSTRACT

This master's thesis intends to think about the pedagogical practice of teaching from two authors and especially from two texts: the Pedagogy of Autonomy, by Paulo Freire, and the Escape from the Cave, by Platão. We start from the idea that the circumscription in which this work is based addresses essential issues for the development of the learning of the student, prioritizing the humanized and autonomous sense of teaching. It privileges, then, the dialogue as a mediator that guides the subject in the construction of the necessary knowledge as a condition of a liberating and autonomous education. For reasons of pandemic, it is mainly a bibliographic research, which proposes to expand the linguistic and philosophical skills of students, in an educational process, with capable and effective strategies in the construction of autonomy, in the resignification of knowledge, in a pedagogy based on respect, dignity and, of course, on the autonomy of those involved. The exploratory imperative of the exercise of thought is presented as a basic element in the process of resignification of the knowledge that constitutes a pedagogy based on the respect, dignity and autonomy of those involved. All the elements worked here can give rise to indications of a possible influence of the thought of Platão and Paulo Freire in the dialogical process of teaching-learning. The main objective of this dissertation is to present a proposal for pedagogical intervention for classes that contributes to the appointment of methodologies capable of assisting in the practices of activities. Moreover, mentioning the exercise of dialogical philosophical thought with criteria that bring as inspiring elements the use of philosophical reading and writing allied to the use of digital technologies, indispensable tools nowadays, in the aid of the construction of autonomous and transformative knowledge. Likewise, it is objective that this work is an interventional, practical and concrete project in the exercise of thought – not only of the students who are part of the corpus of this research, but also of the others who make up the framework of philosophy classes.

Keywords: Autonomy. School Writing and Reading. Philosophy Teaching. Pedagogical Practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Metodologia de trabalho	74
Figura 2 – Alegoria da Caverna.....	777
Figura 3 – A Caverna de Platão.....	77
Figura 4 – Desenvolvimento Metodológico dos encontros	79

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Procedimentos de trabalho	76
Quadro 2 – Cronograma do Projeto de Intervenção.....	877

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
DOC	Google Documentos
EEFPA	Escola Estadual Felício Pereira de Araújo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LEF	Leitura e Escrita Filosófica
MEC	Ministério da Educação
OCNEM	Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNEM	Plano Curricular Nacional do Ensino Médio
SEEMG	Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais
TD	Tecnologias Digitais
TDIC	Tecnologia Digital da Informação e Comunicação

LISTA DE SÍMBOLOS

@ Arrouba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CAPÍTULO I	27
1.1 O Ensino da Filosofia como Problema Filosófico.....	27
1.2 O texto filosófico como mediador para o ensino da leitura e da escrita nas aulas de Filosofia	38
2 CAPÍTULO II	44
2.1 Educação e ação docente no ensino de Filosofia na perspectiva de Freire	44
2.2 Plano Educacional de Intervenção – PEI	63
2.2.1 Leitura e escrita filosófica como ferramentas de construção do conhecimento nas aulas de Filosofia.....	63
2.3 Objetivos.....	63
2.3.1 Objetivo Geral	63
2.3.2 Objetivos Específicos	63
2.4 Leitura e escrita aliadas ao uso das tecnologias digitais como promoção da autonomia ..	63
2.4.1 Experiência em sala de aula: o ensino da leitura e da escrita por meio do texto filosófico	68
2.4.2 Orientações Metodológicas	78
2.4.3 Cronograma	86
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A – Momentos de Reflexão	94
ANEXO A – Atividades da Intervenção	96

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo abordar o processo educacional apresentado em *A República*, a partir da observação do contexto histórico-social da obra de Platão. Do mesmo modo, este trabalho de pesquisa será orientado pela análise dos possíveis elos entre a educação na antiguidade no contexto platônico e a educação contemporânea, contemplada por Paulo Freire em *A Pedagogia da Autonomia*.

Conforme Platão, a realidade carregava em si verdades que necessitavam tornar-se explícitas, por serem pertinentes socialmente; ainda que houvesse resistência por vieses políticos em sua contemporaneidade. Por causa disso, o filósofo em sua ampla obra empenhou-se em estudar as veridades notórias e imprescindíveis que permeavam a realidade da época. Assim, em *A República*, escrito em torno de 386 a.C, o filósofo apresenta como tema central de seus diálogos a Justiça, cuja abordagem delimita-se em panorama de amplitude universal.

Na sequência desse pensamento, Platão vale-se do método dialético¹, com o objetivo de alcançar a verdade e desapegar-se da *doxa*, que é a opinião enganosa baseada em aparências e a visão individual. Para isso, elege o conceito da *episteme*, que ao contrário, constrói a realidade com a reflexão crítica, por meio de ações baseadas em indagações e argumentos distanciados da subjetividade. Outro ponto importante do clássico *A República* consiste em pensar racionalmente a política e a decadência da cidade estado. Desta feita, a sociedade perfeita na perspectiva platonista rege-se por governantes possuidores do conhecimento puro e verdadeiro.

A concepção de educação na perspectiva de Platão fundamenta-se na construção do Estado Ideal cujas apreciações permeiam os diálogos, meio pelos quais os argumentos desenvolvem-se, configurando o método dialético de ensino. As questões relativas ao processo de formação do Estado Ideal e do sistema educacional estão, então, alicerçadas, teoricamente, na democracia e no conhecimento. Nesse contexto, os cidadãos seriam submetidos a um procedimento educativo rigoroso, iniciado desde o nascimento; à medida em que os indivíduos se desenvolvessem e revelassem as suas aptidões e talentos, seria possível determinar sua classe social e sua função dentro da *pólis*.

¹ O Método Dialético é uma forma de discurso entre duas ou mais pessoas que possuem diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto, mas que pretendem estabelecer a verdade por meio de argumentos fundamentados e não simplesmente vencer um debate ou persuadir o opositor. Platão define a dialética como a arte de pensar, questionar e hierarquizar ideias. O termo refere-se a qualquer método que possa ser recomendado como veículo da filosofia. A dialética é um instrumento que permite ao sujeito alcançar a verdade.

Quando alcançassem a idade adulta os cidadãos habilitados, os mais virtuosos estariam, dessa maneira, qualificados para receber uma educação superior, tornando-se capazes de governar. O que se vê é que desde a antiguidade as questões sobre a educação são debatidas e estiveram presentes no pensamento filosófico, explicitando a necessidade de educar o homem para viver em sociedade. Do mesmo modo, a Filosofia platônica propôs uma educação visando ao cidadão que fosse responsável e que se preocupasse com o bem comum; frisando o aprimoramento da sua esfera moral, intelectual e física. Igualmente, entende-se que todo indivíduo que recebesse essa educação de qualidade volte-se para a esfera pública e retribua, com a sua participação de cidadão ativo e participativo, nas questões políticas e sociais da *pólis*.

No Livro VII de *A República*, Platão descreve a situação de homens em uma caverna que, *a priori*, compara-se ao mundo sensível, onde indivíduos aprisionados a uma mureta de costas para a entrada da caverna contemplam as sombras que são projetadas no seu interior. Essas sombras representam a experiência do sensível, o ilusório; a luz do sol representa o mundo das ideias, a representação do que é bom; os prisioneiros, o estado de ignorância vivido pelo ser humano. O indivíduo que, porventura, se liberta das correntes e abandona a caverna consegue, dessa maneira, superar a ignorância.

Sabe-se que a educação, como instrumento de formação, consiste em buscar meios que direcione o indivíduo na busca de conhecimentos que o estimule a sair do eventual estado de ignorância em que possa se encontrar, e ir em busca de conhecimentos que o promova com autonomia do exercício do pensar, criando assim possibilidades para a sua evasão do interior da caverna. E, no andamento deste trabalho de pesquisa, pretende-se que esse assunto seja mais bem discutido no Capítulo I.

Ao pensar a educação como instrumento fundamental na formação do indivíduo, é de bom senso entender o contexto histórico e social que envolve as demandas da educação no espaço e no tempo. Para tanto, propomos voltar o nosso olhar a outro momento histórico e outro pensador da educação. Tomaremos o educador brasileiro Paulo Freire como interlocutor para pensarmos uma proposta educativa, a partir da sua obra *Pedagogia da Autonomia*, que aborda a educação como instrumento de libertação e emancipação.

A proposta de aprendizagem preconizada Freire, além de seu caráter libertador e emancipatório, fundamenta-se em uma noção igualitária de justiça que se contrapõe à meritocracia indicada por Platão.

A partir desse diálogo, propõe-se uma análise a respeito das práticas que circundam o ensino da Filosofia, assim, planejar uma intervenção pedagógica para os 35 alunos do 3º ano

regular do Ensino Médio da Escola Estadual Felício Pereira de Araújo, localizada na cidade de Montes Claros/MG.

Pretende-se, com este trabalho, de pesquisa cooperar com as propostas já previstas no conteúdo curricular da disciplina Filosofia, no sentido de que um ambiente favorável promove a argumentação, o pensamento crítico e, conseqüentemente, a autonomia. Essa emancipação ganha notoriedade em orientação previamente preconizada em uma das dez habilidades presentes na Base Nacional Comum (BNCC) para que o educando possa fazer “[...] escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (BRASIL, 2017, p. 6).

Após 10 anos de seu retorno obrigatório ao currículo do Ensino Médio, o ensino desse componente curricular volta a desempenhar um papel coadjuvante à vida escolar. Apesar do que está exposto pela LDB, aprovada em 1996, na qual se expressa a necessidade de que os estudantes dominem os conhecimentos da Filosofia e da Sociologia, tidos como essenciais no exercício da cidadania.

A Base Nacional Comum da educação básica, já prevista na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no Artigo 26, dispõe de uma normatividade que garante uma formação comum na educação básica, complementada por cada estabelecimento escolar e cada sistema de ensino. No dia 03 de abril de 2018, foram anunciadas ao Conselho Nacional de Educação (CNE) os novos caminhos delineados pelo atual Ministério da Educação (MEC) para a prática escolar.

O impacto sobre o ensino da Filosofia é direto, visto que deixa de ser obrigatório na base curricular comum, além de ter carga horária reduzida, em um momento em que a disciplina configura-se no encontro formal dos jovens com o conteúdo de Filosofia no ambiente escolar.

A Lei nº 13.415/2017 estabelece que a matriz da BNCC/EM ocupará no máximo 1.800 horas, complementadas pelos itinerários formativos que são a ênfase na formação em áreas específicas como: “Linguagens e suas tecnologias”; “Matemática e suas Tecnologias”; “Ciências da Natureza e suas Tecnologias”; “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” e, por fim, “Formação Técnica e Profissional”.

A mudança na BNCC criou muita contestação, debate e insatisfação, principalmente entre os educadores e especialistas em educação, que entendem ser fundamental o ensino da Filosofia e Sociologia na educação de base e, por isso, a BNCC vêm enfrentando forte oposição no Congresso Nacional.

Temos o conhecimento de que é a educação que desempenha um papel importante e fundamental na integração, cooperação e formação do jovem, molda a sua personalidade e seus anseios, essa “formação” possibilita o desenvolvimento da capacidade de transformar os jovens

estudantes em cidadãos participativos e conscientes dos seus direitos e deveres, capazes de procurar, por meio da reflexão, o progresso na qualidade de sua vida na sociedade.

No que tange ao ensino, a ideia consiste na experiência filosófica, no exercício do pensamento, na característica específica do aspecto formativo que nos leva a defender sua posição dentro da escola. Assim sendo, é possível pensar um ensino de Filosofia como o ensino do filosofar, focado nas habilidades e competências do pensamento.

Neste ponto, podemos fazer assertivas quando tratamos da importância na formação do docente de Filosofia para o Ensino Médio, Silvio Gallo, fazendo alusões às Diretrizes Curriculares de 2001, explica que nelas há um

“[...] potencial descompromisso da área específica com a formação docente, reforçando um modelo que já está de certa forma cristalizado em algumas de nossas melhores universidades: a formação distinta do bacharel e do licenciado. Isso joga por terra todo o esforço de buscar articular teoria e prática. O mesmo ocorre com a definição de um ser professor que é distinta de um ser pesquisador (bacharel), uma vez que cada um deles é formado num curso distinto” (GALLO, 2012a, p. 125, grifo do autor).

O ato de exercitar o pensamento pode se dar em meio às metodologias coordenadas que garantem um ensino possível, a partir do exercício do pensar contínuo; uma ação viva que aconteça no processo de ensino aprendizagem e proporcione a experiência filosófica.

Pretendemos refletir, analisar e propor intervenção no ensino de uma Filosofia para jovens do Ensino Médio constituída na prática de leitura e escrita filosófica por meio de práticas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento do conhecimento crítico, reflexivo e autônomo dos estudantes.

A diferença que se configura no ensino da Filosofia frente às outras disciplinas está no fato de que a operação do pensamento dá-se pela construção de conceitos, e não por acepções prontas e acabadas; sendo, por isso, capaz de abrir as mais variadas possibilidades de questionamentos – que, por sua vez, despertam a reflexão, visto que o pensamento não é algo estanque, mas dinâmico e sempre em movimento.

Dada a possibilidade de reflexão que o ensino de Filosofia apresenta, a formação de jovens eleitores com pensamento argumentativo, crítico-reflexivo, cidadãos ativos e participantes na vida política do país torna-se uma consequência, que pode, de alguma forma, incomodar radicalmente aqueles que têm por opção o desejo de manter jovens com um perfil alienado e acrítico – o que reafirma a manutenção do poder e achatamento das estruturas sociais.

Pressupõe-se que professor de Filosofia que atua na rede pública de ensino se mostre sensível, diante dos aspectos que envolvem às práticas pedagógicas diárias. O desafio a ser

enfrentado, atualmente, consiste em planejar aulas que desenvolvam as habilidades e as competências necessárias e que façam sentido para os jovens estudantes.

E, dessa maneira, promover estratégias que facilitem a superação das carências educativas e dificuldades de aprendizagem acerca do saber filosófico. A grande maioria dos alunos da escola pública necessita de uma intermediação que os aproxime das exigências inerentes à atitude filosófica; aspectos essenciais para o estudo introdutório da Filosofia alinhando a teoria filosófica ao exercício do filosofar/pensar.

Para defender a Filosofia como prática de pensamento, construído por meio de reflexões, podemos estudar os ensinamentos de Freire (1996), que salienta que o conhecimento só é possível na interação diária, em que aprender e ensinar se tocam mutuamente. Nesse sentido, “[...] não há docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 12). Essa troca constitui-se como essencial nas ponderações sobre as práticas pedagógicas, quando o ponto é criar bases argumentativas coerentes para aprender e ensinar.

Paulo Freire defende a importância de:

Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da "formação" do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado (FREIRE, 2002, p. 12).

Para analisarmos a funcionalidade das aulas de Filosofia faz-se necessário pensar com clareza nossa prática educativa de modo crítico e progressista². Por conseguinte, sugerimos que o ensino se alinhe à teoria, levando em consideração a importância de valorizar a experiência e a formação moral do educando. Isso associado aos conhecimentos anteriores adjacentes a experiência do discente com as habilidades trabalhadas. De acordo com Brito; *et al.* (2010) com relação às práticas docentes com base nos estudos de Paulo Freire

Paulo Freire enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada sem questionamentos. Defende ainda que a teoria deve ser adequada à prática

² Proposta educativa que vai ao encontro de um discurso de valorização do pensamento crítico e uma educação de qualidade. A consolidação da abordagem progressista é um desafio que deve ser superado no dia a dia, uma metodologia proposta por Paulo Freire no Brasil. Um paradigma educacional que propõe transformação social que acontece por meio da educação. Essa pedagogia visa proporcionar ao educando habilidade de questionamentos dos conceitos transmitidos, questionamentos esses que são fundamentais para a transformação da educação brasileira.

cotidiana do professor que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções. O autor afirma que o professor deverá também conduzir a maneira de pensar, sendo a prática em si um testemunho rigoroso de decência e pureza. Defende a “disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e a utilização de um critério para a recusa do velho”, estando presente a rejeição a qualquer tipo de discriminação (BRITO; *et al.*, 2010, p. 6, grifos dos autores).

Além disso, é preciso que as competências que intentamos desenvolver nos alunos mostrem-se claras e objetivas. Para tanto, perseguimos respostas para questões, como: O que queremos que o aluno aprenda? Qual resultado do processo pedagógico a que visamos? Queremos preparar o aluno para o exercício do pensar filosófico e autônomo?

Nesse contexto, o trabalho em questão pretende defender a Filosofia como despertar da prática do pensar filosófico no ambiente escolar, por meio da leitura e escrita filosófica – pilares que sustentarão a proposta de intervenção junto aos 35 alunos do 3º ano regular da Escola Estadual Felício Pereira de Araújo, em que esta pesquisadora atua como professora de Filosofia.

Acreditamos que se faz necessário rever fundamentos teóricos do ensino de Filosofia, bem como as práticas pedagógicas que lhes estão relacionadas, no sentido de aprimorar os conhecimentos acerca de um aprendizado mais crítico e reflexivo. Essa compreensão será baseada em considerações e experiências vivenciadas pelos alunos, já que entendemos que essa observação possibilita que eles reconheçam seu próprio meio e proponham mudanças significativas em sua realidade, sempre que necessário.

A ação será mediada por meio da proposta educacional de intervenção, envolvendo o exercício de leitura e da escrita de textos como o objeto norteador no exercício da Filosofia. A proposta de leitura fixa-se na concepção de formas de expressão e organização da atividade de produção textual, enquanto a escrita aliada ao movimento de leitura exigirá do estudante o exercício do pensar exercido pela responsabilidade de expressar o pensamento. Nesse bojo, alicerçamos nas asseverações conforme ASPIS; GALLO (2009) os quais declaram que

[...] todo o processo seria assim: em primeiro lugar, criamos uma situação de aproximação dos problemas filosóficos a serem estudados com o universo dos alunos através de recursos imagéticos, musicais e textuais diversos – chamamos esta fase de **sensibilização**; depois partimos propriamente para a elaboração desses problemas, a fase de **problematização**, que se dá pela provocação das questões, componentes dos problemas, que serão tratados filosoficamente no curso; depois o estudo propriamente dito, que se faz por meio de leitura de textos filosóficos e posterior ensaio de escrita filosófica. Tanto os textos dos filósofos da tradição quanto textos sobre a história da filosofia ou aulas expositivas sobre esta história serão instrumentos do ensino (ASPIS; GALLO, 2009, p. 80, grifos nossos).

Para que a leitura e escrita filosófica cumpram com seu papel no ensino aprendizagem de Filosofia, é fundamental elencar que o processo de conhecimento envolva ação daquele que ensina e aprende. Nessa relação, é de suma relevância levar em consideração a possibilidade de produção ou construção de novos saberes, em que o sujeito torne-se responsável e também conhecedor do método de ensino, dentro de uma concepção de “sujeito em construção”.

Ressalvamos que toda pesquisa que que prima como elementos norteador os horizonte de Aspis e Gallo (2009), certamente, assegurar-se-á aos educandos, os quais se identificarem com a Filosofia, o abarcamento de extensas empreitadas do pensamento. Porquanto, os estudiosos supraditos delineiam uma análise acerca do instrução de filosófica e, concomitantemente, descreminam probabilidades, amparam na afinidade professor de Filosofia x estudantes, admitindo que os professores, mediante cada realidade educacional, definam os instrumentos metodológicos mais adequados rumo de estruturar e desenhar o trajeto rumo ao conhecimento. Aspis e Gallo (2009), afiançam que de extrema proficiência para o fazer docente no ensino de filosofia que tais delineamentos visem o alcance do sucesso na experiência filosófica em sala de aula.

Nessa toada, Ghedin (2009, p. 81) afirma que “[...] a experiência docente é espaço gerador e produtor de conhecimento, mas isso não é possível sem uma sistematização que passe por uma atitude crítica do educador em face das próprias experiências”.

Desse modo, pensaremos o conceito de autonomia a partir da interseção entre Platão e Paulo Freire. Alocamo-nos na perspectiva de criar uma autonomia de pensamento que seja capaz de libertar das amarras do saber transmitido, que crie, busque novos caminhos, que possa ampliar os conhecimentos dos sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem.

É nesse cenário que a presente pesquisa afirma a sua importância, pois propõe discutir as práticas pedagógicas do ensino da Filosofia no Ensino Médio, com a finalidade de abrir caminhos que levem ao desenvolvimento de propostas inovadoras que motivem o exercício do pensamento filosófico, a partir de práticas mais acessíveis à compreensão do aluno. Dessa forma, Gallo (2017) esclarece que

[...] o pensamento filosófico como uma reflexão interna que questiona todos os conhecimentos vindos de fora. Pensar filosoficamente é, portanto, refletir sobre os mais diversos problemas e situações ‘partindo do zero’, ou seja, sem aceitar automaticamente os conhecimentos recebidos. [...] Na reflexão em busca do conhecimento, a filosofia elabora conceitos. Para começar a compreender o que são conceitos, pense no que significa para você a ideia de democracia” (GALLO, 2017, p. 13).

Nesse contexto, destacamos fala de Freire (1986): “[...] para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos” (FREIRE, 1986, p. 54).

Com base em observações prévias, adquiridas com a experiência no ensino da disciplina de Filosofia, em escolas públicas, vislumbramos a necessidade de realizar um trabalho que elevasse a compreensão das práticas pedagógicas nas aulas de Filosofia. Considerando a realidade vivida em sala de aula, é possível constatar que a relação dos estudantes com atividades que envolvem leitura e escrita de textos filosóficos é complexa.

A partir do exposto, acreditamos que um trabalho de intervenção se faz necessário para criar um espaço favorável ao exercício do pensar, tornando possível desenvolver a autonomia do pensamento crítico reflexivo, realizada por meio da prática da leitura e da escrita de textos filosóficos.

A fim de tornar o exercício do pensamento mais dinâmico no processo de ensino aprendizagem de Filosofia, os textos – objetos de estudo nas atividades de leitura e escrita filosófica foram apresentados aos estudantes como proposta a um desafio cognitivo. Deseja-se, com isso, algo que vá além das atividades corriqueiras de sala de aula e, que, sobremaneira valorize os conhecimentos e experiências vividas pelos educandos. Para isso, tem-se como imprescindível o desenvolvimento de uma relação de proximidade entre a Filosofia e a realidade, de modo a criar vínculos e proporcionar o conhecimento.

No momento em que a leitura e a escrita tornam-se instrumentos do filosofar, estamos possibilitando ao estudante que continue aprendendo de forma autônoma em variadas situações. De modo significativo, a leitura e a escrita de maneira eficaz são formas de aprendizagem imprescindíveis no espaço escolar, por ser um meio estruturado de construção de conhecimento e do pensamento, que permite compreender melhor aquilo que permeia o dia a dia.

Tomando a educação como um caminho para o desenvolvimento do indivíduo, encontramos na percepção de Platão a visão do autor Evilázio Teixeira (1999) – *A Educação do homem segundo Platão*, que aborda que o papel da educação não é formar um indivíduo centrado em si mesmo, mas um cidadão participante e atuante. Esse seria o grande desafio da proposta de ensino da Filosofia: educar o indivíduo capaz de fazer a leitura de mundo com liberdade em conformidade com a formação de um cidadão ativo e participante.

Por causa disso, é de cunho fundamental o desenvolvimento de atividades de escrita no objetivo de ampliar as perspectivas de compreensão e registro de seus olhares e sentimentos a respeito da realidade, suas relações complexas e abstratas do ambiente ao qual pertence.

Com a competitividade acirrada do mercado de trabalho, exige-se, cada vez mais, uma educação técnica e intelectualizada, que prioriza o poder do conhecimento na palma das mãos, sem considerar a importância da afetividade, condição inerente ao ser humano. Com isso, cria-se um limite, impedindo que o educando, que faz parte do *corpus* desta pesquisa, possa ir além do que lhe é posto.

Em sentido oposto, vamos concentrar-nos na educação considerada como ponto de formação do cidadão capaz de participar, opinar, problematizar e refletir acerca das condições e problemas presentes em sua realidade social. Acreditamos que a verdadeira formação deva percorrer caminhos que têm por função a preparação do jovem no exercício da alteridade, um ser capaz de sair de si mesmo, do seu mundo fechado em busca da compreensão da realidade do outro, seja empático na procura da apreensão dos olhares não só do singular mas da coletividade.

É nesse contorno que entendemos a educação como ponto basilar na construção da autonomia do sujeito. Assim, pensar as práticas do ensino de Filosofia, tomando como alusão as ideias platônicas, significa redescobrir valores, observar posturas que aos olhos acrílicos podem ser irrelevantes. É com base nesse pensamento questionador e dialógico que os professores de Filosofia são desafiados a pensar sua prática pedagógica em busca de uma formação integral de sujeitos que se sintam desafiados a problematizar, pesquisar, dialogar em busca de respostas, exercitar o pensamento de maneira a promover a harmonização entre teoria e prática.

Diante do exposto e da intenção aqui insinuada, esta dissertação será desenvolvida e organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos o processo educacional platônico, destacando elementos que potencializem a arte de aprender e a educação do homem desde os seus primórdios. Para compreendermos melhor a formação do homem grego, perpassaremos os caminhos que nos levam às interpretações do pensamento platônico no Livro VII, de *A República*, com atenção especial ao *Mito da Caverna*³.

A abordagem será com ênfase nas relações problemáticas que fazem com que o professor de Filosofia, ao se libertar das amarras conteudistas e enciclopédicas, adote uma postura mais crítica e reflexiva em suas aulas. O objetivo aqui é encontrar embasamento teórico que nos guie em direção a uma prática de libertação do ato de ensinar e aprender, que permita que esse processo seja mais livre e autônomo e desencadeie no desenvolvimento de um ensino à luz do poder transformador, crítico reflexivo do seu aluno.

³ O Mito da Caverna, também conhecido como Alegoria da Caverna.

Na *Alegoria da Caverna*, é possível entender que a percepção de educação platônica remete a uma prática que promova a libertação da caverna, do mundo das sombras, da opinião que se coloca enquanto fator de aprisionamento, tanto do corpo físico quanto da ascensão da alma. Essa libertação aponta para uma educação que objetiva a formação intelectual e filosófica que, por sua vez, não é acessível a todos. O processo de subida ou de saída da caverna, segundo Lazarini (2007), pode ser doloroso, pois exige que o prisioneiro abandone a escuridão para se aventurar fora do mundo em que está acostumado.

Lazarini afirma que “[...] a concepção de educação platônica está associada, portanto, à prática do bem. O bem só pode ser praticado através da busca da verdade, do amor pela sabedoria, e através do esforço reflexivo de cada um” (LAZARINI, 2007, p. 47). Salienta-se que ao considerar o mundo das opiniões como o nível baixo, contraditório e afetivo, e a episteme como o nível mais alto, no qual só ciência, por meio da razão, pode alcançar, conclui-se que toda educação exige preparação para se alçar o nível superior, sendo necessário trilhar muitos caminhos para se chegar ao conhecimento verdadeiro, do bem.

No segundo capítulo, trataremos de temas referentes à prática pedagógica abordados na obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire. O autor reitera que “[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 61). Novamente, Freire aborda o tema da educação como algo particularmente humano e como um modo de interferir na realidade, consonante à ideia de ação-reflexão humana para a transformação do mundo.

Em linha gerais, o intelectual critica a educação dominadora e aconselha o trabalho em prol de uma educação libertadora. Nesse sentido, pretendemos, nesse capítulo, abordar aspectos que envolvam a docência, refletindo sobre as contribuições teóricas que elevam as práticas pedagógicas à construção de autonomia. Discutiremos também a utilidade dessas práticas no ensino de Filosofia, em sintonia com Paulo Freire. Esse diálogo mostra-se frutífero, devido à atenção singular que esse autor dispensou para pensar a autonomia pedagógica e as contribuições para o estudo da Filosofia.

Na proposta de intervenção, o enfoque direciona-se para uma sugestão metodológica que tem como objetivo apresentar implicações pedagógicas desenvolvidas por meio da leitura e escrita filosófica. Na proposta das atividades considerar-se-á a possível construção do conhecimento autônomo nos estudantes, do tendo em conta a exigência do atual contexto de cidadãos críticos, fluentes e participativos.

É de bom senso frisar que a pretensão em melhorar a autonomia dos jovens no que concerne a fluidez nas produções de leitura e escrita, concebe-se, neste trabalho de pesquisa,

não apenas em uma perspectiva individual, mas também no antro coletivo. Ressaltando que em um processo dialético “[...] ensinar inexistente sem aprender e vice-versa” (FREIRE, 2002, p. 12).

Pretendemos, outrossim, compreender como a prática pedagógica pode suscitar a dinâmica de pensamento, concomitantemente à ideia de autonomia do pensar e agir do ser. Para isso, apresentaremos um trabalho de intervenção focados na leitura e na escrita, de jeito a despertar e conhecer a realidade, por meio do exercício do pensamento que conduza ao saber crítico, propiciando, assim condições efetivas para a “Fuga da Caverna”.

Fugir da caverna propõe desviar dos conhecimentos prontos e pré-programados; é a possibilidade de sair das sombras políticas, morais e epistemológicas desfavoráveis aos saberes necessários à formação do sujeito. Nessa abordagem de ensino da Filosofia, pretende-se analisar como problema filosófico o ato de ensinar e aprender, que se encontram enraizados na proposta pedagógica institucionalizada sob uma visão baseada, unicamente, na transmissão de saberes.

No desenvolvimento desse trabalho, a reflexão transcorrerá entre a dimensão filosófica e a prática pedagógica adotada, pautadas pelo desejo de uma compreensão mais eficaz sobre as práticas de ensino da Filosofia bem como a percepção do processo da aprendizagem e as ferramentas que podem ser adotadas para se obter um resultado satisfatório.

Cabe salientar que, em algumas instituições, o ensino da Filosofia apresenta-se tanto no Ensino Médio como no Ensino Fundamental. Assim, é necessário observar que as estratégias ou recursos didáticos e pedagógicos apresente-se coerentes à idade e maturidade dos discentes envolvidos. No que diz respeito ao conteúdo, há de se ponderar, ainda, que o professor de Filosofia tenha clareza do seu plano de estudo, ministrado em sala de aula bem como os recursos utilizados que melhor auxiliarão na compreensão do que será exposto .

Essas não são simples questões metodológicas, podemos tomá-las um problema filosófico a ser articulado e pensado, no intuito de propor uma reflexão mais elaborada a despeito dos saberes necessários para o ensino de Filosofia. Assim:

Após isso entra na questão da diversidade filosófica, com seus temas e seus autores, inferindo que sendo um ato de transmissão, seria possível ensinar de forma semelhante temas e autores diferentes. E assim sendo, se for só isso, não há uma relação entre filosofar e o como se ensina Filosofia. Entra também na questão que seriam diferentes formas de didática para se ensinar a Filosofia, de acordo com aquilo que se julga ser Filosofia, mas mesmo isso não se traduz na continuidade do fazer Filosofia como parte de seu ensino. Para ele deve se considerar que o professor possa fazer Filosofia, indo além de uma definição formal (FELICIANO, 2019, p. 2).

Logo, podemos compreender que estudos e pesquisas bem como os conhecimentos obtidos por meio da Filosofia ligam-se ao ensino, direcionando-nos a uma postura metodológica que não abandona a reflexão ou a atitude do filosofar, da mesma forma que o ato filosófico não se distancia da instrução. Quanto a isso Tavares nos orienta:

Encontrar uma prática de ensino que se aproxime daquilo que é próprio da Filosofia, possibilitando ao aluno uma emancipação intelectual, deve ser umas das tarefas incansáveis do professor que tenha pretensão de mestre emancipador. Assim, para proceder na identificação de qual será o procedimento metodológico mais aplicável ao Ensino de Filosofia, numa proposta emancipatória, é necessário perceber se ocorre a atuação ativa do aluno (TAVARES, 2019, p. 21).

Na empreitada que traçamos em busca da emancipação, temos que abraçar a Filosofia e afagá-la, pois é ela que tem por função projetar e implementar vias de efetiva mediação histórica que produz a transformação no indivíduo. E, do mesmo modo, por favorecer meios para o conhecimento criativo e crítico, estrutura e cria caminhos fluentes, sinalizadores da dignidade humana.

Pode-se dizer que um dos propósitos relevantes no ensino da Filosofia relaciona-se com a sugestão libertadora da experiência do pensar, como o desenvolvimento da autonomia como parte do processo emancipatório do sujeito. Elencar uma prática significa desenvolver meios que aproximem os alunos daquilo que é próprio à área filosófica, oferecendo-lhes as condições primordiais que vislumbrem a emancipação intelectual. Essas são as intenções que nos inspiram na contribuição desta prática que norteará o professor de Filosofia.

A educação como prática de intervenção é vista como mediadora, atenta ao investimento de forças construtivas e emancipatórias na construção coletiva e solidária. Um indivíduo não pode ser inserido no mundo do trabalho municiado de uma formação dogmática. Nesse caso, a educação explora os conhecimentos, tornando-os significativos em qualquer nível. Não se pode conceber a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem desvinculado do processo de construção de conhecimentos filosóficos. Conhecimentos esses que pautados por outras ciências humanas impulsionam a formação necessária. E a Filosofia faz parte de uma delas, pois pressupõe um modo intrínseco do pensar relacionado ao refletir criativo.

Por isso, por meio da proposta de ensino que será apresentada, neste trabalho, fomentaremos as práticas que envolvam as leituras de textos, de gravuras, de ilustrações e a produção da escrita textual. Com isso esperamos estimular a autonomia dos discentes, levando-os a selecionar o que é produtivo em seus estudos e também a resistir o que é mera acumulação de conhecimentos.

Ao refletirmos sobre as razões que nos encaminham para a escolha dessa abordagem como ponto introdutório dos nossos estudos, deparamo-nos com questões implícitas que rodeiam a formação do professor de Filosofia. Isso porque ele é conhecido como aquele que procura nos alicerces da sociedade e nos conhecimentos as estratégias metodológicas que diante da realidade de cada um, ofereçam um ponto de partida para transformação individual.

Um outro aspecto a ser considerado diz respeito às condutas que contribuem para a formação desse profissional, que se aventura no trabalho com conceitos, ideias e reflexões que compõem a vasta área da Filosofia, e se apresenta como “amigo da sabedoria”. E, nesse contexto, há que se discutir a possibilidade de junção de expectativas distintas que enfatizem o processo de educação com destaque para o aprimoramento do conhecimento filosófico que poderá vir a fazer com que o educando se sinta, também, um “amigo da sabedoria”.

Já que a Filosofia traz em sua essência o questionamento, a argumentação, a crítica e a retórica como suas principais características, compreender e defender de maneira argumentativa que a educação está de alguma forma vinculada à Filosofia nos leva a traçar novos caminhos de pesquisa. Assim, vamos tratar a educação com a ideia da Paideia platônica, interrelacionando o vasto campo da Filosofia com propostas de ensino, em uma abordagem mais simplificada que permita uma interação entre os educandos, considerando a sua faixa etária.

1 CAPITULO I

1.1 O Ensino da Filosofia como Problema Filosófico

Sabidamente, apresenta-se Platão como um dos filósofos que mais se dedicou aos estudos de variados temas concernentes ao aprendizado e à experiência humana. Em suas escrituras, o pensador descreve com primor teorias que nos levam a refletir filosoficamente sobre a vida, a justiça e o bem supremo. Dentre elas, encontra-se a obra que se faz presente neste trabalho de pesquisa: *A República*; precisamente o Livro VII. Nela o pensador apresenta uma importante alegoria: *O Mito da Caverna*, que versa sobre a representação do homem que, liberto das sombras do obscuro, percorre o seu caminho a luz do conhecimento verdadeiro.

A República é um dos mais importantes tratados sobre a educação já documentados. Nele trata-se o tema da ignorância como uma profunda estagnação do saber, oriunda do estágio de contemplação das sombras, em que o sujeito se encontra acostumado a viver, cercado por conhecimento superficiais e de mera aparência ilusória. Para sair desse estágio de contemplação, é necessário que o indivíduo seja capacitado a reinventar-se, intervir e até mesmo ir em busca de forças exteriores que o ajude a se libertar do que o aprisiona.

A partir das reflexões propostas pela *Alegoria da Caverna*, comparando a situação do prisioneiro da caverna com a do sábio ou daquele que foi capaz de ascender, aventurando-se na árdua subida da caverna em busca da luz do conhecimento verdadeiro, pensamos em qual seria a posição do professor de Filosofia: Contempladores das sombras? Sábios? Aquele que liberta o prisioneiro da caverna?

Muitas vezes, levamos esse texto para nossas aulas e o apresentamos para nossos alunos, demonstrando o papel do filósofo, reforçando a importância de sair do estado de ignorância, de se arriscar na busca pela liberdade; enfim, “sair da caverna”. Entretanto, faz-se necessário apresentar-lhes também o auxílio, a fim de que consigam delinear o caminho de saída da “caverna” e, dessa maneira adquirir autonomia e a liberdade que também são condições intrínsecas ao ser humano.

Acreditamos que o papel do professor de Filosofia consiste em promover um diálogo, no qual o estudante perceba as diversas cavernas e as possíveis sombras que há de se contemplar na sociedade contemporânea. É importante que, ao trabalhar o tema, percebam que a busca do conhecimento – por mais doloroso que seja – vale o esforço. Isso porque oportuniza quem busca a oportunidade de exercitar o pensamento de forma autônoma e transformadora –

condições que, entrelaçadas em um processo ensino aprendizagem oferecem, uma compreensão mais investigativa e coerente da realidade.

Nesse sentido, pretendemos, aqui, compreender os desafios que cercam a prática pedagógica no ensino de Filosofia, em observância às diretrizes curriculares nacionais que propõem uma reflexão sobre a educação do homem ao longo dos tempos. Para tanto, fundamentamos nossa discussão em torno dos conceitos de educação e os valores sociais que influem na formação do homem. Tomamos, neste trabalho, o ensino de Filosofia como um problema filosófico, pensado desde os primórdios da humanidade.

O povo grego é o povo filosófico por excelência. A “teoria” da filosofia grega está intimamente ligada à sua arte e poesia. Não contém só o elemento racional em que pensamos em primeiro lugar, mas também, como indica a etimologia da palavra, um elemento intuitivo que apreende o objeto como todo na sua “ideia”, isto é, como forma vista (JAEGER, 2013, p. 10).

Primeiramente, lançamos mão da definição de educação como Paideia. Do verbo *paidós* (criança), Paideia relaciona-se à “criação de meninos”, uma referência à educação familiar. Tem como significado: instruir, formar, ensinar valores, técnicas, ofícios. Assim, o sentido se aproxima do conceito de *techne*⁴. Paideia adquire nuances ligadas ao emprego de expressões como civilização, cultura e educação.

Há nela a ideia de educação como cultivo, na qual eleva-se o ensino de valores e conhecimentos necessários ao indivíduo, pautados, ainda, na concepção de educação integral, que busca a formação plena do ser humano, com o objetivo de instaurar um ideal social que faça parte da comunidade e seja responsável por seu desenvolvimento.

Paviani (2010) descreve a paideia grega, avultando a dificuldade colossal de que se faça a apreciação e de interpretação do julgamento favorável e originando uma perspectiva da educação contemporânea. Embora, a respeito do problema de compreender o contíguo de conexões mais correspondentes ao que, verdadeiramente, constituiu a paideia, Paviani (2010) salienta que permanecemos perante de um enigma que extrapola o procedimento empírico, (co)ordenando que todos façamos reflexões e que tenhamos o entusiasmo para interpretar todas as nuances da paideia grega.

A base do conhecimento técnico advém de uma conotação mais científica. Segundo Platão, o conhecimento é o bem mais importante que o homem pode ter e é o único bem do que

⁴ Concepção de educação que visava à transformação. O aprendizado era de caráter técnico, em geral restrito aos escravos e, como ofício, era transmitido de pai para filho.

não pode ser perdido. Considerando neste trabalho que a educação promove transformações e molda o caráter, por isso indispensável à construção de um conhecimento duradouro, que ultrapassa a simples repetições..

Desse modo, o conceito de Paideia refere-se às mais variadas experiências educacionais e culturais que intencionem o desenvolvimento do sujeito, partindo do ideal de formação humana e da capacidade de aprender. Jaeger (2013) procura traduzir as práticas educativas que mais contribuíram na história das ideias pedagógicas. Entre elas, podemos citar a Paideia homérica, sofística e socrático-platônica.

As ideias pedagógicas surgem como fruto do contexto histórico e formam ideais e objetivos a serem alcançados. O homérico traça o ideal de excelência humana, alcançada a partir da prática da arte. O ideal sofístico busca a formação adquirida pela prática da retórica, que inclui: expressar-se apropriadamente, o cidadão completo, o homem e seu lugar na sociedade. O socrático-platônico tem seu ideal na *Kalokagathia*⁵, ditada pelo aperfeiçoamento da alma do cidadão, formação de um tipo superior de homem que vai além dos sentidos.

Para uma melhor compreensão sobre a educação na antiguidade, apresentaremos uma digressão histórica baseada na educação dos gregos. Nessa perspectiva, a definição de educação como *Paideia*⁶, na visão grega, nos permite considerá-la como um problema filosófico, já que, a partir dela, apresenta-se a questão de a formação do homem como ser social observado na condição de “ser que não basta a si mesmo” (PLATÃO, 2000, Rep. II, 369b.). Para tanto, buscaremos como fundamento teórico a obra *Paideia: A Formação do Grego* (2013), do autor Werner Jaeger⁷. A intenção é desenvolver o conceito de Paideia, construindo-o em contraposição à concepção de educação presente no contexto social atual.

A educação grega era centrada na formação integral em partes dos indivíduos; na prática, antes da criação da escrita, as crianças eram instruídas pela família, conforme a tradição religiosa. Os gregos desenvolveram a escrita utilizando o alfabeto fenício, composto por 22 letras. Por volta do século VII a.C, com a composição de todas as consoantes e vogais surgiu o alfabeto latino, que atualmente é um dos mais utilizados e considerado como base dos alfabetos da Europa Ocidental.

⁵ (καλοκαγαθία) é um conceito grego derivado da expressão kaloskaiagathos (καλός και αγαθός) que significa, literalmente, algo belo (καλός) e bom/virtuoso (ἀγαθός). Na aristocracia ateniense, era muito utilizado para se referir ao homem ideal ou perfeito.

⁶ Paidéia, do grego *paidós* – proposta de formação humano-intelectual dos cidadãos gregos que busca a excelência humana.

⁷ Werner Wilhelm Jaeger foi um filólogo alemão, professor em Harvard, publicou *Paideia* em 1933, obra em que concentrou seus esforços para analisar as ideias e as práticas de educação da Grécia antiga, buscando demonstrar que essas ideias e práticas fundamentaram os sistemas educacionais e pensamentos da atualidade.

A educação era elitizada, e atendia apenas os jovens de famílias tradicionais e comerciantes. Em Esparta, os militares tinham uma organização com ênfase na educação física, com objetivo de formar soldados. Na educação espartana, o processo de ensino era delegado ao estado, se os sujeitos fossem meninos; e, às mães, no caso de meninas. Já em Atenas, a formação era considerada integral: do corpo e da alma – *Paideia*. Os atenienses acreditavam que a pólis se tornaria forte se cada um desenvolvesse integralmente suas melhores aptidões.

O objetivo era formar indivíduos completos, com preparo físico, psicológico e cultural. No ambiente educacional, os jovens estudavam música, arte, filosofia e faziam atividades físicas para a manutenção da saúde do corpo. No entanto, poucos tinham acesso à escola. Nesse contexto, o ensino era ofertado aos cidadãos, e o trabalho braçal era destinado aos escravos.

A *Paideia* grega alude à cultura construída a partir da educação, voltada para a liberdade, nobreza e a formação do homem, de maneira que esta possibilite o desenvolvimento da consciência crítica como fator de humanização, tanto no passado, como hoje. É de fundamental importância elucidar alguns conceitos que possam nos conduzir a uma melhor compreensão dos atributos de formação do homem, com o conceito de *Paideia* até então apresentado.

Cabe elucidar ainda que, na concepção grega, esse é um processo de educação puramente humano, transmitido por gerações em um ensinamento que busca uma formação do corpo e da mente que perdure por toda a vida. Criada por volta do Séc. V a.C., *Paideia* designa o ideal de constituição da educação por meio do desenvolvimento moral que procura elevar o homem não somente ao patamar de cidadão, mas também à formação humanística.

Um outro conceito que devemos nos ater é o de *Arete*⁸ – designativo do ato de ser o melhor naquilo que se faz. Nesse contexto, a virtude está ligada à excelência, à perfeição e harmonia do ser que pode ser atestada, por meio de sua convivência com os outros membros da sociedade e com o reconhecimento do padrão de nobreza para o homem grego, no que diz respeito à atuação política.

Nessa perspectiva, o objetivo fundamental da educação era a formação do homem individual, tendo em mente a formação do cidadão perfeito, que viesse intervir nas decisões políticas da pólis, quando lhe fosse requerido. O ensino tinha a justiça como fundamento e a abrangência do processo educativo não estava somente na técnica de preparação da criança, mas na garantia para toda a vida adulta.

A Pólis Grega do séc. V a.C., denominada Grécia Clássica, é marcada por uma grande evolução na educação. Com os sofistas, há um novo marco de sustentação, baseado na ação

⁸ Arete é o ideal educativo que surge no fim da época Arcaica (*Kaloskagathia* – *Kolos*, beleza / *Kagatos*, bondade) com os atributos que o homem deve procurar realizar.

discursiva – um novo caminho para o domínio da palavra e do debate nos assuntos relacionados à política ganhavam nova importância. A *Paideia* aristocrática que visava à formação do guerreiro acreditava que não se ensinava a ser um cidadão, mas que essa competência era inata.

Essa *Paideia* é substituída pela *Paideia* sofista que era voltada para a formação cônica do cidadão da importância da retórica para a democracia. Tendo em vista que a pólis realizava-se mediante as ações e decisões articuladas pelo homem com essa constituição. Assim, o conceito de *Arete*, focado na disciplina e em fazer da melhor maneira, aponta para a formação do cidadão participante na vida política.

Nessa circunstância, o modelo de educação dividia-se da seguinte forma: as meninas ficavam com as mães, aprendendo os afazeres domésticos; enquanto os meninos de famílias abastadas, podiam, a partir dos 7 anos de idade, ter aulas com professores contratados. O repertório de disciplinas incluía o ensino de música, gramática, geografia, história natural, retórica e filosofia, com o objetivo de formar o homem como cidadão ético e moral.

Esse ideal educativo proposto para durar por toda vida é pautado por hábitos, costumes e práticas, tornando-se o conhecimento verdadeiro de natureza científica. O modelo ultrapassa o espaço da escola e vai ao encontro da formação do homem no seu mais alto valor: a elevação de sua perfeição humana física, mental e espiritual para que, assim, ele possa fazer parte da organização da pólis tanto política quanto social.

Vista como uma forma de educação maior, o modelo grego visava não só ao desenvolvimento de capacidades cognitivas, mas ao preparo do indivíduo para viver na pólis. Nesse sentido, as dimensões de formação humana, afetiva, física e cultural eram vastamente consideradas. Na formação do homem individual – que tem o indivíduo como ponto de partida – levava-se em consideração a vocação e escolha do indivíduo, voltada para o ideal pautado no belo e no bom *Kaloskagathia kalos* – belo, beleza e *kagatos* – bondade, bom.

Esses atributos, segundo Werner Jaeger (2013), eram vistos como ideais na formação do homem, traduzidos na força e estética do corpo, na beleza, na forma física, na bondade e na justiça que juntas formavam o caminho da virtude. Todo modelo de formação anterior a Platão buscava o ideal *Aristoi* – o homem aristocrata, aquele que é o melhor na sociedade, segundo os princípios de virtude e bondade. A noção de *Arete* vai ao encontro desses princípios, ao considerar que a retórica, o apelo pela força física, que era venerada nos heróis homéricos – a astúcia e a prudência referiam-se às características virtuosas.

A retórica é a fundamentação da educação sofista, porque nela subtende-se a dialética. As decisões envolvem a vida em sociedade e assim os sofistas tornam-se os melhores representantes da nova *Paideia* que postulava uma formação formal e espiritual, não vindo o

homem de modo abstrato, mas como agente participativo na coletividade. Com isso fica estabelecido intenso vínculo entre a educação e o mundo dos valores, implantando a formação espiritual no contexto da Arete. No caso, “[...] o espírito deixa de ser percebido como algo puramente intelectual, formal, ou de conteúdo, passando a ter um vínculo mais íntimo com as categorias sociais” (JAEGER, 2013, p. 342-343).

O que se apresenta é que virtuoso configura-se naquele que cultiva na força do corpo sua importância, não deveria ultrapassar a necessidade de aprimorar o *logos* por meio da lógica da linguagem, do raciocínio, aprofundados a partir da reflexão filosófica discursiva. Desse modo, o homem passa a unir a virtude (Arete) com o trabalho mais apropriado da retórica e da oratória. Considerados fundadores da ciência da educação, os sofistas tinham seu foco no ensinamento dado aos nobres, que esmeravam a arte de governar bem a pólis.

A Paideia sofista primava por uma educação política pautada na persuasão. O governante deveria ser capaz de persuadir, convencer e obter superioridade e triunfo na assembleia (JAEGER, 2013). Dedicados à formação do homem político e do bom orador, a Paideia sofística faz-se presente por uma mistura de matérias, ao passo que a Paideia socrático-platônica via seu desenvolvimento no trato da “alma” do homem.

Uma Paideia interior, ética, voltada para a capacidade racional, com intuito de formar um tipo superior de homem, que cultivasse as virtudes da alma e do corpo com o objetivo de se elevar para além dos sentidos. Sócrates e Platão assessoram no surgimento da Paideia filosófica, que vai além da contemplação das coisas para a busca da essência inteligível e da ideia do bem, como está descrito no Livro VI de *A República*.

Após essa breve exposição em torno dos vários significados que envolvem os dois modelos de formação gregas: Arete e Paideia, tidos como princípios educativos que influenciaram a formação humana, vamos pensar a educação descrita por Platão, em *A República*, especialmente, no Livro VII com a *Alegoria da Caverna*. O objetivo é compreender os movimentos produzidos pelo autor ao retratar os momentos essenciais da concepção educacional.

Platão anteviu um sistema de ensino que movimentava toda sociedade para formar sábios e desenvolver a virtude, agregada a uma dimensão ética e política. O objetivo educacional era a formação do homem moral dentro de um Estado justo. Sucessor de Sócrates (465-399 a.C) e mestre de Aristóteles (384-322 a.C), de família aristocrata mergulhada na política e muito considerada em Atenas, Platão teve uma educação clássica.

Preparado para atuar em jogos e para a guerra, aprendeu música e literatura, frequentou os sofistas para adquirir conhecimentos de retórica, necessários para a participação na vida

política. Conheceu Sócrates, em Siracusa, e estabeleceram laços de amizade; na ocasião, associou-se ao seu pensamento, tornando-se discípulo socrático. Naquele momento, começou a questionar a formação que havia recebido e os modos de vida aos quais estava submetido, problematizava os princípios em que assentava a política de seu tempo, criticando-a.

Destarte, Platão rejeitava a educação sofista que transmitia conhecimentos técnicos, sobretudo os de oratória. Na concepção presente em *A República*, a educação deveria ser para todos e por toda a vida e não apenas na juventude. A educação, para o filósofo, deveria ser responsabilidade do Estado.

Contrário à democracia, via nesse sistema uma estrutura que concebia poder apenas aos nobres e pessoas desesperadas pelo ímpeto de governar. Com a condenação e morte de Sócrates, considerado “o mais sábio e justo dos homens”, ele convenceu-se de que a democracia deveria ser substituída, deixando no poder apenas os sábios.

É na origem e forma como as ideias relacionam-se com os objetos que pensaremos a *Alegoria da Caverna* de – *A República*, metáfora criada para explicar a condição de ignorância em que vivem os seres humanos. Na alegoria, Platão destaca a importância de o sujeito sair de um estado de sombras para o mundo real, em busca do conhecimento verdadeiro.

Platão foi um visionário, um empreendedor de uma educação qualificada capaz de preparar o homem para as diversas e nobres tarefas, inclusive governar. Ciente de que uma boa educação revela a parte mais nobre do homem, sabia que, sem educação seriam as mais torpes mazelas do ser. Há que se ter em mente que o percurso é íngreme e duro como a subida do prisioneiro filósofo, em direção à luz que liberta da ilusória acomodação que a caverna escura proporciona. Ser liberto, verdadeiramente, está explícito no fato de ter uma alma inquieta, curiosa, ávida por conhecer a verdade.

Nesse sentido, Platão desenvolve um processo educacional que visa à formação do bom governante; o ideário pedagógico de uma educação libertadora encontra-se nas entrelinhas da afamada *Alegoria da Caverna* que traz como ponto fundamental características do método dialético, pressuposto na crítica doxa, em direção à verdade. O método dialético se desenvolve por meio do diálogo, desapega-se das opiniões e as coloca sob o crivo da reflexão crítica.

A educação integral do ser humano fundamenta-se pela liberdade e domínio de si. Platão empreendeu um sistema de pensamento que busca a emancipação e libertação tanto da alma quanto do corpo. Desse modo, o processo educacional platônico faz referência às atuações pedagógicas que contribuem para uma educação libertadora e emancipatória da autonomia do indivíduo.

Segundo a tradição interpretativa, a *Alegoria da Caverna* apresenta recursos pedagógicos que descrevem a teoria das ideias, a passagem do mundo sensível⁹ para o inteligível¹⁰.

Por consequência, para melhor compreender o processo pedagógico proposto por Platão é necessário também entender, *a priori*, as linhas centrais pelas quais passa sua produção filosófica. Seu pensamento constrói-se sob a distinção de duas realidades, o mundo inteligível, no qual se formam as formas perfeitas, eternas e imutáveis. Sua organização perpassa pelas matemáticas e culminam na ideia de Sumo Bem. De encontro à realidade inteligível, há a realidade sensível, cópia deformada do mundo das ideias.

Platão apresentou o processo educacional de forma detalhada, descrito no Livro VII de *A República*. Nele, deparamo-nos com a essência do pensamento filosófico platônico e, conseqüentemente, com os pilares de sua proposta educacional. No diálogo entre Sócrates e Glauco, Platão expõe suas ideias acerca de uma sociedade na qual o filósofo deva exercer uma função político-pedagógica, em que o conhecimento e a dialética são meios pelos quais o indivíduo sai das sombras, livra-se das correntes e vai ao encontro do conhecimento autêntico, verdadeiro. O filósofo reitera que:

A educação é, portanto, a arte que se propõe este fim, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de operá-la; ela não consiste em dar a vista à alma, pois que esta já o possui; mas com ele está mal disposto e não olha para onde deveria, a educação se esforça por levá-la à boa direção (PLATÃO, 2014, p. 270; 518d).

A dialética é o método utilizado para explicar o percurso traçado pelo prisioneiro liberto da caverna. É o processo pelo qual o homem livre pode retornar à caverna para libertar os companheiros, valendo-se do diálogo, propõe novas experiências para convencê-los a se libertarem das amarras que os aprisionam no interior da caverna. Para que o diálogo aconteça, se fazem necessárias duas categorias: uma que negue e a outra que afirme a existência de um mundo superior em contradição a um mundo inferior.

⁹ “Mundo Sensível” consiste no que é material, ou seja, a imagem das ideias. Segundo Platão, o Mundo Sensível é aquele em que se encontra a maioria das pessoas, aprisionadas no mundo iluminado, no qual somente podem ver sombras de imagens manipuladas por outros, tanto na sua forma, como na sua dimensão. Disponível em: <https://www.significados.com.br/inteligivel/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

¹⁰ O chamado “Mundo Inteligível” é baseado no ideal de que o indivíduo consiga fazer de algo, ou seja, a ideia que as pessoas possuem das coisas na realidade. Para o filósofo, o mundo inteligível é aquele que produz o conhecimento baseado na razão. Diametralmente, está o mundo sensível pautado nas sensações do indivíduo. Disponível em: <https://www.significados.com.br/inteligivel/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Segundo Platão, a caverna é o mundo sensível onde vivemos. Há nela um feixe de luz que adentra e projeta sombras na parede, reflexos da luz verdadeira (as ideias) sobre o mundo sensível do qual somos os prisioneiros. As sombras são as coisas sensíveis que tomamos como verdadeiras na realidade em que habitamos; os grilhões são nossos preconceitos, nossa confiança nos sentidos e opiniões.

Continua nos esclarecendo que instrumento que pode auxiliar na quebra dos grilhões, e nos levar rumo à escalada do muro, é a dialética. O prisioneiro, por sua vez, é curioso, tem desejo de conhecer, vai em busca de novos saberes; ele deseja escapar, por ser ele o filósofo. As luzes que ele vê, pode-se dizer, representam os conhecimentos que buscamos a todo instante de maneira fundamentada. Essa é a luz plena do Ser, isto é, o Bem que ilumina o mundo inteligível como o Sol ilumina o mundo sensível. O retorno à caverna é o diálogo filosófico.

Os anos que foram gastos na criação de instrumentos para sair da caverna são os esforços da alma para produzir a "centelha" que será a inspiração necessária para fazer o percurso de subida rumo à luz. Se libertar-se da ignorância, arrebentar os grilhões, alcançar a liberdade é possível pela via do saber e conhecimento verdadeiro. Pode-se dizer então que conhecer é um ato de libertação e de iluminação, como descreve a “Carta Sétima”:

Considere agora o que lhes sobreviverá naturalmente se forem libertos das cadeiras e curados da ignorância. Que se separe um desses prisioneiros, que o forcem a levantar-se imediatamente, a volver o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos à luz: ao efetuar todos esses movimentos sofrerá, e o ofuscamento o impedirá de distinguir os objetos cuja sombra enxergava há pouco. O que achas, pois, que ele responderá se alguém lhe vier dizer que tudo quanto vira até então eram apenas vãos fantasmas, mas que presentemente, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com maior exatidão? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas passantes, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é isso? Não crês que ficará embaraçado e que as sombras que via há pouco lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que ora lhe são mostrados? (PLATÃO, 2014, p. 264; 515d).

A dialética, nesse contexto, poderá ser o movimento ascensionário de libertação de nossa cegueira ou mesmo dos impulsos da ignorância que não nos deixa ver a luz das ideias. E motivo pelo qual o homem, hora liberto, resolve retornar à caverna para ensinar a saída aos que ainda permaneceram. Nessa dinâmica, pode-se considerar dois movimentos: o de ascensão, que vai da imagem à fé, à crença ou doxa, a opinião para a matemática. E, mais tarde, para a intuição intelectual e à (episteme) ciência; e o de descenso, que consiste em praticar com outros o trabalho para subir até a essência e a ideia. Esse é implementado por aquele que foi capaz de contemplar as ideias no mundo inteligível e retorna à caverna junto aos que ainda não as contemplaram, com o objetivo de ensinar-lhes o caminho.

Em um diálogo denominado Mênon, Platão afirma que o conhecimento possui razões capazes de justificá-lo, em contrassenso à opinião. Por isso, desde Mênon¹¹, o filósofo reitera que não é possível ensinar o que são as coisas, mas ensinar a procurá-las.

A dialética é a técnica metodológica e libertadora utilizada para explicar o percurso traçado pelo prisioneiro que sai da caverna. Ela o leva a perseguir o conhecimento autêntico, o que, metaforicamente, chama-se de “abertura dos olhos do espírito”. A aventura da subida e, mais tarde, a descida imprescindível expõem a Paideia, qualificando-a como uma dupla violência necessária.

Acertadamente, a subida em direção à saída mostra-se difícil e dolorosa, quase insuportável; já o retorno qualificamos como uma imposição desconfortável à alma libertada. Agora, forçada a abandonar a luz e a felicidade para libertar aqueles que ainda se encontram na caverna. Nesse sentido, a dialética como técnica é uma atividade desempenhada contra a passividade; um esforço que se consolidará no trabalho de um ser que busca alcançar a contemplação de sua própria natureza.

Na alegoria, a dialética faz a alma ver sua própria essência *eidós* – conhecer o âmago ideia, o objeto do conhecimento e descobrir seu parentesco com elas. O que é qualificado como “violento” na subida em busca da luz do conhecimento, na verdade é libertador, uma vez que desliga a alma do corpo, forçando-a abandonar as sombras em busca do entendimento verdadeiro.

Desse modo, a educação para Platão não consiste em transmitir o saber superficialmente, mas despertar qualidades na alma para que seja capaz de se voltar para o Ser, fazendo com que as essências que possui em si floresçam. A educação com luz no conhecimento consiste em oferecer meios eficazes, pelos quais se possa caminhar em direção à luz, com objetivo de encontrar o caminho da contemplação do bem supremo.

Assim, o ideal proposto intenta por um mundo onde o ser humano esteja mais próximo do bem, uma formação para homens bons; que estejam atentos e não desviem do caminho certo. Nessa concepção platônica de educação, o bem só pode ser praticado quando se estar em busca pela verdade. Tudo que se intenta alcançar por meio da educação está além do sensível, e para alcançar o conhecimento verdadeiro que habita no mundo inteligível é necessário que o homem seja capaz de relacionar-se e interagir com os demais.

¹¹ Mênon é o nome de vários personagens importantes da Tessália. O Mênon histórico era originário da cidade de Farsalo, na Tessália, e pertencia a uma família nobre, ligada à Pérsia e, também, a Atenas. Confirma-se na passagem em que Sócrates diz ser ele “um hóspede, por herança paterna, do Grande Rei” (78d). (Cf. PLATÃO, 2001).

Faz-se necessário conhecer o universo onde vivemos, a materialidade das nuances ilusórias que o constitui, já que aquilo que é verdadeiro é imutável. Platão considera o mundo das opiniões como um nível baixo, contraditório, afetivo. A episteme, o nível mais alto, está na ciência, e só pode ser alcançada por meio do exercício da razão.

Nas interpretações do diálogo da *Alegoria da Caverna*, podemos entender a teoria das ideias ao observar a relação existente entre o mundo sensível e mundo inteligível. O sentido abrangente do Ser nos conduz a afirmação da existência de dois mundos, absolutamente, diferentes e separados: o mundo sensível da aparência, do devir, dos contrários; e o mundo imutável, inteligível.

Nessa realidade, buscamos compreender a significação de ontologia platônica¹². Entende-se que se trata da divisão da existência do mundo sensível (mundo das mudanças, das coisas) e o mundo inteligível (campo da identidade, permanência, verdade, das ideias e essência do ser), constituído pelo intelecto, sem intervenção dos sentidos e das opiniões.

Contudo, como trazer esses conceitos para a perspectiva pedagógica? Considera-se que a seriedade da educação, como meio de acesso do indivíduo ao mundo das ideias, seja um caminho promissor. Nesse sentido, a alegoria pode instrumentalizar os indivíduos e oferecer condições significativas para que o sujeito seja capaz de aventurar-se e empreender a passagem, de modo gradativo, do senso comum à visão crítica da realidade.

Encontramos, pois, na dialética platônica, o trajeto que indica o percurso que levará o indivíduo da doxa à episteme. Por meio do diálogo, pautado no exercício da razão, é possível conhecer a realidade que se apresenta oculta sob as aparências. Portanto, o método dialético qualifica-se pela busca incondicional da verdade *alétheia*; é a partir dele que se pode ultrapassar o mundo sensível.

Vale ressaltar que, quando posto em prática, a dialética equivale ao próprio ato de pensar, pois essa é a maneira pela qual o sujeito consegue chegar às conclusões, de modo seguro e objetivo, valendo-se de recursos argumentativos para alcançar a verdade estimada. Quanto a isso, Platão complementa que:

O método dialético é, portanto, o único que, rejeitando as hipóteses, se eleva até o próprio princípio a fim de estabelecer solidamente suas conclusões e que, verdadeiramente, retira pouco a pouco o olho da alma da lama grosseira onde jaz mergulhado e o eleva à região superior, tomando por auxiliares e ajudantes desta conversão as artes que enumeramos (PLATÃO, 2014, p. 290, 533d).

¹² Expressão de origem grega: *ontos* que significa “ser”, “ente”; e *logos*, “saber”, “doutrina”.

Na concepção platônica, a dialética é o meio pelo qual o indivíduo supera o senso comum, abandona o mundo sensível rumo ao mundo das ideias. Assim, o ato de filosofar motiva a prática deste estudo por proporcionar a procura de valores, ajudar na compreensão do meio social onde vivemos e como vivemos, como também é capaz de levar o indivíduo a uma reflexão transformadora de si mesmo.

Entendemos que a dialética em Platão apresenta-se como proposta inovadora da concepção de educação, ou seja, deixar os resíduos de uma educação de doxa, opinião, senso comum pertencente ao mundo das sombras ao mundo sensível. Seguindo, então, rumo ao mundo das ideias ao mundo inteligível, que se empreende com diligência na busca do conhecimento. Nesse sentido corrobora Teixeira:

A dialética possui um movimento ascendente e outro descendente. O percurso ascendente possui caráter sinótico. Consiste em “libertar-se dos sentidos e abstrair de ideia em ideia até alcançar a Ideia Suprema, no caso do Bem, fonte de ser e inteligibilidade” (TEIXEIRA, 1999, p. 47).

Desse modo, podemos compreender que a dialética constitui um proceder pelo qual a inteligência passa do sensível ao inteligível. É importante advertir que, para Platão, a opinião é ilusória, superficial, é rasa, sempre enganadora. Pode-se até ser que contenha traços de verdade, contudo não se pode configurar a verdade; estará sempre sujeita às alterações.

A opinião verdadeira em Platão implica indagação, questionamento que por sua vez tem por elemento fundamental a pesquisa e, por isso, busca pela verdade. É nessa vertente que a dialética prescinde da criticidade, da reflexão do questionamento da opinião. Nisso configuram as condições de busca que podem promover a discussão de ideias opostas, objetivando o encontro e a produção de novos saberes.

1.2 O texto filosófico como mediador para o ensino da leitura e da escrita nas aulas de Filosofia

O atual cenário político-educacional das escolas do Brasil passa por mudanças no que se refere à carga horária e não obrigatoriedade da disciplina de Filosofia. Mais do que nunca, pensar e refletir sobre meios que favoreçam a otimização do ensino de Filosofia é uma urgência. Nesse contexto, a leitura e a escrita nessas aulas foram os meios fundamentais de veiculação do pensamento filosófico. Assim, trabalhar textos clássicos de Filosofia, buscar práticas e

metodologias eficientes que promovam a aprendizagem tornam-se imperativos na atual circunstância.

O percurso da aprendizagem da Filosofia é exclusivo e, portanto, necessário de ser problematizado, como preocupação das disciplinas que se ocupam pelo ato do pensar. Sua expressividade evidencia-se, essencialmente, por meio do diálogo, da escrita e da leitura. No entanto, essas formas vêm sofrendo um acentuado desestímulo e, como consequência vê-se que a dificuldade em praticá-las têm afetado de modo significativo o ensino no contexto escolar.

Nessa conjuntura, como podemos pensar metodologias de ensino que auxiliem o educando na aquisição de competências leitora e escrita, a partir da *Alegoria da Caverna*, presente no diálogo platônico do Livro VII – *A República*? O que os estudantes compreendem no processo de leitura de textos filosóficos? Como resposta possível a essas questões, há a compreensão de que falta seguir uma estrutura teórica que fundamente uma intervenção na prática da leitura e da escrita, de modo a permitir que o estudante avance no campo do conhecimento filosófico.

O ensino da Filosofia pode contribuir de maneira significativa nesse exercício, de forma a associar os diversos conhecimentos acerca da leitura de textos filosóficos. Contudo, é preciso advertir que o professor é responsável por apresentar e colocar o aluno em contato com os mais diferentes textos e modalidades discursivas. Não se pode esquecer que a leitura filosófica detém atributos importantes na atividade filosófica. Entendemos que, na disciplina de Filosofia, os conteúdos a serem apresentados para os estudantes podem ser tanto os textos clássicos quanto outros materiais de apoio como vídeos, figuras, obras de arte, músicas. Desde que esses provoquem o exercício do pensamento.

Uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são tidos como tal ou porque seus autores são considerados “filósofos”, tendo em vista que se pode ler textos filosóficos sem estar praticando o ato de filosofar; e ler textos considerados artísticos, políticos, jornalísticos de maneira filosófica. O que faz a leitura filosófica é a atitude que se tem diante do objeto de leitura, o modo como o leitor o ler.

A postura leitora deve suscitar diferentes atitudes e formas do ato de “filosofar”. A “leitura filosófica” não se empreende a partir da simples aplicação de metodologias, ela é um exercício de escuta: quem lê deve aprender a escutar o que o texto diz – significados que vão além das letras e símbolos grafados nas páginas dos livros e textos. Muitas vezes, é por meio da leitura que entendemos o processo de construção histórico-social das relações estabelecidas entre homens de todo o mundo e de toda a vida.

A Filosofia, de modo enfático, mantém um diálogo constante com as outras ciências de modo a recuperar sua identidade, sua historiografia e outros aspectos que são relevantes na compreensão de um texto. É por meio do diálogo com as outras disciplinas que o leitor poderá ampliar seu mundo e pensamentos constituintes que o ajudarão na prática da leitura como exercício do pensar. O exercício da leitura é de fundamental importância no revide reflexivo para o trabalho com os textos filosóficos.

A partir disso, há ainda a possibilidade de estimular a desmontagem das regras de produção dos discursos. O contato com os textos e outros materiais que possibilitem a leitura de matrizes filosóficas que podem estimular o desenvolvimento da arte retórica, auxiliando os alunos a na composição de seu repertório com um poder argumentativo, crítico-reflexivo mais elaborado. Pois,

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixe da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora (FREIRE, 2002, p. 15).

Ao propor para o aluno uma leitura filosófica pretende-se, contudo, aproximá-lo da historiografia, do vocabulário filosófico, visto que leitura na Filosofia é algo imprescindível. É por meio do exercício de reflexão, leitura e interpretação dos textos – que vai para além das letras, dos signos ou símbolos – que se procura entender o que está escrito, se busca pela compreensão do que o texto apresenta, seus períodos, sua intertextualidade, indo ao encontro da inter-relação e conexões com a realidade circundante.

Paulo Freire, em sua obra intitulada *A Importância do Ato de Ler* (1989), afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 13). Nessa passagem, o autor reitera a importância da leitura no movimento do mundo no qual o sujeito está envolvido, assim, a leitura das palavras na escolarização ou na escrita nada implicaria na realidade do aluno, se não forem contextualizadas. Ademais, o processo de leitura proposto por Freire alude à percepção crítica, à interpretação e à reescrita do que foi lido pelo sujeito, o que poderá promover o autoconhecimento.

Sendo assim, observamos que Brandão (2009) faz uma análise sobre a importância entre tecnologias da leitura e da palavra escrita ao assegurarem que

A palavra escrita, por estar fixada num suporte material, adquire um caráter de permanência, diferentemente da voz, que é mais efêmera. A relação do leitor com esse material faz emergir a atitude crítica, isto é, o exame dos pensamentos e dos valores herdados da tradição. Em consequência disso, a obediência às autoridades tradicionais oral, gradualmente perde espaço para o julgamento individual, tornando o pensamento, nesse novo contexto, atividade individualizada, resultante do esforço da reflexão (BRANDÃO, 2009, p. 21).

Contudo, o papel do educador assume uma importância basilar, tendo em vista que a sua prática deve ser bem coesa. Na perspectiva freiriana “Educar e ser educado pelos educandos”, ou seja, uma educação que acontece de forma dialética, em que o professor e o aluno – impelidos pela afetividade – são capazes de ensinar e aprender ao mesmo tempo. Podemos observar que os esforços de dar sentido correto à compreensão do que é a palavra escrita, a leitura e as relações com o contexto do que se fala, de quem fala, lê e escreve perpassam, portanto, por uma afinidade entre a “leitura” do mundo e leitura da palavra.

Trabalhar as aulas de forma que haja diálogo entre o mundo escrito e o vivido, em prol do aprendizado dos alunos, é de fundamental importância, visto que, o que sustenta a atitude de dialogar é a reflexão filosófica. Ao proporcionar o contato com leituras passíveis de exercitar o vocabulário, de modo que possa ser compartilhado, interpretado e reescrito a partir de uma visão filosófica, propõe-se que o aluno desenvolva uma postura mais autônoma diante da leitura da realidade que o rodeia.

Similarmente, compreendemos que contribuições tanto da arte, como da literatura também podem auxiliar no desenvolvimento do diálogo e da reflexão. Isso sem prejuízo das outras atribuições que o ato de ler institui no desenvolvimento dos jovens. É nesse contexto que citamos como exemplo de leitura para o trabalho nas aulas de Filosofia um clássico da literatura, *Os Lusíadas* de Luiz Vaz de Camões – obra que, além de outras abordagens, retrata uma história de heroísmo inspirada nos clássicos da obra *Odisseia* de Homero.

Da mesma forma que uma das obras mais conhecidas na literatura universal, poderá ser compreendida como instrumento da metodologia e exemplo para o uso didático em sala de aula a “*Alegoria da Caverna*”, de Platão, um texto que abrange uma infinidade de temas: educação, política, religião, epistemologia também poderá, temas relevantes para a abordagem reflexiva. Além de mostrar pontos que possa retomar à historiografia da Filosofia.

A intenção, no caso, será promover um diálogo gradual entre o aluno e o texto, proporcionando um mergulho nos contextos filosóficos tramados pelo autor no diálogo com seu mestre. Nesse trabalho de leitura, será possível o reconhecimento de termos e sentidos que fazem parte da essência filosófica, com o propósito de sair das “sombras da ignorância”, estado em que a deficiência da leitura deixa muitos. Do mesmo modo, essa pesquisa sugere que os

alunos sejam direcionados pela interpretação crítica e pela construção de conceitos pessoais, a partir da leitura do texto.

Se a produção e transmissão filosófica acontecem por meio do diálogo, leitura e escrita, não é prudente, portanto, ignorar suas dificuldades. Assim, desenvolver especificamente a leitura e a escrita é uma oportunidade de lançar mão dessa metodologia a fim de promover o desenvolvimento dos estudantes no exercício do pensamento por meio da leitura e escrita nas aulas de Filosofia.

Esse problema compõe um ponto crucial, ao qual deve-se dar atenção especial quando chegar o momento da elaboração de metodologias que auxiliarão o desenvolvimento do pensamento filosófico, a partir dos textos clássicos, com procedimento para criar as atividades. É necessário pensar uma prática pedagógica que auxilie na mediação do exercício da leitura e da escrita dos mais variados objetos, de modo que os alunos sintam-se à vontade para se expressarem livremente no trabalho dialógico das aulas de Filosofia.

O professor de Filosofia deve mostrar que a linguagem, a cada texto, auto apresenta-se, com sua impotência em demarcar um conteúdo transcendente de verdade, sem recair num alarde descrente de que a leitura filosófica é difícil, ou mesmo impossível de ser realizada. O aluno, por sua vez, deve apreender que, na esfera da racionalidade, cada Filosofia traz consigo seus próprios critérios de verdade, de validade e de objetividade, que procura harmonizar com a realidade.

Ademais, o professor que se dispõe a trabalhar com a interpretação filosófica deve informar a impossibilidade de uma comunicação baseada no senso comum, deixando claro que esta inviabiliza o alcance de um conhecimento com um teor crítico, baseado nos conhecimentos epistemológicos.

A maior dificuldade do professor no desenvolvimento de uma metodologia como essa, seria exigir do aluno a paciência necessária para tolerar o tempo que ele poderá gastar para alcançar a compreensão desse processo. Vivemos na era tecnológica e tudo acontece na velocidade da luz, a não progressão de forma calculável, aparente, pragmática pode também levar a desmotivação e angústia no processo de aprendizagem de leitura filosófica, que exige do leitor(a) paciência e dedicação.

O aluno deve aprender que cada texto é uma viagem, muitas vezes, solitária e exaustiva, que exige de quem a percorre paciência, atenção e dedicação. A inclinação do olhar do leitor nessa busca que aqui se propõe não significa uma exigência de nova elaboração intelectual, no sentido de uma sofisticação do pensamento, mas o desprendimento indispensável por parte do

aluno, o abandono da postura dogmática de encarar a leitura de textos na sala de aula, do uso da linguagem textual com o qual estão acostumados.

Na aula, portanto, a leitura deve produzir, momentaneamente, uma suspensão provisória dos modos operantes e corriqueiros das combinações, exigências da língua, pois é necessário que o aluno, mesmo que não tenha o costume de atribuir conceitos, de imediato, tenha um tempo para despertar o desejo de buscar uma consistência de verdade da leitura, em um espaço onde seja capaz de tomar a linguagem como natural.

Contudo, deve-se levar em conta também o ato de escrever como uma atitude filosófica. Assim como a leitura, a escrita pode ser considerada instrumento necessário na estruturação do raciocínio, tendo em vista que ao escrever o leitor se aproxima do autor por perceber as nuances que envolvem o texto. Ninguém escreve alguma coisa do nada ou ao acaso; para que esse ato concretize-se é primordial que o escritor busque inspiração em suas experiências vividas.

Assim, a escrita na disciplina de Filosofia coloca-se como ferramenta que possibilita que o pensamento desenvolva-se e possa ser registrado; a partir disso, passa a se compreender o que foi (re)produzido a partir das leituras realizadas. Cabe ao professor a tarefa de encorajar o aluno a um aprendizado autêntico da escrita que proporcione uma autonomia de pensamento. Trazer às claras, por meio do diálogo, toda compreensão do que foi lido em forma de debates e argumentações é de grande relevância, o que não anula a importância da produção escrita. O registro e a sistematização do que foi lido e apreendido torna possível a fixação daquilo que foi pensado e estudado.

Nessa proposta faz-se imperioso que professor oriente-se bem quanto aos textos escritos e acompanhe toda a sua performance. É importante, do mesmo modo, que o trabalho com atividades que desenvolvam o pensamento reflexivo e crítico, com ênfase na escrita considere o trato filosófico, que é mais elaborado e demanda tempo, pois dispõe de elementos próprios, como conceitos, argumentações, reflexão e problematização.

Estimular a prática da escrita é de fundamental importância no desenvolvimento das produções literárias. Sabe-se que a escrita, nos seus primórdios, servia apenas para registro de leis, da cultura oral. Com o desenvolvimento da civilização, a escrita ganha novos valores – o que depende muito do poder de letramento dos indivíduos de cada tempo.

Com a modernidade e, em seguida, a aurora da contemporaneidade, o campo do saber deixa de ser portador da oralidade como único ponto disseminador de conhecimentos e busca fundamentação nas novas tecnologias e teorias de compreensão da linguagem. A escrita ganha robustez no pensamento; e no ensino de Filosofia, sua função passa a ter novos propósitos que auxiliam no desenvolvimento do exercício e elaboração do uso correto da razão.

Portanto, acreditamos que é importante que as aulas de Filosofia também possam educar os jovens para uma escrita reflexiva na qual a expressão do pensar filosófico realce o trabalho epistemológico que perpassa o estudo e toda preparação para a prática. Só com esse esforço é que se pode perceber o valor da escrita no âmbito filosófico.

Fato é que a escrita pode ser apoio material de grande valia nas aulas, aliada à leitura, é capaz de desbravar mundos dos saberes filosóficos, ainda não trilhados; saberes que têm por base o diálogo, a argumentação em uma metodologia sob o chão da dialética, em busca de novos conceitos. A escrita é uma atividade imprescindível no exercício do pensar e na formação crítica do aluno.

2 CAPÍTULO II

2.1 Educação e ação docente no ensino de Filosofia na perspectiva de Freire

O presente capítulo tem por objetivo refletir sobre as práticas pedagógicas que envolvem as aulas de Filosofia. Como professor da rede pública de ensino, percebem-se as dificuldades que envolvem as práticas pedagógicas diárias e os desafios enfrentados na escola contemporânea dizem respeito à conveniência no planejamento pedagógico.

Planejar aulas que desenvolvam habilidades e conhecimentos que contemplem de forma ativa o exercício do pensamento e as relações sociais contemporâneas é ainda uma questão árdua para os educadores. Nesse sentido, defende-se nesta dissertação o ensino da Filosofia como prática de pensamento, construído por reflexões crítico-argumentativas.

Esse raciocínio ancora-se no pensamento do educador e filósofo Paulo Freire (1921-1997). Educador brasileiro reconhecido internacionalmente por sua concepção literária e autônoma de educação e por seu modelo inovador na educação de jovens e adultos, Paulo Freire é referência. Defendia um programa revolucionário de educação cidadã; exilado durante ditadura militar brasileira, anistiado em 1979, ministrou aulas na PUC-SP (1980). Tornou-se Secretário de Educação do Estado de São Paulo (1989-1991).

Freire é exaltado por uns, e ignorado por outros. Considerado um dos mais dotados na história da pedagogia, por influenciar um movimento por uma pedagogia crítica. Cidadão do mundo, pertencente à classe média, estudou o curso de direito na Universidade do Recife, dedicou-se aos estudos de Filosofia da linguagem, trabalhou como professor e identificou-se

com a pedagogia. Foi tido como defensor dos pobres e oprimidos e, católico, se aproximou da teologia da libertação¹³.

Politicamente, tomou posse em um cargo ligado à educação no Estado de Pernambuco, na década de 60. Em 1962, fez um trabalho de alfabetização de 300 trabalhadores rurais, durante o governo de João Goulart. Teve seu método de ensino reconhecido e aplicado em plano Nacional de Alfabetização, com intuito de erradicar o analfabetismo.

Preso em 64 e depois exilado, continuou produtivo e reflexivo. Viveu na Bolívia e no Chile, atuou em movimentos sociais e pela ONU (Organização das Nações Unidas), lecionou em Harvard, na Inglaterra, e em outros países trabalhou como consultor educacional. Anistiado em 82, apresentou um de seus livros mais renomados: *A Importância do Ato de Ler*, no qual a leitura é apresentada como ferramenta substancial no desafio de reconstrução do mundo.

Paulo Freire, conhecido por implementar o método de alfabetização de adultos, desenvolveu um pensamento pedagógico político. O objetivo que sua perspectiva teórica apresenta é a de uma educação capaz de levar às sociedades menos favorecidas a entender sua situação de opressão e ser capaz de intervir em favor de sua libertação. A preocupação de Freire gira em torno de fazer da educação um meio revolucionário, pelo qual tanto o oprimido quanto o seu opressor consigam uma transformação social.

Considerado o patrono da educação brasileira, Freire é um homem que, em tempos atuais, desperta o interesse tanto de adoradores quanto daqueles que menosprezam o seu trabalho. Um nome polêmico que causa as mais diversas reações no leitor. É inegável a sua representatividade para a educação brasileira, latina e mundial. "Sua importância para o mundo da educação é destacada por acadêmicos de renome de diversos países" (KOHAN, 2019, p. 17), tanto que seus livros foram publicados em mais de vinte línguas.

Walter Kohan¹⁴, autor de obra: *Paulo Freire Mais Do Que Nunca: uma bibliografia filosófica*, refere-se ao modo como acontecem e se estabelecem as relações de poder. A

¹³ Na década de 1960, um novo movimento religioso ganhou força no interior da Igreja Católica e conquistaria a América Latina: a Teologia da Libertação é um movimento apartidário que engloba várias correntes de pensamento interpretando os ensinamentos de Jesus Cristo como libertadores de injustas condições sociais, políticas e econômicas. O século XX, foi muito intenso para a história da Igreja Católica. Foram muitas as inovações e transformações que influenciaram interna e externamente a igreja. Frente ao crescimento de outras religiões cristãs ou do islamismo, os católicos tentaram se modernizar para chegar mais perto de seus fiéis.

¹⁴ Walter Kohan é professor titular da (UERJ) e pesquisador do programa Cientista de Nosso Estado (CNE), na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FA-PERJ). É pós-doutor pelas universidades de Paris VIII (França) e British Columbia (Canadá). Atual coeditor do periódico *Childhood & Philosophy*, foi presidente do Conselho Internacional para a Investigação Filosófica com Crianças (ICPIC) e tem dado curso de formação de professores em diversos países da América Latina e da Europa, além de outros como África do Sul, Moçambique, Coreia do Sul, China e Japão. É orientador de mestrado, doutorado e pós-doutorado na área de Filosofia da educação. Seus trabalhos estão publicados em castelhano, italiano, inglês, português, francês, húngaro, russo e finlandês.

perspectiva abordada é que há na prática de ensinar e aprender, um exercício de poder que passa a existir na relação estabelecida entre aluno e professor.

A vida, a igualdade, o amor, a errância e a infância, segundo Kohan, são os princípios basilares da vida de Paulo Freire, “estruturas” contrárias ao poder, descritas em sua obra. A vida, campo de estudo abordado pelo biógrafo, no qual Freire é analisado, faz antever sua Filosofia, suas influências na formação do pensamento, sua atuação no campo educativo. Nessa perspectiva, em uma alusão ao “Filosofo Sócrates que buscava acordar os atenienses de uma existência sem autoexame, Paulo Freire se dedica a acordar os oprimidos e tirar os opressores da condição da qual se encontram por meio da educação” (KOHAN, 2019, p. 79).

A igualdade, como afirmava Freire, é o princípio que reger a relação entre educadores e educandos. Sob a máxima de que todos são iguais, pressupõe-se que não há ninguém superior nessa relação; assim, “ensinar exige bom senso, autoridade, respeito a autonomia, dignidade e identidade do educando” (FREIRE, 2002, p. 36).

O amor e o ato de educar como ação amorosa também faz parte da coluna que sustenta o pensamento freiriano, que pode ser localizado de *Pedagogia do Oprimido* até *Pedagogia da Autonomia*: “ensinar exige querer bem aos educandos: reflexão teórica e crítica em torno da atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna” (FREIRE, 2002, p. 91).

Paulo Freire inventa e reinventa sua vida amorosa, tendo como afetos não só o amor, mas o desprendimento, doação, compreensão, humildade e amorosidade de educar, aprender e ensinar. A errância compreende-se no sentido de que o educador é também um ser político, assim como a educação é política. Não há problema em se equivocar, pois o educador também é alguém que se movimenta, sendo necessário que se tenha abertura também para o erro, em busca do acerto, pois errando também se educa, se aprende, se ensina.

Entendemos que uma escola comprometida com a educação reflexiva encontra na Filosofia argumentos para o desenvolvimento crítico reflexivo do educando e do educador, no qual o conhecimento advém do processo dialético. Em Platão, podemos perceber que o processo de aquisição do conhecimento é uma experiência libertadora, que permite ao homem prisioneiro no mundo das sombras, em um dado momento, emergir das aparências ilusórias.

Na *Alegoria da Caverna*, o filósofo ilustra a evolução do conhecimento suscitando um convite à reflexão crítica sobre a aceitação alienada das verdades impostas pela sociedade, opinião e outras formas as quais muitas vezes estamos presos. Libertar-se para o filósofo significa ser capaz de quebrar os grilhões da ignorância, indo em busca do saber. Segundo Platão a necessidade de o homem encontrar a verdade e desprender-se é superada pela aquisição

do conhecimento, que pode ser adquirido por meio do ensino da Filosofia que poderá ser um elemento norteador na educação do indivíduo, por meio do exercício do pensamento.

Nesse aspecto, vem atrelado o questionamento do **para quê** da filosofia e seu respectivo ensino, uma vez que, precisamos esclarecer que trata-se da aquisição de determinadas habilidades pelos estudantes dentro e, principalmente, fora do âmbito escolar, para que dessa maneira possamos contribuir, de fato, para que estejamos formando cidadãos críticos e conscientes de direitos e deveres no convívio em sociedade para suas inserções, como seres pensantes, no mercado de trabalho como assegura-nos Gallo e Kohan (2012) “[...] a filosofia é muitas vezes utilizada como uma ferramenta de marketing, junto com computação e inglês; é tudo o que necessita um jovem para ser aquele trabalhador flexível, instruído e criativo de que o mercado necessita” (GALLO; KOHAN, 2012, p. 188).

A infância, recorte que o biógrafo Kohan faz a partir de análise de textos de Freire, aparece como possibilidade de autodescoberta, pautada pela importância que se dá à leitura, “[...] um traço afirmativo que dessa leitura diz respeito ao quanto, desde pequeno, Paulo manifesta o gosto pelo mundo das letras, pela leitura” (KOHAN, 2019, p. 167).

No cenário político atual, Paulo Freire recebe críticas, por vezes, infundadas e feitas por pessoas que nunca se quer leram sobre uma de suas obras. O fato é que basearam-se em ideologias tendenciosas que as impediram de compreender a dimensão que ocupa o trabalho realizado pelo educador e filósofo. Proporção essa que extrapola as fronteiras das ideologias político-partidárias. Conhecer o pensamento e a filosofia de Freire é pontual no que se refere à educação para aprendermos e analisarmos a importância do educador.

Destarte, a grande preocupação de Freire incide sobre a concepção de que a educação não pode ser uma coisa técnica, mercadológica, mas que deve servir como agente revolucionário. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*¹⁵, o autor tece pesadas críticas acerca da ideia de que a educação não pode ajudar a desenvolver o conformismo social, já que a ação é seu eixo transformador.

Freire aborda sobre a importância do professor enquanto mediador. Para ele, o professor carece dedicar-se à sua especialização, sempre estudar e pesquisar, com objetivo de atualizar seus conhecimentos. Lembrando sempre de que a relação aluno – professor pauta-se no prazer e na alegria. Por sua vez, a escola, na concepção freiriana, aparece como um espaço de

¹⁵ *Pedagogia do Oprimido* (1968). Viria a ser a grande obra da vida do educador e pensador, traduzido para diversas línguas, revela a gênese do pensamento freiriano ao esmiuçar as relações entre opressores e oprimidos e, a partir daí, sugerir a emancipação do indivíduo por meio do pensamento crítico e libertário.

reafirmação, negociação, criação e resolução de saberes, pois isso sim, sinaliza como conteúdos obrigatórios para a organização dos programas e da formação do professor.

Pensar a formação permanente dos professores é fundamental para reflexão crítica sobre a prática, desenvolvida a partir da transmissão de conhecimentos prontos – presentes ainda no ensino. Assim, refletir sobre essa forma de ensino pede uma nova postura do docente, com “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise. Quanto melhor se execute essa operação, mais inteligência se ganha na prática em análise e maior comunicabilidade se pode exercer em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade.

As ideias de Paulo Freire aguçam o debate acerca da condição do sujeito na sociedade na qual está inserido. À vista disso, considerar a escola como em espaço democrático, agregador e acolhedor possibilita o desenvolvimento da reflexão crítica, do debate e do trato com as situações-problema, em busca da conscientização do indivíduo como ser ativo e transformador do seu meio.

O diálogo é a mola que permite transitar no ambiente entre a sala de aula e o mundo (FREIRE, 2002). Nesse sentido, assumir uma postura crítica, epistemológica, curiosa é necessária ao desenvolvimento do homem livre.

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que correspondem o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade (FREIRE, 2002 p. 52).

Em *Pedagogia da Autonomia*¹⁶, Freire propõe uma educação cujo objetivo é fazer uma reflexão que estimule a construção do conhecimento a partir das experiências vividas dos educandos. Essa é uma condição que permite que o sujeito se liberte da opressão e desenvolva sua autonomia¹⁷. Nesse processo, parte de saberes necessários para a produção de novos saberes estão fundamentados na criticidade, respeito mútuo entre os colegas e aos conhecimentos e experiências vividas.

Refletir sobre as práticas pedagógicas que circundam a docência significa compreender os saberes que fundamentam um ensino dialético. Paulo Freire esclarece que não existe

¹⁶ *Pedagogia da Autonomia* é um livro escrito e lançado pelo educador brasileiro Paulo Freire no ano de 1996. Esse foi o último livro escrito e publicado pelo educador, que faleceu um ano depois, em 1997. Em seu livro, Paulo Freire chama a atenção para a necessidade do educando, o aluno, ter papel protagonista em seu aprendizado. Ele chama para uma reflexão sobre a importância de dar criticidade e autonomia para o aluno desenvolver seu aprendizado.

¹⁷ Segundo Paulo Freire, autonomia é a capacidade e a liberdade de construir e reconstruir o que é ensinado. Embora sendo o conceito de liberdade uma questão importante, Freire não ignora a importância do professor, cujo papel, em sua visão, não é o de transmitir conhecimento, mas o de criar possibilidades para que os alunos produzam ou construam seu próprio conhecimento.

aprendizado sem uma relação dialógica, em que as partes envolvidas, educador e educando aprendem e ensinam juntos. Essa ação possibilita o desenvolvimento da autonomia.

Nessa perspectiva, ao longo da obra, Freire apresenta diversas propostas de práticas pedagógicas necessárias a construção da educação de qualidade, capaz de promover a autonomia de pensamento e ação do educando. Uma dessas propostas diz respeito a importância da pesquisa no processo de desenvolvimento da aprendizagem e formação continuada do educador por ser esta uma ferramenta que viabiliza a aquisição e articulação dos saberes adquiridos.

Quanto ao domínio dos conhecimentos teóricos e práticos no trato com as complexidades que envolvem o ensino aprendizagem. “Não existe ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2002, p. 16). Assim como a pesquisa, a criatividade, a investigação e humildade também são pontos importantes que possibilitam ao educador e ao educando procurar esclarecimentos com fundamentação epistemológica capaz de fortalecer e desenvolver a autonomia frente a novos saberes. O autor complementa que:

Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2002, p. 16, *Sic.*).

A pesquisa é fundamental no processo de articulação entre teoria e prática do educador, que tem como objetivo o aperfeiçoamento, o reforço do conhecimento e da autonomia na *práxis* pedagógica frente ao educando. Assim como o educador, o educando aprende a analisar, sistematizar e fazer a leitura do mundo para transformá-lo. O preparo para o enfrentamento das especificidades que circundam a *práxis* pedagógica na sala de aula pode ter na pesquisa a sua mola propulsora para a organização e o impulso necessário do processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, adquirir informações sobre a sociedade em busca de saberes sociais com o objetivo de estabelecer uma prática comunitária, em que os educandos consigam relacioná-las aos conteúdos aprendidos em sala de aula, coloca-se como prática freiriana. Nessa situação, o educador se coloca disponível às indagações que produzam novos conceitos, tomando consciência de que o ser ainda não está pronto. Entende que a sua formação é fundamental na construção do ser social, o respeito à dignidade e autonomia do indivíduo que vão ao encontro da curiosidade e inquietação de suas descobertas.

Compreender a educação como forma de intervenção implica pensar uma prática neutra e centrada no respeito às experiências vivenciadas pelos educandos em busca de novos saberes, como bem coloca Freire, “[...] ensinar exige liberdade e autoridade” (FREIRE, 2002, p. 65).

Essa experiência libertadora atrela-se à aquisição de informações, à busca por saberes que visem a prática em que os educandos sejam protagonistas e façam a inter-relação entre os saberes adquiridos em sala de aula e as experiências vividas, e que essas sejam também pontos de partida na produção e elaboração de novos conceitos.

O procedimento de pesquisa é importante, pois considera que o homem é um ser inacabado, não está pronto, mas ao caminho de uma formação de uma construção de ser social, de respeito, dignidade e autonomia. Trata-se de indivíduo que vai ao encontro de sua curiosidade e inquietação por suas descobertas, práticas inerentes ao ser humano (FREIRE, 2002).

Além disso, numa educação que pauta sua prática pedagógica a partir de uma tendência libertadora¹⁸, aconselha-se buscar o processo de ressignificação da relação educador/educando, em que o educador ocupe o lugar de mediador no processo de ensino aprendizagem, capaz de trabalhar a conscientização do educando – em vários níveis – e sua relação com a própria realidade que o circunda.

Paulo Freire critica o educador autoritário e conservador que não permite a participação dos educandos, suas curiosidades, insubmissões, as experiências e vivências no decorrer da vida e do seu meio social. Vários são os argumentos do autor em favor de um ensino/relação mais democrático entre professores e alunos, tendo em vista que somos seres em constante aprendizado. Alerta, ainda, sobre a importância de se estar aberto à curiosidade, ao aprendizado durante o percurso de vida.

Visto que as atitudes e palavras advindas do professor poderão ficar marcadas na vida dos discentes, contribuindo positivamente ou não para o seu desenvolvimento, alerta-se para a importância da reflexão do professor sobre suas práticas, já que ultrapassam a sala de aula e influem diretamente na vida dos alunos.

Sobre a importância da metodologia, Freire adverte que compete ao educador ser acessível ao aprendizado e a troca de experiências com os educandos, pois a experiência de vida

¹⁸ Também conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, apesar de ele não ter concebido assim, essa tendência vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido na qual, para este, o saber mais importante é a de que ele é o oprimido, ou seja, ter uma consciência da realidade em que vive. Além da busca pela transformação social, a condição de se libertar por meio da elaboração da consciência crítica, passo a passo com sua organização de classe. Centraliza-se na discussão de temas sociais e políticos; o professor coordena atividades e atua juntamente com os alunos.

dos educandos merece respeito. Enfatiza, ainda, que a curiosidade dos alunos é um aspecto positivo para o aprendizado, tendo em vista que a curiosidade é um fator importante no desenvolvimento da criticidade. Assim, presume-se um ensino dinâmico para que se desenvolva a curiosidade sobre o fazer e o pensar.

Freire aborda a questão da ética entre educador e educando e discorre de maneira clara sobre a prática de ensinar: “ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 2002). Para “passar conhecimento”, imagina-se um educador seguro mais envolvido; assim terá argumentos para envolver os educandos, com respeito à autonomia e as suas identidades. Cabe ao professor apresentar possibilidades de desenvolvimento crítico para que o aluno motive-se a desenvolver seu pensamento, adquirindo, dessa maneira, mais segurança e confiança para o exercício do pensar.

Educar é também respeitar as diferenças e o momento de cada um, almejamos nesta pesquisa, partir do pressuposto que somos diferentes e somos seres inacabados, por esse motivo cada um tem o seu próprio tempo. Tomar esse ponto possibilita uma ação pautada numa postura ética e moral, que não nega a democracia e muito menos fira a dignidade do ser humano, rejeitando qualquer forma de discriminação.

Outro ponto importante, abordado por Freire, é a autoridade do educador. Ao professor cabe a tarefa de trabalhar a segurança e o conhecimento para se fazer respeitado. Distingue-se, desse modo, a “autoridade docente democrática” da “autoridade docente autoritária”, que objetiva obter alienação, resignação e conformismo de uma sociedade menos favorecida que é oprimida por sociedade mais favorecida. Destarte, o professor que tem uma prática democrática exerce uma grande importância para que haja um movimento de mudança social. A sua atitude é ponto de ruptura em que se demonstra que há decisões e escolhas fundamentais que nos auxiliam no processo para alcançar os objetivos propostos.

O professor tem uma séria responsabilidade social, democrática e crítica. Além disso, a decência e a ética são fatores qualitativos para que ele obtenha o respeito dos alunos. Sendo, então, capaz de abstrair-se de seu *status* para escutar os educandos com dedicação e atenção necessária. São atitudes de sua atuação em sala de aula que podem fazer florescer uma nova consciência de futuro.

Nesse viés, a educação é uma especificidade humana que intervém no mundo, pois traça aspectos necessários que oportunizam o desenvolvimento da criatividade, o senso crítico, o respeito e a liberdade; assim, pode oportunizar aos educadores e educandos a prática de uma *Pedagogia da Autonomia* centrada em experiências estimuladoras de ação e responsabilidade.

Todo o conhecimento técnico-científico é proveitoso nesse processo, por causa disso será utilizado de forma democrática com autonomia e autoridade, respeitando as vivências adquiridas pelos educandos como um todo e individualmente. Não se pode desconsiderar que, nessa relação o devido respeito, compreensão e o equilíbrio das emoções entre os dois lados, para o desenvolvimento de um ambiente amistoso, edificado na responsabilidade, bom senso e coerência.

Por esse motivo faz-se necessário que todos sejam aliados na luta por uma educação de qualidade, pois ela é um direito de todos. Paulo Freire destaca que a convivência amorosa com os alunos e a atitude curiosa e aberta deles poderá aparecer durante o processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que isso possibilita aos alunos se assumirem como sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de aprender. A capacidade técnica-científica e o rigor adotados no desenvolvimento de seu trabalho não precisam ser incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas.

Quando se pondera como fundamental que o professor tenha uma formação sólida, torna-se imperativo que ele também tenha o conhecimento da realidade que o cerca e, conseqüentemente, da realidade dos seus educandos. Essa análise lhe permite compreender e selecionar o que é proeminente para ser ensinado, tendo em vista os objetivos educativos, articulados às realidades históricas, sociais e culturais de todos os envolvidos.

Paulo Freire nos subsidia com intensas considerações sobre as possibilidades e dificuldades que cercam o sistema educacional e seu interior, tendo em vista que a escola contemporânea se encontra às voltas com a questão da qualidade de ensino e outros problemas que vêm preocupando tanto os segmentos populares quanto os setores dominantes. A escola é uma das instituições mais complexas em nossa sociedade, na qual as forças de dominação, degradação estão consolidadas. Dessa forma, pode-se compreender que somente a partir de uma reeducação do indivíduo podemos desejar dias melhores.

Destarte, no método freiriano de educação, de encontro ao aprendizado conteudista e descontextualizado da vida dos educandos, abre-se espaço para uma maneira de aprender em que se inicie da realidade, do universo do aluno e, mediante discussões, debates, pesquisas, questionamentos, dentre outros, torna-se capaz de buscar a mediação, a solução dos conflitos e, conseqüentemente, o aprendizado consciente da realidade social.

No âmbito da leitura, a ideia é que o código – letras e palavras – proporcione uma postura crítica e consciente do mundo ao redor, permitindo que o educando seja capaz de compreender a realidade sócio-política da qual participa. Aplica-se ao aluno o posicionar-se e ter em mente que é o protagonista do universo que o circunda. Esse seria, em tese, o ponto

fundamental de uma educação autônoma; percebemos que o melhor discurso sobre a autonomia é o exercício de sua prática, nas experiências de construção de conhecimento do aluno.

É importante destacar que, no âmbito da escola, Freire deixa a dinâmica conteudista em segundo plano, pois seu objetivo principal concentra-se nos sujeitos envolvidos na ação, ou seja, no educando. Sua preocupação consiste em partir da compreensão dos alunos acerca de um determinado tema e levar em conta a realidade a ser conhecida.

Digna-se ao educando envolver-se no processo de ensino aprendizagem de modo ativo em busca de novos conhecimentos. Na obra *Pedagogia do Oprimido* (1968), a prática proposta por Freire permite que o educando trabalhe com subsídios presentes em seu cotidiano de maneira que tenha a sensação de que os elementos teóricos tenham significado e estejam relacionados ao seu cotidiano, objetivando que o educando tenha consciência de seu espaço na sociedade.

Nesse sentido, a educação terá como fundamentação a promoção do indivíduo que não seja capaz de ler somente os textos didáticos, mas que seja capaz de construir e transformar sua história. Por isso a relevância em promover uma postura autônoma diante do processo de aprendizagem de modo a ressignificar os saberes adquiridos. Já que “[...] o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 2002, p. 86).

Ao articular o conceito ensino aprendizagem existente na proposta freiriana, podemos refletir sobre a construção do conceito dialético ensino aprendizagem e como ele pode implicar em um conjunto de posturas e práticas necessárias para a realização do processo de ensinar e aprender.

Ensinar e aprender exigem e solicitam possibilidades de uma leitura de mundo como prática problematizadora e autônoma para o indivíduo. Na concepção de Freire, a leitura e a escrita das palavras passam pela leitura de mundo. Assim, ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra.

Há algo ainda de real importância a ser discutido na reflexão sobre a recusa ou ao respeito à leitura de mundo do educando por parte do educador. A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo (FREIRE, 2002, p. 77).

No processo de leitura e releitura do mundo, o educador não pode ser omissivo, deixando claro para o discente que existe mais de uma possibilidade de se realizar uma leitura de mundo, e que ela pode estar relacionada ao meio sociocultural e histórico no qual se está inserido.

Ao respeitar a “leitura de mundo” feita pelo educando, o educador possibilita que o conhecimento ultrapasse o espaço de sala de aula. Assim, o educador deixa claro que a curiosidade fundamental no desenvolvimento do pensamento e na compreensão do mundo se dá na história, desde a sua antiguidade. É por meio de momentos como esses que se aperfeiçoa e se muda, qualitativamente, a vida do sujeito cognoscente.

A curiosidade pode ser a porta de entrada para achados cada vez mais exatos e surpreendentes na produção e construção de conhecimentos. O educador que respeita a leitura de mundo do educando é capaz de reconhecer nesse trabalho a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, em recusa à arrogância cientificista, ao autoritarismo, sendo capaz de assumir uma postura de humildade crítica, que é própria do educador democrático e verdadeiramente científico.

De outro modo, o desrespeito à leitura de mundo do educando revela um educador arrogante, elitista, antidemocrático, incapaz de escutar o aluno, focado na mera transmissão de conteúdos prontos. Na reflexão sobre a recusa ou respeito à leitura de mundo do educando, por parte do educador, é importante considerar que, feita pelo discente, essa leitura pode manifestar, evidentemente, a inteligência de mundo que vem se constituindo cultural e socialmente e o trabalho individual desenvolvido por cada sujeito no próprio processo de assimilação.

Nessa prerrogativa, um dos afazeres que compete à escola, como instituição responsável pela produção sistemática de conhecimento, é trabalhar de maneira eficaz a postura e a comunicabilidade crítica, a inteligibilidade das coisas e dos fatos, sua postura ética e de seus educandos. É imperativo que a escola estimule a curiosidade do aluno de maneira que ele seja capaz de problematizar e desenvolver com eficácia sua autonomia perante sua própria história.

Portanto, para pensar uma prática problematizadora que fomente uma educação dialógica – que acontece em oposição a uma educação de transmissão de conteúdo – temos que considerar que a educação seja capaz de provocar no educando um desejo tal que o faça aprofundar suas reflexões sobre os mais diversificados aspectos da realidade, antes desapercibidos sob o prisma da criticidade.

Segundo Freire, o diálogo é indispensável para a construção do conhecimento, consolida-se na práxis transformadora e social e promove o engajamento do indivíduo. O educador lembra que: educar é aprender a saber, lançar sementes no terreno fértil que futuramente poderá germiná-las sob a forma do desejo de partilhar a experiência conectiva do

diálogo, em favor da construção de uma partilha amorosa da liberdade, igualdade e felicidade do conhecimento consciente¹⁹.

O diálogo é uma abertura de canais de comunicação para que o aluno possa se expressar e tenha oportunidade de compreender os saberes construídos em sua comunidade. É importante valorizar a história do educando, que precisa se reconhecer e encontrar sua identidade histórica e cultural. Nesse sentido, o exemplo do educador é de fundamental importância, pois o discente precisa considerar que o professor e suas ações são modelos.

Portanto, quando as atitudes de rejeição ou discriminação são distanciadas de sua realidade, ocupar-se-ão com outras forças como as reações de boa autoestima e atitudes de valorização às diversidades. Esse reforço positivo corre no intuito de desenvolver habilidades e competências que propiciem um ambiente agradável, que atraia e conscientize o aluno de que a escola é seu lugar, sua realidade. Aos poucos, esse ambiente pode ser abraçado de maneira a oportunizar reflexões críticas em torno de todas as possibilidades que cercam sua vivência para a busca de autonomia e transformações advindas de suas habilidades.

Criado para proporcionar o acesso de todos a uma educação completa e de qualidade, o sistema de educação freiriana prima por uma formação humanizadora, no sentido de desenvolver habilidades que atendam às necessidades da mente, do trabalho, do meio social e das pessoas que se dispõem à prática de um conhecimento com potencial de transformar suas vidas e as sociedades. A educação é um direito; assim, o plausível é que todos lhe tenham acesso de forma igualitária e humana.

Desse modo, compreende-se que a educação é dinâmica e que precisa ser reinventada a cada dia, a partir das experiências e vivências que cercam os atores desse processo. Pensá-la de forma ousada, crítica e transformadora exige, também, uma crítica aos sistemas ensino aprendizagem, com reflexão acerca dos saberes que são necessários para a transformação do indivíduo, possibilitando-lhe a formação de sua autonomia, pois “[...] ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” (FREIRE, 2002, p. 34).

O diálogo é um ato de transformação do ser que se dispõe a aprender e a conhecer de forma consciente, autônoma, crítica e libertadora tudo ao seu redor. Esse exercício racional de saberes necessários fortalece o conhecimento de si e da realidade circundante.

Aplicamo-nos, portanto, a aprender para conhecer, adquirir saberes que são imperativos para o reconhecimento de si, dos outros e do mundo. Por meio do aprendizado consciente é que a educação se faz libertadora transfigurando-se capaz de construir uma ação capaz de promover

¹⁹ Grande observador da pedagogia aristotélica, na qual ensinar é tão importante quanto aprender, Freire destaca que se deve continuar aprendendo, mesmo quando se é o professor – essa é a maior sabedoria do educador.

a transformação de si e do mundo onde vivemos. Na pedagogia freiriana, a educação dá-se no processo de ação cultural transformadora e humanizadora.

A prática pedagógica consubstancia nas atividades em sala de aula, dentro de uma dialética que nos cobra uma atitude reflexiva de retorno. Isso nos faz mais humildes para pensar que o que fizermos hoje – nossas atitudes, planejamentos, o que deu certo e o que não foi possível – serve como base para que possamos melhorar para o amanhã.

Nessa perspectiva, é plausível a proposta apresentada por Paulo Freire de que sejamos capazes de construir novos conceitos, novas realidades, novos padrões em prol da nossa prática que precisa, continuamente, passar por reflexões e análises com vista a superar as carências pedagógicas existentes.

Nesse movimento de criar novas práticas, considera-se, portanto, a estratégia dialética em uma perspectiva hegeliana, que estabelece uma amostra da ideia em uma tese que vai em busca da antítese – possíveis respostas para as dificuldades da prática em sala de aula. A consequência disso é o regresso a uma identidade de forma mais segura, de certo modo palpável. Percebe-se, então, que a dialética apresenta-se como um sistema filosófico em si mesmo.

Para melhor compreensão lembramos que o idealismo de Hegel encontra-se intimamente ligado à teoria das ideias platônicas. Isso porque encontrou na dialética platônica meios de aprimorar e estabelecer que a dialética constitui-se na contraposição entre uma tese (assunto ou tema) e uma antítese (tese contrária). Com essa expressividade é que se desenvolve uma síntese – um novo conhecimento.

Essa nova compreensão trazida pelo método dialético apresenta solução para os desacordos, por meio de discussões racionais; e, em última análise, a busca pela verdade. O objetivo da dialética não seria, então, interpretar a realidade, mas sim refleti-la buscando a transcendência de ambas, na síntese, que seria uma terceira tese.

Além disso, a dialética platônica afirma que existem duas formas de conhecimento: um inferior, que seria o conhecimento sensível, da experiência prática e resultante dos sentidos do corpo; enquanto o outro, o conhecimento superior seria o conhecimento inteligível resultante do raciocínio, da razão, ou seja, do intelecto em si.

Ainda que pareça complexo o processo dialético para se chegar ao conhecimento da verdade – por causa das contradições apresentadas até chegar ao raciocínio final, ele nos mostra o caminho do conhecimento verdadeiro. E a essência dessas contradições encontra-se na contraposição do conhecimento inteligível (das ideias) com o conhecimento sensível (do corpo) por meio de um processo educativo da Paideia.

É imprescindível destacar que, além de ser um antigo estilo de intervenção do pensamento racional dentro da Filosofia e trabalhado por muitos filósofos, o método dialético é uma forma de discurso que acontece entre pessoas com pontos de vista diferentes. Essa diferença de pensamentos conduz-se por meio de argumentos epistemológicos. O objetivo principal não é vencer um debate ou simplesmente persuadir o opositor, mas sim estabelecer a verdade.

Então, prima-se que o ensino de Filosofia e suas práticas pedagógicas visam, aprimorar conhecimentos acerca de um aprendizado mais crítico, que valorize as experiências dos discentes, ofertando-lhes meios para que possam ser capazes de reconhecer seu mundo social e o transforme, utilizando de conhecimentos das aulas como instrumento de liberdade e autonomia.

O processo ensino aprendizagem envolve, pois, atitude dos dois lados: docente e discente, como agentes na produção e construção de novos saberes, nos quais todos são sujeitos em edificação. O ensino de Filosofia tem grande importância sobre os mais diversos aspectos do pensamento, num contexto crítico reflexivo, e atenta-se aos pontos que chamam a atenção de todos, tendo em vista que pensar faz parte da natureza do ser.

O pensar reflexivo nos abre novos caminhos com importantes indagações. No intuito de desenvolver habilidades que condizem com a essência da Filosofia, o professor utiliza várias metodologias para atingir os objetivos propostos. Dessa forma, a Filosofia é capaz de despertar a autonomia e ultrapassa o método da pedagogia tradicional e conteudista que, muitas vezes, não atende ao interesse dos educandos. Consoante Deleuze e Guattari (2010)

Talvez só possamos colocar a questão *O que é a Filosofia?* tardiamente, quando chega a velhice, e a hora de falar concretamente. De fato, a bibliografia é muito magra. Esta é uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta a perguntar. Antigamente nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer Filosofia, não nos perguntávamos o que ela era, salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido este ponto de não-estilo em que se pode dizer enfim: mas o que é isso que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude, mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravessasse as Eras [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 7).

As práticas metodológicas do ensino de Filosofia visam a forma de refletir sobre uma educação de qualidade com abertura à reflexão que permita a experiência do pensar filosófico,

em que o educando se sinta protagonista de sua formação, à luz de saberes que o direcionam para o desenvolvimento de sua autonomia.

O educador progressista compreende que sua postura e seu trabalho podem enfrentar condições adversas frente às especificidades humanas. Ele jamais pode negar a sua condição humana. É necessário se perceber como ser preparado e disposto para aprender e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir na realidade, sendo essa a essência que faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos.

Seguramente, a qualificação científica do professor, muitas vezes, não é garantia de sua autoridade e liberdade para o trato com o educando, mesmo que “[...] ensinar exige liberdade e autoridade” (FREIRE, 2002). O que queremos dizer é que a inabilidade profissional desqualifica a autoridade democrática, coerentemente de que a disciplina necessita para o bom aprendizado. Além disso, silenciar a liberdade dos educandos, rejeitar sua opinião, desprezar sua experiência de vida pode atrapalhar o processo de construção da boa disciplina.

O gesto eficaz nas relações entre docente e discentes, entre autoridade e liberdade é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Não aconselhamos que o instante de ensino dos conteúdos e da formação ética dos educandos não decorram separadamente, pois precisam, de alguma forma, atrelar-se de maneira que se possibilite a formação integral do sujeito como um todo.

Nesse sentido, o educador conseguirá, enquanto ministra suas aulas, trazer o educando até a intimidade do seu mundo, do seu movimento, de seu pensamento, de tal maneira que ele se sinta à vontade para participar espontaneamente de seu trabalho. Aconselhamos que os momentos de aprender aula adquira um tom desafiador que instiguem a participação, que proporcionem o desejo da fala e do envolvimento voluntário dos alunos, de modo que estes sejam capazes de criar os temas que possam nortear outras aulas e, consecutivamente, as atividades a serem produzidas durante o semestre ou ano corrente.

É vivenciando esse movimento dialético e crítico da liberdade, na qual o educando tem a escolha de se inserir voluntariamente no processo, que o professor se prepara para assumir ou refazer o exercício da autoridade de educador.

Para isso, o interessante é eleger como objeto a curiosidade das suas experiências vividas enquanto professor. Nessa situação, não é necessário limitar-se a ministrar apenas sobre os conteúdos programáticos pré-determinados e escolhidos, muitas vezes, sem critério estabelecido ou mesmo fechar-se naqueles que, simplesmente, acompanham o livro didático.

Não usar da imprudência, não se ater àqueles professores das diferentes disciplinas e setores da escola que muitas vezes não querem intervir no trabalho pesquisado. Em sua maioria, não costumam ter um mapeamento das turmas trabalhadas, desconhecendo, assim, o seu perfil. E, ao mesmo tempo, poder criticar a maneira mais aberta, dialógica, ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor trabalha.

Assim, o exercício do bom senso faz-se oportuno, no sentido de colocar em prática de forma metódica a capacidade de envolver criticamente o educando, deixando que ele perceba que é capaz, também, de indagar, de comparar, de duvidar e de aferir. Desse modo, o processo ensino aprendizagem é mais envolvente e dinâmico.

Contudo, a educação ostenta a tarefa social de desenvolver no sujeito a consciência de si e do outro no mundo. Isso contribuirá para o seu crescimento formativo e informativo, pois o exercício ativo de seu cognitivo, dentro e fora da escola, está relacionado a todos os processos de sua história, cujo objetivo é o de elevá-lo à categoria de sujeito responsável pela construção de sua própria história, mediado pela compreensão, interpretação e crítica da realidade em que está inserido.

Freire propõe uma educação problematizadora, pautada no respeito, diálogo e construção do conhecimento. Ela tem seu ponto de desenvolvimento dos chamados “temas geradores da realidade”, a partir de determinado tema escolhido por um grupo pode-se explorar a criticidade e a criatividade dos educandos. A partir disso, constrói-se novos saberes e se instrumentaliza os discentes, de modo que sejam capazes de se aventurar no exercício da cidadania propriamente dita.

Espera-se, nesse momento que estejam preparados para reivindicar sua libertação da opressão, do domínio ideológico de interesses sociais particularistas. A educação pedagógica revolucionária, proposta por Freire, salienta a manifestação do pensamento, enfatiza e explora a forma do conhecimento historicamente construído por meio da realidade dos sujeitos, possibilita que a educação seja um ato natural, libertador, ético e democrático, dentro dos espaços escola.

Assim, a prática educativa ética e democrática não pode pautar-se na neutralidade em relação à formação humana, tendo como foco atitudes firmes nas tomadas de decisões, posicionamentos coerentes diante das situações adversas. Para tanto, há que se basear na coerência de ação e discurso para que trabalho realizado seja justo, e a educação ofertada seja de qualidade para a emancipação do sujeito que a recebe.

Dessa forma, é preciso pensar uma articulação pedagógica que perceba a necessidade de se escapar de um processo alienador, com o objetivo de construir um ser autônomo, capaz

de se reconhecer enquanto sujeito cognoscente do processo dialético. Ansiamos com esse entendimento que o aluno – sujeito prepare-se para buscar, por meio do ensino, as conexões necessárias na construção de saberes sólidos e ações transformadoras. Necessita estar consciente de sua capacidade de exploração e poder de inter-relação com as demais disciplinas. Cabe ao docente, por meio da utilização de ferramentas diversas, possibilitar uma aprendizagem que seja dialógica, consonante aos desafios das sociedades contemporâneas.

Contudo, ao tratarmos dessa abordagem refletimos também sobre o ensino de Filosofia na visão teórica de Paulo Freire. Esse ensino requer uma vivência mais intensa com uma atenção centrada na comunicação dialógica. Educadores e educandos são vistos como sujeitos pensantes no processo de construção do conhecimento, produtores de ideias ligadas à realidade concreta.

A organização das novas ideias transfigura-se mais dinâmica, quanto à produção do conhecimento, que passa pelo filosofar, sobrepujando o restrito processo de transferência mecânica do conhecimento filosófico. A construção e a abordagem coletiva do filosofar no ensino de Filosofia é um relato e uma análise que se leva em conta as experiências, ter em mente a tese de que é possível viver o que se pensa e pensar o que se vive.

Portanto, pensar a fundamentação pedagógica da Filosofia não parece estar distante de sua finalidade ou mesmo do contexto da educação básica, visto que “não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou, pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão” (FREIRE, 2002, p. 18). Assim, percebe-se que o ensino da disciplina Filosofia torna-se claramente necessária não somente para o Ensino Médio, mas em toda a educação básica, principalmente se esta for compreendida em seu objetivo social, político e educacional.

O desafio enfrentado nas aulas de Filosofia é pensar e executar estratégias didáticas capazes de atender as exigências teórico-epistemológicas do saber filosófico que muitas vezes se apresenta de forma distante da realidade do aluno. Entendemos que se faz necessária a utilização de termos que viabilizem uma melhor compreensão dos conceitos filosóficos, haja vista que o ensino de Filosofia revela-se como prática questionadora e revolucionária.

Isso com reflexão de temas, muitas vezes, que retratam demandas do cotidiano que, ao se fazer a leitura, reflexão e um trabalho dialógico, contribuirá para a formação ética, estética e crítica dos educandos. A Filosofia não trata o conhecimento como fim em si mesmo, ao contrário, visa à universalidade, pensa o mundo e suas relações.

Contudo, a Filosofia, desde os primórdios, surge como saber útil e necessário que proporciona reflexões sérias e sistemáticas sobre toda e qualquer área do conhecimento nos seus mais diversos graus de complexidade.

O desafio do ensino da Filosofia concentra-se no processo pedagógico, na maneira pela qual será aplicada ou na forma como foram reinventadas as práticas utilizadas para que o ensino de Filosofia faça sentido na vida cotidiana dos alunos. Na perspectiva de análise e compreensão da realidade, articula-se uma percepção transformadora, enquanto instrumento de educação de qualidade.

É importante ressignificar uma concepção na qual o conhecimento filosófico desmonte o sentido de inutilidade que se apresenta a todos como negativa na construção do conhecimento sistematizado. Assim, espera-se que o exercício do filosofar propicie novos olhares sobre os fenômenos, sobre os saberes e os sujeitos, permitindo o entendimento, a compreensão, transformação do conhecimento de maneira mais real.

O que sugerimos é que o ensino da Filosofia confunda-se com o próprio ato de filosofar, vivo e presente, capaz de assumir e promover a reflexão dos conceitos da tradição em diálogo com a contemporaneidade, levando-nos a pensar que o que fazemos nos coloca diante de uma via de compreensão do mundo. O ensino de Filosofia não se dissociar da vida dos educandos.

Do mesmo modo, não se distancia de suas experiências, tornando-as vazias e especulativas. Ao contrário, precisam apresentar-se de acordo com a realidade vivida para uma melhor compreensão. Ao encontro dessa postura, temos o ensinamento pedagógico de Platão: do indivíduo que, ao se livrar das correntes, busca saída da caverna²⁰. Quem ensina convida e provoca o pensar e, junto com ele, mobiliza o agir.

Diante disso, o ensino sugere uma formação baseada no diálogo, voltada para o desenvolvimento do indivíduo, com vistas no que esse sujeito pode fazer para o mundo, suas perspectivas, sua autonomia e ação transformadora que vai ao encontro de dimensões práticas, pautadas na sua construção como agente na realidade que o cerca.

Assim, percebe-se que o ensino para Paulo Freire não é apenas método de teorias que representam ações no mundo. É fundamental, ainda, compreender que nada disso se esgota no ato do letramento, mas ir adiante, solicitar leitura de mundo, capaz de transformá-lo.

²⁰ (PLATÃO, 1980, 516DE). No Livro VII, sair da caverna significa, claramente, ir em busca do conhecimento verdadeiro. A luz solar: que ora ofusca a visão do prisioneiro liberto e o coloca em uma situação de desconforto, é o conhecimento verdadeiro, a razão e a filosofia. O retorno à caverna implica a reflexão sobre a importância de não ficar reduzido à contemplação e, sobretudo, assumir o risco em meio à contradição do mundo. Ensinar sempre é um risco e, sempre será, um incômodo. Uma educação que não incomoda a ninguém não é digna de ser chamada de ensino para o Pensar. A filosofia, por excelência, é um ensino para o pensar.

A postura política e pedagógica do ensino de freiriano é, portanto, comprometida com o mundo e com a liberdade, pois visa à autonomia do ser humano diante do saber elaborado, já que sua ação libertadora visa à liberdade dos oprimidos. Buscá-la implica desvencilhar-se das armadilhas, opor-se a toda forma de injustiça, de domínio total.

Paulo Freire entende que a busca pela liberdade significa também sua ausência. Dessa forma, sua concretização precisa advir do ato de ser livre, fundamentado como busca constante. A liberdade surge, sobretudo, como postura orientadora da práxis e como conquista de uma luta incessante.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma *Pedagogia da Autonomia* tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 2002, p. 67).

De modo semelhante, uma leitura característica da liberdade, enquanto autonomia, orienta-se como foco a ação e o compromisso com o mundo. O oprimido traz consigo um trauma a ser superado que são as relações vivenciadas com a opressão. Assim, libertar-se significa livrar-se do paradigma dessa relação opressora.

Para que se alcance a liberdade e, conseqüentemente, a autonomia que surge com a transformação, será necessário fazer uma reflexão acerca do resultado obtido com essa experiência. Voltando os olhos para as relações humanas, as possibilidades de inovação, criação e manifestação. A prática do ensino de Filosofia como compromisso com o mundo, assim como precisa estar apoiada em uma reflexão que altere a ação do sujeito, que fará parte da sociedade como agente transformador.

CAPÍTULO II

2.2 Plano Educacional de Intervenção – PEI

2.2.1 Leitura e escrita filosófica como ferramentas de construção do conhecimento nas aulas de Filosofia

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo Geral

- Contribuir com o processo de desenvolvimento dos alunos na prática de leitura e escrita, na formação de leitores críticos e reflexivos capazes de produzir textos de forma autônoma e criativa utilizando as tecnologias digitais.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver trabalhos significativos utilizando as Tecnologias Digitais no desenvolvimento das competências e habilidades de leitura e escrita;
- Promover a interação entre leitura e escrita filosófica e a realidade do educando, de modo que oportunize a reflexão, a discussão e implicações no processo de formação do conhecimento crítico e autônomo;
- Criar meios de uso da tecnologia para a divulgação e apresentação dos escritos feitos pelos educados a partir da leitura e escrita filosófica realizadas nas aulas de Filosofia.

2.4 Leitura e escrita aliadas ao uso das tecnologias digitais como promoção da autonomia

Na escola, no ensino básico, percebe-se a necessidade da intervenção com práticas de leitura e escrita que promovam a construção da autonomia nos estudantes do Ensino Médio. Considerando o modo aleatório e disperso de como os jovens lidam com os textos nas aulas de Filosofia, propomos esta pesquisa como forma de contribuir, auxiliando-os em jornada escolar.

No intuito de promover o estímulo, o desenvolvimento da leitura e escrita filosófica em busca da autonomia no espaço escolar, permitimo-nos pensar a importância dessas duas

habilidades linguísticas nas atividades das aulas. Reafirmamos que delas dependem o desenrolar da escrita filosófica para o exercício do pensar e do agir dos estudantes.

Barros (2009) em seu resumo de abertura dos seus estudos, sintetizou que

[...] a escrita é uma das atividades essenciais do filosofar e possui caráter formador que precisa ser valorizado. Raros são os pensadores que não escreveram e, além do mais, vive-se num contexto em que a escrita, num sentido geral, é onipresente. A escrita filosófica, no nível da formação média, pode ser um contraponto às várias modalidades de produções disponíveis, caracterizadas pela velocidade e superficialidade. Sua consistência, tempo e modo de elaboração servem como resistência ao descartável. Sua finalidade é produzir sentido, nesse jogo de linguagem que é a filosofia (BARROS, 2009, s/p).

A pretensão é promover o exercício do pensamento nas aulas de Filosofia, pautadas na prática eficaz que motive e desenvolva habilidades e competências para a realização de uma leitura que vá além da decodificação de palavras e frases. Cooperamos para formação do leitor crítico, reflexivo e autônomo, que não dependa só da sala de aula para cumprir as formalidades do conteúdo, mas sim para praticar constantemente a leitura, dos mais variados textos e extrair deles o seu significado e suas conceituações.

Vários são os trabalhos realizados em sala de aula ao longo do tempo como professora de Filosofia. Por isso, foi possível perceber, que no universo dos trinta e cinco alunos matriculados, nas aulas de Filosofia, mais de (50%) cinquenta por cento dos jovens não possuía as habilidades esperadas de leitura e escrita de textos com abordagem filosófica.

E essa situação não delinea positivamente os objetivos propostos de desenvolvimento das habilidades e competências previstas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio²¹ “A Filosofia almeja o envolvimento de um tipo de prática que desenvolva as competências comunicativas, capacidade de análise, interpretação, reconstrução racional e de crítica, que possibilite o exercício da autonomia” (BRASIL, 2006, p. 33).

Nessa conduta, ambiciona-se neste trabalho desenvolver a atividade da intervenção de leitura e escrita filosófica, aliadas à tecnologia digital. Esta auxiliará a prática de bases de sustentação no desenvolvimento da autonomia do estudante nas aulas de Filosofia. O referido trabalho de intervenção consiste em um plano interdisciplinar que será desenvolvido no ano de 2020.

²¹ “As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM – foram elaboradas a partir de ampla discussão com as equipes técnicas dos Sistemas Estaduais de Educação, professores e alunos da rede pública e representantes da comunidade acadêmica. O objetivo deste material é contribuir para o diálogo entre professor e escola sobre a prática docente. A qualidade da escola é condição essencial de inclusão e democratização das oportunidades no Brasil, e o desafio de oferecer uma educação básica de qualidade para a inserção do aluno, o desenvolvimento do país e a consolidação da cidadania é tarefa de todos”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=13558>. Acesso em: 12 maio 2021.

O trabalho será apresentado para turmas dos 3º anos do Ensino Médio na Escola Estadual Felício Pereira de Araújo, situada na região Leste de Montes Claros. A Escola está subordinada à Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEEMG), localizada na área urbana da cidade, no endereço: Rua Professor Grenaldo, 475, Vila Sumaré, Montes Claros/MG, CEP 39402-320. O telefone para contato é (38) 3223-8633 – E-mail escola.81612@educacao.mg.gov.br.

O trabalho de Leitura e Escrita Filosófica (LEF) representa, grandes desafios nas aulas de Filosofia. E esse tema fica ainda mais relevante, quando nos propomos a pensar o espaço que a leitura e a escrita ocupam em nossas vidas. Ainda mais no momento que lidamos com jovens com a consciência da importância que têm no meio social.

Entendemos que, para a Filosofia, leitura e escrita são habilidades básicas, assim sendo, é interessante perceber que, do mesmo modo o são nas atividades virtuais. Por sua vez que, meios virtuais de comunicação, já é realidade na vida de boa parte da população; tanto aquela que é considerada letrada, como aquela que busca emergir, dentro da realidade brasileira.

Por isso, também foram contempladas; pois acreditamos que o uso das novas tecnologias contribui para a melhoria na qualidade das aulas. Aproximar, ainda mais, essa engenharia da realidade dos jovens irá auxiliá-los de forma moderna a superar preconceitos e barreiras existentes em relação à disciplina.

No cenário, vemos que há políticas públicas na educação que propõem a integração dos meios digitais como ferramenta na busca de soluções para os possíveis obstáculos encontrados durante o exercício do pensar. Como exemplo, pode-se citar as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) que destacam a importância e contribuição da Filosofia no desenvolvimento da “competência geral de fala, leitura e escrita – competência aqui abarcada de um modo bastante especial e ligada à natureza argumentativa da Filosofia e à sua tradição histórica” (BRASIL, 2006, p. 26).

O filósofo Pierre Lévy (1993)²², destaca que estamos na “era da informação”, imersos nas novas formas de ler e escrever, especialmente os jovens, que fazem do ciberespaço um lugar de realce em sua vida. O espaço digital converteu-se em um dos lugares mais frequentados por

²² Pierre Lévy é filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação e estuda o impacto da Internet na sociedade, as humanidades digitais e o virtual. É reconhecido pesquisador das tecnologias da inteligência e investiga as interações entre informação e sociedade. Mestre em História da Ciência e Ph.D. em Comunicação e Sociologia e Ciências da Informação pela Universidade de Sorbonne, é um dos mais importantes defensores do uso do computador, em especial da internet, para a ampliação e a democratização do conhecimento. Cf. apresentação disponível em: <https://www.fronteiras.com/conferencistas/pierre-levy>. Acesso em: 25 maio 2021.

adolescentes como ambiente de diversão, interação com o mundo e compartilhamento de informações.

Todavia, encontramos-nos diante de um período de grandes transformações nos conceitos de espaço e tempo e, conseqüentemente, de densas mudanças em nossos hábitos e no uso de ferramentas que nos proporcionem o prazer de ler e escrever. Outrossim, presenciamos a velocidade em que as novas linguagens apresentam-se em nosso cotidiano e de modo mais dinâmico, produzindo formas diferentes de se comunicar.

O ato de ler é um processo que confere ao aluno o prazer da descoberta, processo este que está intimamente ligado ao desenvolvimento da competência de escrever, que constitui um excelente instrumento no desenvolvimento do conhecimento. O contato com os clássicos filosóficos requer aprendizado, técnica, exercício de atenção e cautela, com a finalidade de compreender o que o texto traz em si e em seu entorno, postura indispensável para o exercício do pensamento.

É importante que a leitura e a escrita nas aulas de Filosofia sejam instrumentos de desenvolvimento de habilidades nas quais o aluno alargue sua técnica na interpretação de diferentes modalidades discursivas, equivalente ao exercício de escuta, no sentido que lhe permita a experiência da ascendência intelectual, da posse, ainda que provisória, de um saber que o coloque em ambientes de conversação.

Sobrepunhando a barreira entre os diversos discursos, presentes no mundo acerca das aulas de Filosofia, que muitas vezes utiliza o diálogo para a transmissão de conteúdos que estão distantes da realidade do educando, o propósito da intervenção é possibilitar o exercício do pensamento a partir de uma problemática relevante.

Pretende-se que isso ocorra com base na leitura de textos filosóficos que funcionarão como instrumento estimulante da produção de um diálogo intenso, entre diversos alunos, contribuindo para a constituição do espaço de construção de novos saberes.

Entendemos a necessidade de buscarmos bases teóricas que auxiliem na prática pedagógica, na utilização de uma metodologia coesa com a realidade tanto do aluno quanto da escola. Isso partindo de diversificados gêneros textuais, perpassando estratégias de leitura que tenham como foco principal o desenvolvimento cognitivo dos estudantes envolvidos. O objetivo é que o trabalho com a leitura transforme-se em ação prática nas aulas e conseqüentemente na vida do estudante, foco da nossa pretensão para uma formação cidadã e transformadora.

Estar junto aos estudantes no desenvolvimento dessa formação é encorajá-los a resistir com criticidade à realidade, valendo-se das experiências vivenciadas e percebendo que fazem

parte de um mundo real. Em contrapartida, que sejam capacitados a resistir às verdades que foram estabelecidas por meio do seu agir crítico e reflexivo; sendo protagonistas de sua existência e capazes de promover transformações no meio em que vivem. E no mais, serem diligentes para perceber o espaço que a autonomia ocupará em sua vida individual e coletiva.

E, por fim, é preciso que todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem estejam preparados para defender que a escola é o espaço de transformação de liberdade e de convivência com o outro; como bem coloca Freire (2002): “Ensinar exige respeito à autonomia do ser educando”. Assim, é preciso que o indivíduo tenha ciência de sua inconclusão, a ponto de perceber a importância do respeito na relação, quer seja com o outro ou consigo, já que o imperativo ético está ligado ao apreço com a autonomia e a dignidade de cada ser.

Desse modo a educação vislumbra-se como um caminho que promove encontros, proporcionando aos envolvidos uma prática permanente de busca de novos saberes, fundada em propósitos em que discentes e docentes percorram aliados na construção da sabedoria. Isso coaduna com a finalidade do ensino que está pautado na capacidade de desenvolver habilidades de investigação, indagações e comparações que sirvam com bases para a promoção da autonomia,

Com isso, foram autônomos, capazes de se colocar a caminho e sair das sombras da doxa em busca de saberes epistemológicos. Mas, ainda pensando nos pressupostos apresentados, quanto ao respeito e à autonomia, é necessário aderir à ideia freiriana de que “A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca” (FREIRE 2002, p. 33).

O fato é que ensino da Filosofia adota formas variadas de práticas pedagógicas. Isso acontece desde o professor que transmite o conhecimento com o aluno ouvinte (aquele que ensina e aquele que aprende) até ao modelo de mediador de um diálogo filosófico que segue com a interação entre professor e aluno.

Entretanto, a nossa proposta aqui inclui a prática efetiva da leitura e da escrita, de modo que haja para o educando a possibilidade de aprender, praticando o pensamento filosófico. A seguir foram tecidas considerações sobre o uso do texto filosófico e a prática de ler e escrever em sala de aula.

2.4.1 Experiência em sala de aula: o ensino da leitura e da escrita por meio do texto filosófico

Alinhada à proposta de um ensino que promova a aprendizagem sob a perspectiva do exercitar no qual o educando aprende praticando, experimentando, construindo, a pedagogia freiriana se revela como possível ao processo de construção de uma racionalidade dialógica capaz de articular a dimensão epistemológica da existência humana, aliada a outras dimensões necessárias a construção de novos saberes.

A partir dessa concepção, Freire concretiza sua tese com referência de que o conhecimento não tem sentido, quando fechado na simplicidade da relação do sujeito e do objeto. No processo de construção da relação dialógica, é indispensável para nutrir a produção de sentidos, que se potencialize o recriar do saber com base nas vivências e experimentos adquiridos ao longo do percurso.

A proposta inovadora de Freire propõe elencar os vários tipos de saberes na produção de conceitos e conhecimentos. O tema gerador tem por função estimular a troca de experiências e conhecimentos por meio do diálogo, levando em consideração a importância do respeito a opinião, as diferenças culturais, o pensar e a visão de mundo que cada indivíduo traz consigo. Assim, promove o desalojar, retira o indivíduo da caverna em busca da superação da ignorância de uma visão ingênua e superficial do mundo ao seu redor, e de uma racionalidade crítica da realidade sócio-histórica dos envolvidos.

No âmbito epistemológico, a percepção dialética freiriana oferece um contexto que se fundamenta no processo de construção do conhecimento, tomando por base o sentimento de que todo sujeito é portador de conhecimento, independentemente, de suas condições sócio culturais, econômicas ou políticas, visto que o conhecimento é o conjunto de saberes acumulados ao longo da vida que se constroem nas trocas e que acontecem no percurso existencial do sujeito em consequência do processo de socialização.

São saberes que se processam por meio de um tema gerador que tem por objetivo confrontar o saber preexistente com o saber em processo de construção, por meio do diálogo em grupo, através de discussões, debates, exposições de pontos de vista e experiências. Percebe-se que é possível promover discussão problematizadora que, no desenrolar, gera novos níveis de compreensão acerca do tema problematizado, possibilitando que cada um ressignifique sua percepção, concepção e visão de mundo.

É notório que todas as disciplinas utilizam mecanismos que despertam o pensamento dos educandos. Nosso objetivo, aqui, não é tornar a Filosofia uma mera ferramenta no processo

de ensino e aprendizagem; mas sim, oportunizar o despertar de uma autonomia de pensamento isento de conceitos preestabelecidos, prontos e acabados.

Oportuniza-se também, blindar os discentes contra as ideologias políticas, econômicas e sociais que os aprisionam e acorrentam em ‘cavernas’ em sombras e ilusões. Contudo, acreditamos na Filosofia como elemento que promova a mudança social, capaz de trazer em sua história, teorias trabalhadas por filósofos que problematizaram sobre os mais variados temas como política e a existência.

Não obstante, importa que o estudante adquira conhecimentos técnicos antes de falar sobre eles. É no mínimo necessário não parar diante de um ponto de vista sem abrir possibilidades a outros conhecimentos. Isso posto porque muitas vezes os objetos do conhecimento são ofuscados pelos mais variados motivos; no entanto, é possível buscar um novo olhar que possibilite a percepção do desenvolvimento do pensar sem negligenciar a necessidade de desenvolvimento autônomo do indivíduo.

Entendemos que a autonomia é uma construção subjetiva, que depende de cada um, de sua experiência de vida, embora acreditemos que possa ser construída coletivamente; e a escola, como espaço coletivo, possibilita esse acolhimento. Diante disso ousamos a buscar uma Filosofia transformadora, libertadora como instrumento catalisador do pensamento autônomo para aos estudantes.

Similarmente acreditamos que o trabalho de leitura e escrita filosófica aliado ao manuseio das Tecnologias Digitais (TD), contribuirá para o processo ensino-aprendizagem dos estudantes, oportunizando a criação de condições para que estes leiam, escrevam, falem, escutem, compartilhem e se comuniquem vivenciando momentos reais que corrobore para o desenvolvimento de um pensamento autônomo.

Nessa perspectiva, e com base nos estudos empreendidos a respeito das práticas pedagógicas em Paulo Freire (2002), propomos uma metodologia que dará condições para que o educando leia e escreva de modo expressivo, com clareza de ideias e que possa vivenciar momentos reais e virtuais que possibilitem a sua emancipação.

O desejo dessa intervenção é criar situações em sala de aula que estejam relacionadas à realidade do educando, de modo que ele, por meio das contribuições da educação, tenha capacidade de desenvolver habilidades de leitura e de escrita reflexiva e crítica. Ao alcançar tais objetos foram capazes de enfrentar as adversidades do meio sociocultural, além de atuar em sua própria realidade de modo autônomo.

A nossa proposta de intervenção ambiciosa promover de modo relevante a autônoma para ler e escrever nos jovens do Ensino Médio, utilizando textos filosóficos como ferramenta

de influência no processo comunicativo e dialógico das aulas. O foco, portanto, está na motivação à leitura, bem como a produção de textos escritos com o uso das tecnologias digitais e seu potencial colaborativo na produção dos resultados obtidos a partir do tema gerador.

Deduzimos que todo texto representa a expressão do pensamento que se pretende comunicar. Esse será o recurso no processo para despertar o desejo de exercitar o pensamento, a curiosidade e o potencial investigativo dos jovens. Quando falamos do texto filosófico em sala de aula, pensamos em oferecer ao estudante uma perspectiva de confronto ao escrito e às problematizações experimentadas no cotidiano da opinião.

Em vista disso o texto servirá de aporte no processo de sensibilização e escolha de um tema a ser problematizado – “Tema Gerador”; que consiste na expressão verbal de uma atividade de comunicação social, com objetivo de despertar num dado momento a curiosidade, criticidade e interesse de problematização do assunto tratado no texto.

Compreendemos que o texto filosófico traz em si uma orientação temática, uma ideia central, que poderá despertar questionamentos, indagações, problematizações, conduzindo ao momento de diálogo, no qual o professor terá papel de mediador, aquele que auxiliará o educando no processo de escolha do tema gerador.

Defendemos que a formação do sujeito para a produção de conceitos incide em oportunizar um aprendizado mais dinâmico, capaz de promover uma melhor compreensão do mundo e da realidade ao seu redor de modo que o sujeito sinta-se apto a intervir. Desejamos que o educando aprenda com as aulas de Filosofia a fazer a leitura não só de textos, mas de mundo, e que seja capaz de construir pontos de vista críticos, reflexivos e autônomos.

No desígnio de direcionar o plano de intervenção que ocorrerá de modo remoto por meio das tecnologias digitais da informação e comunicação – TDIC – e tendo em vista que as aulas presenciais estão suspensas desde o mês de março do ano de 2020, em função da pandemia do COVID-19²³ e em conformidade com todos os protocolos de segurança sanitárias conforme

²³ Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 pode ser assintomático ou oligo sintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentar dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Disponível em: <https://bit.ly/3g7fMqD>. Acesso em: 20 maio 2020.

RESOLUÇÃO SEEMG Nº 4310/2020²⁴, as atividades foram organizadas e desenvolvidas de maneira remota.

A atual conjuntura requer o distanciamento social para evitar o contágio por COVID-19, por isso foi instituído o ensino de maneira remota; fomentando um pouco mais o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDIC. As atividades foram organizadas e desenvolvidas da seguinte forma:

- I. Apresentação de questões;
- II. Problematizações elaboradas pelos educandos por meio do *Google Meet* e
- III. Acompanhamento de dúvidas e outras necessidades que se apresentarem pelo *WhatsApp*.

Na formação da autonomia tem-se o diálogo como ponto estrutural que oportuniza expor ideias, cultura e vocabulário. Consideramos que a fala revela muito sobre o indivíduo sua cultura, visão de mundo, saberes e outros. Isso possibilita conhecer os indivíduos, suas ideias, suas posturas e experiências. Desse modo, o diálogo não ficará restrito à fala, à expressão oral, mas também à expressão escrita, interpretativa dos saberes produzido no decorrer das atividades de intervenção.

As pretendidas atividades que foram realizadas têm por finalidade proporcionar uma reflexão interativa acerca da análise de temas com características ideológicas e dos estereótipos que fazem parte da construção ou desconstrução dos sentidos na realidade. Os recursos persuasivos e argumentativos que foram utilizados servirão de material para o confronto de ideias e análises, no decorrer do processo de construção dos saberes necessários à formação autônoma.

No objetivo de contribuir com o processo do ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio sugerimos a obra de Platão (2014) – *A República* – Livro VII, *Alegoria da Caverna*, em que se apresenta um diálogo que nos possibilita tecer reflexões sobre a importância de se trabalhar a consciência crítica, julgando que, diante da realidade, a razão segue com dualidade na qual a opinião doxa e o conhecimento episteme são elementares para o desenvolvimento do sujeito.

²⁴ Dispõe sobre as normas para a oferta de Regime Especial de Atividades Não Presenciais, e institui o Regime Especial de Teletrabalho nas Escolas Estaduais da Rede Pública de Educação Básica e de Educação Profissional, em decorrência da pandemia Coronavírus (COVID-19), para cumprimento da carga horária mínima exigida. SEEMG 22 de abril de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2VZ5SjW>. Acesso em: 20 maio 2020.

Buscando a construção de saberes significativos nas aulas de Filosofia, como processo de ruptura das sombras doxa da contemplação da luz logos o educador e educando/ filósofo procuram libertar-se da ignorância, situação muitas vezes angustiante na revisão dos sentidos de sua existência transformadora e libertadora.

O escritor Paulo Freire (2002) tem como ponto de partida a linguagem e o diálogo que promove a interação coletiva entre professor e aluno. Utilizando de palavras que fazem parte do cotidiano do aluno procurando desenvolver o que chamamos de temas geradores. Isso possibilita que o aluno reflita e posicione-se diante das questões relacionadas a sua realidade.

Pensamos ser de fundamental significância fazer o melhor uso possível dos conhecimentos adquiridos de forma a servir de orientação no processo de formação de indivíduos autônomos capazes de promover intervenções em suas realidades promovendo transformações significativas de vida.

Nossa pretensão é aliar o trabalho de leitura e escrita ao uso das tecnologias digitais, de modo que a produção de conhecimento torne-se mais significativa. Assim, o trabalho de leitura e escrita filosófica com o uso das tecnologias digitais se realizará nas aulas de Filosofia. E, assim, iremos desenvolver o plano previsto de intervenção, seguindo os momentos distintos que possam proporcionar aos alunos do 3º ano uma aventura direcionada ao desenvolvimento de competências e habilidades previstas.

Para que o Plano Educacional de Intervenção tenha êxito (2) duas aulas foram destinadas à orientação dos alunos para no contato com as ferramentas digitais que irão servir de subsídio no processo de produção, pesquisa e contato do grupo. As tecnologias que utilizaremos são: *WhatsApp*, o *Facebook*, *Google DOC.*, além da ferramenta de busca do *Google*.

O *WhatsApp* será a ferramenta de comunicação do grupo para tirar dúvidas, fazer combinados referentes à atividade e acompanhamento da turma no decorrer do plano de intervenção. No momento de pesquisa e investigação bibliográfica, a ferramenta será o site de busca do *Google*, espaço onde os alunos poderão fazer suas pesquisas.

O *Google DOC* auxiliará na edição de textos *on-line*, criação de apresentações, planilhas, tabelas e desenhos. Essa ferramenta foi escolhida por ser de acesso fácil e mesmo pela sua capacidade armazenamento de dados na nuvem. O *Facebook* será a ferramenta de postagem e produções dos alunos ao final do trabalho realizado. Com o uso dessas ferramentas, o processo de aprendizagem acontecerá de maneira cooperativa, porque os estudantes poderão se interagir na construção do conhecimento significativo.

Como aporte teórico metodológico para a produção de conhecimento da leitura e da escrita no uso das tecnologias digitais, usaremos a proposta metodológica dos “Temas

Geradores” do filósofo Paulo Freire (1987), em sua *Pedagogia do Oprimido* como uma via de interação dialógica no processo de aprendizagem em busca de situações significativas.

A metodologia dialógica freiriana tem como fundamento que as relações entre os homens acontecem por meio do diálogo, momento considerado como criação por oportunizar a reflexão, a ação e interação do homem com o mundo. Segundo Freire, “Se é dizendo a palavra com que, ‘pronunciando’ o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (FREIRE 1987, p. 45).

Assim, teremos o diálogo como fundamentação da proposta de intervenção que se desenvolverá por meio dos temas geradores no exercício da leitura e escrita filosófica. A ideia é proporcionar no espaço da escola uma maior interação com a realidade circundante, capaz de articular teoria e prática vivenciada na produção de novos saberes.

É importante reenfatar que o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens – mundo. Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seus atuar sobre a realidade, que é a sua práxis. Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela (FREIRE, 1983, p. 56).

A metodologia de construção de conhecimento contará com momentos de estudo, trabalho coletivo e desafios que oportunizaram o desenvolvimento de competências e habilidades no processo de ensino aprendizagem libertadora e autônoma. Tomando por modelo a *Pedagogia da Autonomia* que retrata o conhecimento como forma de libertação do indivíduo no qual o educador e mediador de tal missão (FREIRE, 2002).

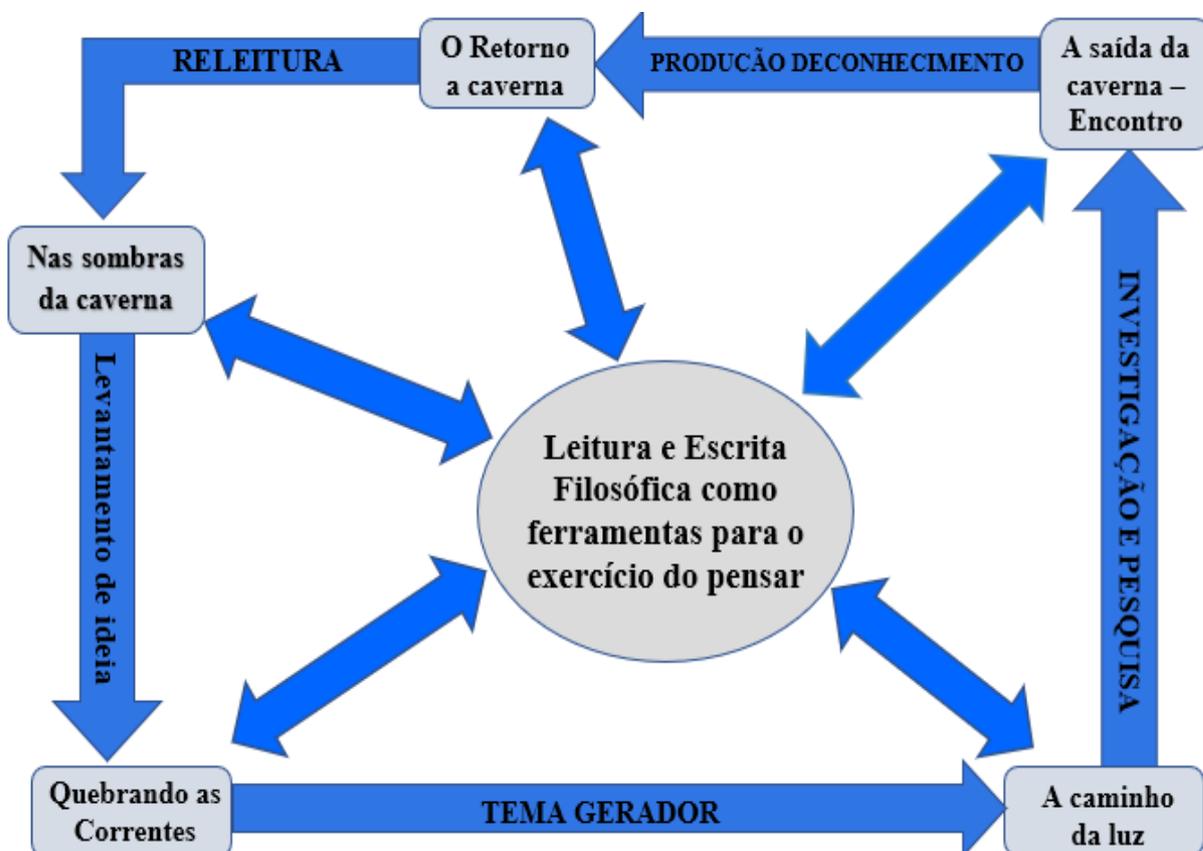
Como procedimentos didáticos para o aporte no desenvolvimento das metodologias do Plano Educacional de Intervenção junto aos jovens do Ensino Médio, objetivando o exercício do pensar em busca de saberes significativos, utilizaremos o diálogo platônico como direcionamento das etapas metodológicas. O texto que nos referimos se encontra na obra *A República*, livro VII – *A Alegoria da Caverna*, do filósofo Platão. O texto traz muitas reflexões acerca das necessidades de ir em busca do conhecimento verdadeiro.

Vale lembrar do que fala o diálogo entre Sócrates e Glauco sobre o efeito da educação e de sua falta em nossa natureza. Platão usa de artifícios para explicar que o mundo que percebemos com os sentidos é ilusório, confuso e rodeado de sombras. E há necessidade de se quebrar as correntes e ir em busca de algo mais real que poderá ser alcançado por meio da razão.

Acreditamos que podemos percorrer uma metodologia em busca de uma articulação no trabalho de intervenção, no sentido de propor uma dinâmica metodológica de leitura e escrita filosófica com o uso das tecnologias digitais na construção da autonomia. Temos como pretensão alcançar como resultado a promoção da leitura e escrita como mediações fundadoras do exercício do pensar no processo de construção de uma aprendizagem da autonomia no ensino.

Essa ideia foi desenvolvida no projeto de intervenção, conforme a ilustração apresentada.

Figura 1 – Metodologia de trabalho



Fonte: Elaboração própria da pesquisadora (2021).

A pretensão é exercitar o pensar filosófico através de diversas atividades pedagógicas de leitura e escrita no desenvolvimento do amadurecimento e da autonomia dentro de diversificados contextos. Para tanto, o plano da intervenção dar-se-á em cinco (5) etapas que acontecerão em dez (10) encontros.

Veja, a seguir, em primeiro momento, a descrição de cada uma das cinco fases previstas para a prática da intervenção.

Nas Sombras da Caverna – A metodologia freiriana será o primeiro contato do aluno com o texto que ocorrerá da seguinte maneira: será entregue aos alunos textos diferentes como gravuras, músicas e poemas com temas variados. Após a leitura, a proposta é expor o tema e dar sugestões de novas ideias. A nossa pretensão é que os alunos, nesse momento, leiam, comparem e escolham as abstrações presentes nos textos. Depois, então, acontecerá o momento de conversa entre a turma, que poderá ser marcado e realizado por meio do *Google Meet* – ferramenta de comunicação entre os alunos, por causa das aulas não presenciais sugeridas pelo distanciamento social ocasionado período da pandemia.

Quebrando Correntes – Por meio das leituras e discussões das ideias contornadas no momento de interação realizada entre os alunos, será eleito o tópico que mais se destacou nas discussões. Chamamos de Tema Gerador (FREIRE, 1983) o que será problematizado. nesse ponto, haverá a problematização com questionamentos e indagações ao tema. Espera-se que as ponderações feitas criem caminhos a serem percorridos neste momento da pesquisa e esclareçam as investigações, em busca das respostas ao problema suscitado entre eles.

A Caminho da Luz – Considerando que o caminho da busca do conhecimento é íngreme quando nos colocamos na posição de subi-lo, torna-se imperativa a atenção a todos os percalços que, porventura, apareçam. Logo, no momento em que se propõe a percorrê-lo, faz-se necessário o desejo de fazê-lo com cautela, a fim de que não haja perda no percurso. Este é o momento da investigação e da pesquisa em que será feito o levantamento bibliográfico do tema. De modo eficaz, esse auxílio será orientado tanto para uma busca bibliografia coerente quanto para a seleção dos dados para a pesquisa de campo. Frente aos referenciais bibliográficos sugeridos, os jovens pesquisadores organizarão as respostas para as problematizações apontadas.

A Saída da Caverna – Com o embasamento teórico adquirido por meio da investigação na pesquisa, propõe-se neste item que os voluntários deste nosso trabalho apresentem seus resumos escritos das respostas às ideias apontadas. Aqui, então será apresentado o fichamento das ideias confrontadas em busca de uma resposta mais homogênea possível, que ampare os jovens na produção de seus textos finais. Após a apresentação das soluções, conceituações, será o momento de produção, de acordo com as conclusões e sugestões de solução dos problemas os alunos irão produzir os resultados em forma de textos, artigos, livretos, que foram produzidos e apresentados com o uso das tecnologias digitais.

O Retorno à Caverna – Como esta pesquisa, em sua essência, prima pela construção da autonomia, torna-se coerente que os discentes em análise utilizem das suas próprias produções no intuito de construir novos saberes. E assim como o filósofo liberto saiu da caverna cheio de

coragem e desejoso de compartilhar com seus companheiros todas as suas experiências e as situações às quais fora submetido, do mesmo modo apresentamos aqui o retorno desses pesquisadores à “*caverna*”. O intuito é que isso ocorra por meio da produção de atividades que foram apresentadas para auxiliar aqueles que ainda se encontram perdidos no desentendimento. Sugerimos que conste nessa atividade um novo levantamento de um tema gerador, uma nova problematização, investigação e pesquisa para, no fim, chegar a uma nova produção.

Apresentamos, na sequência, um quadro esquemático que resume os momentos e etapas metodológicas da nossa pesquisa, baseadas nas ideias desenvolvidas pelo filósofo Paulo Freire (1987) como também a síntese da nossa proposta de intervenção, configuradas nos princípios platônicos em *A Alegoria da Caverna*.

Quadro 1 – Procedimentos de trabalho

ETAPAS METODOLÓGICAS	PAULO FREIRE (1987) – TEMA GERADOR	PLANO DE INTERVENÇÃO USANDO A ALEGORIA DA CAVERNA COMO REFERÊNCIA
Encontros	Metodologia	Intervenção
1º e 2º Encontros	Levantamento Preliminar	Nas Sombras da Caverna
3º e 4º Encontros	Análise do Material	Quebrando Correntes
5º e 6º Encontros	Investigação Temática	O Caminho da Luz
7º e 8º Encontros	Escolha do Tema Gerador	A Saída da Caverna
9º e 10º Encontros	Planejamento das Atividades a partir do Tema Gerador	O Retorno à Caverna

Fonte: Elaboração própria da pesquisadora (2021).

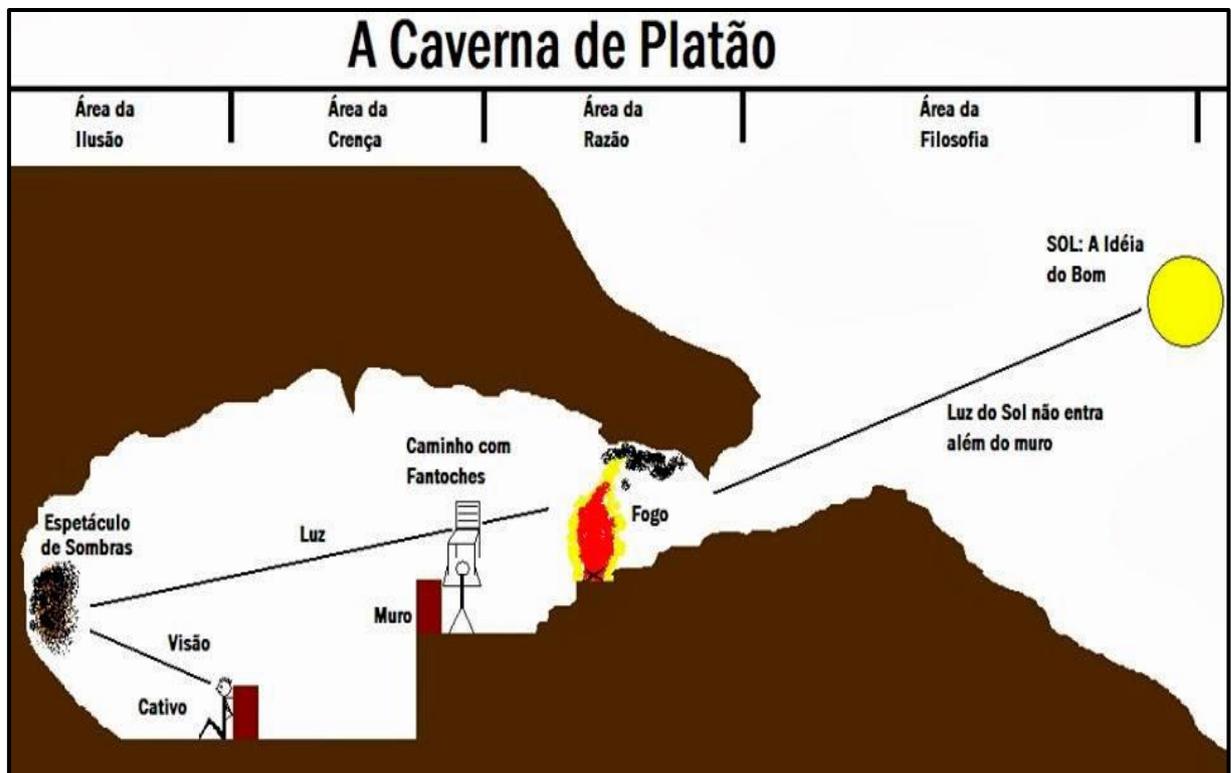
Para melhor entendimento, expomos a ilustração da caverna, retratando a crítica platônica contra a conveniência causada pelos maus hábitos de comodismos. O filósofo, igualmente, reverencia o esforço que conduz a saída da situação estagnada em que muitos se encontram.

Figura 2 – Alegoria da Caverna



Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://bit.ly/2VYtwN6>. Editada pela própria da pesquisadora (2021).

Figura 3 – A Caverna de Platão



Fonte: Google Imagens. Disponível em: <https://bit.ly/2VYtwN6>. Editada pela própria da pesquisadora (2021).

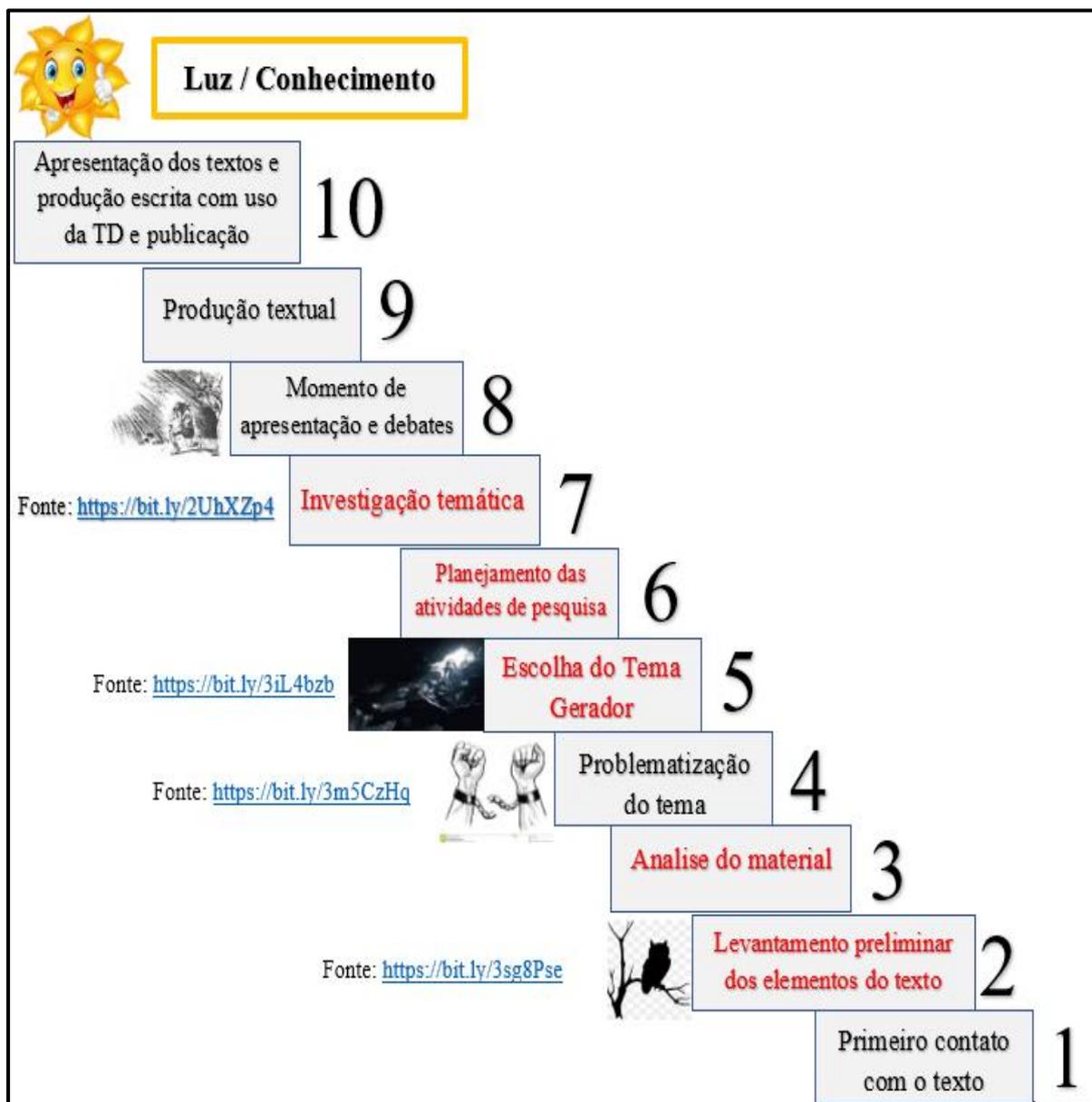
É nesse mesmo sentido que aplicamos o conhecimento em nossa almejada metodologia; visto que essa metáfora nos oportunizará seguir a diretriz do pensamento platônico.

Simultaneamente, vislumbraremos na nossa pesquisa fases do estudo que estão alinhados a uma prática freiriana de ensino. Ambicionamos que nossos alunos sejam comovidos pelo desejo da libertação das correntes que, além de oprimir, impedem o desenvolvimento intelectual em uma caminhada em direção ao saber significativo que possibilite uma educação que liberta e transforma. A seguir mostraremos como procederá a proposta de intervenção desta pesquisa.

2.4.2 Orientações Metodológicas

Exibiremos a nossa Proposta Educacional de Intervenção (PEI) da forma como será desenvolvida na turma do 3º ano do Ensino Médio. Assim, foram descritos os objetivos, os recursos utilizados, o feitiço de como acontecerá a avaliação, a carga horária prevista e o desenvolvimento das atividades. Isto posto, apresentamos a seguinte sugestão para a organização das atividades.

Figura 4 – Desenvolvimento Metodológico dos encontros



Fonte: Elaboração própria da pesquisadora (2021). Editada com imagens *Google*.

Será enviado para *WhatsApp* da turma com o *link* para o encontro simultâneo dos alunos no *Google Meet*. Nesse momento, o professor apresentará a proposta de trabalho para a turma, esclarecendo os pontos relevantes sobre a importância da leitura e escrita nas aulas de Filosofia. Oportunamente, exibiremos os objetivos do trabalho e divulgaremos as ferramentas que servirão de apoio para a conclusão e apresentação do trabalho final.

Contudo, os participantes, idênticamente, apresentarão sugestões, fazendo alterações em pontos que julgarem necessário ou que se apresente como inviável para a realização do evento de ensino com eficácia. Oportunamente, também, criado o nome para a atividade, recomendações do melhor dia e horário para outros encontros simultâneos. Do mesmo modo,

haverá decisões relacionadas as normas que foram seguidas para o bom andamento do grupo e das atividades.

Em seguida, apontaremos, sob a égide da *Alegoria da Caverna* de Platão, a descrição de como as aulas foram materializadas.

1º ENCONTRO: NAS SOMBRAS DA CAVERNA

Tempo de duração da aula: 1h/a

O encontro acontecerá em modelo *on-line*, com o auxílio da ferramenta *Google Meet*, em função das aulas estarem acontecendo no formato remoto por causa da pandemia COVID-19. Após os cumprimentos e as boas-vindas, será esclarecida a dinâmica dos encontros para a realização das atividades, a escolha do tema. Oportuno frisar que, ao final, os alunos produzirão uma dissertação com o tema gerador.

A pretensão de que a fomentação dessas atividades ocorra por meio eletrônico, através da plataforma do *Google Classroom* no espaço das atividades. Da mesma maneira, utilizaremos o *Google DOC*, como também o *Word* – editores de textos já conhecidos pelos alunos e que podem ser usados no celular. Além dessa forma individual, propiciaremos o trabalho coletivo, utilizando a ferramenta de criação e apresentação visual Powerpoint, onde poderão criar história em quadrinhos, jogos de perguntas e respostas ou mesmo um outro em que o grupo tenha habilidade criativa.

Levando em conta que muitos alunos têm facilidade para manusear as tecnologias digitais, também poderão ser criados livretos ou *folders*. A forma de apresentação ficará a cargo dos grupos; a intenção aqui é que os trabalhos, depois de feitos e corrigidos, sejam publicados no *Facebook* da escola para apreciação da comunidade escolar.

Depois disso, os alunos foram convocados a ouvir a música *Tropicália* de Tom Zé. Em seguida conversarão entre si sobre a vida do compositor, a época em que a música foi lançada, e o contexto histórico do período tratado na canção, bem como o significado da expressão tropicália. Seguindo, a letra da música será espelhada para ser cantada em *playback*.

Será propiciado, ainda, um momento para se comentar sobre a letra da música e as impressões que ficam evidentes no primeiro momento. Em seguida, será apresentado um *slide* com o poema de Carlos Drummond de Andrade *No meio do caminho* que seguirá as mesmas orientações propostas para a canção.

Outro aspecto é a atenção para as anotações e busca no dicionário das palavras desconhecidas na letra da canção, do poema ou outras que, porventura, apareçam nas

discussões. Assim sugerimos um confronto com os dois textos em um momento de chuva de ideias – dinâmica com a exposição de ideias ou conceitos, utilizando palavras ou frases curtas.

O objetivo dessa etapa foi aprimorar e estimular a leitura de obras dos mais diversos autores e pensadores filosóficos, explorar possibilidades de leitura e diálogo oral e escrito com textos de variados gêneros e procedências culturais, identificando e compreendendo os elementos filosóficos.

Também busca-se desenvolver habilidades de leitura e interpretação, capacidade de fazer levantamento preliminar das ideias centrais e problematizantes que envolvam os textos. O objetivo é prover os alunos de condições de modo que, não só analisem os temas, mas também possam fazer escolhas relevantes para ser pesquisadas.

Os textos para leitura e investigação foram enviados para cada aluno através do *link* dos vídeos postados no *Classroom* da turma. As atividades a serem desempenhadas na turma ficarão definidas com as horas e as datas acordadas por todos os alunos.

2º ENCONTRO: QUEBRANDO CORRENTES

Tempo de duração da aula: 1h/a

Após a audição dos textos e música, os alunos irão dialogar sobre os textos e as reflexões que fizeram. À medida que esse diálogo for acontecendo foram feitas as observações e possíveis intervenções para que não corram o risco de o diálogo sair do contexto previsto para a aula. Essa intervenção é necessária para a fomentação eficaz do diálogo nas aulas de Filosofia, para não ocorrer a fuga de um dos objetivos profícuos que é promover o exercício do pensar.

A interação seguirá de forma colaborativa dos alunos, que irão comentar as impressões sobre os textos, as situações problemas e questionamentos levantados no decorrer das reflexões. As impressões e questionamentos apresentados foram anotados por um dos colegas escolhido pelo grupo ou que se apresente, voluntariamente, para ser o representante na reunião.

Ele será o responsável pela escrita do dia, auxiliará na organização do encontro, controle do chat, para que não fique sem resposta nenhum questionamento ou manifestação apresentada. Após a apresentação dos questionamentos e problematizações, irá listar o que ficou evidente durante as apresentações e os assuntos que mais se destacaram.

Esses destaques foram considerados temas geradores das discussões, pesquisa e investigação. O objetivo é articular a tomada de consciência da relação existente entre os textos

e o cotidiano, em busca de significados relevantes de acontecimentos, ideias e de conceitos que despertem o desejo da investigação e da pesquisa.

3º ENCONTRO: O CAMINHO DA LUZ

Tempo de duração da aula: 1h/a

Este será o momento da seleção do “Tema Gerador” que servirá de ponto de partida no processo de construção e da descoberta. É o tema gerador que indicará o caminho, os próximos passos a serem seguidos em busca da elucidação de aspectos que poderão responder aos questionamentos levantados *a priori*.

O processo de escolha dos temas torna-se mais interessante com a participação ativa dos alunos e do professor. O objetivo é apresentar ações que despertem a curiosidade, o desejo de exercitar o pensamento, que venham auxiliá-los no enfrentando dos problemas vivenciados. O intuito é que eles pensem a relação da Filosofia com a realidade na qual estão inseridos e, assim, possam buscar a promoção do desenvolvimento do pensar.

4º ENCONTRO: O CAMINHO DA LUZ

Tempo de duração da aula: 1h/a

Nesse encontro será o momento que os alunos irão transformar as dúvidas e impressões em algo que possa ser averiguado, revirado, enfrentado como uma problemática filosófica a ser investigada. Nessa etapa, o professor, como mediador de conflitos, evitará que o tema-problema tome outro rumo ou se disperse.

O objetivo é articular as colocações do aluno de maneira que elas convertam-se em esforço comum de busca e de elementos problematizantes que o desperte sobre a importância da investigação para a pesquisa. Essa etapa é mais extensa, pois requer estudo sobre o tema, envolvendo o contexto histórico, o pensamento e as abordagens já realizados.

Do mesmo modo, os alunos foram orientados sobre as fontes de pesquisa para estudo do contexto histórico que envolve o texto de Tropicália e o “problema do conhecimento de si e do outro”. Da mesma maneira, outro contexto a ser investigado circula em torno da história da Filosofia e os seus primeiros pensadores.

Além das atividades propostas com os textos citados, neste quarto encontro selecionamos, também, o filme *Sócrates*, de Roberto Rossellini, onde a Filosofia insere-se no

contexto do estudo por meio da figura emblemática de Sócrates, que mostra o pensamento e o diálogo como algo peculiar, vivo e praticado no cotidiano.

5º ENCONTRO: O CAMINHO DA LUZ

Tempo de duração da aula: 1h/a

Partindo da ideia de que as provocações e problematizações são fundamentais no estudo da Filosofia, o quinto encontro propõe a movimentação do pensar que acontecerá por meio de provocações levantadas de questões relacionadas ao tema gerador, aos textos com as suas ideias conflituosas e o modo como induzem o nosso pensamento no cotidiano.

O momento da problematização é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa do tema gerador; por isso sugerimos as seguintes indagações: O que podemos chamar de pedras em nossos caminhos na atualidade? O que significa dizer “Tô estudando prá saber ignorar?” ou mesmo, como podemos entender o pensamento como ferramenta de transformação ou de enfrentamento de problemas?

É a forma de oportunizar o planejamento da pesquisa bibliográfica como estratégia de busca de respostas efetivas e significativas para obter conhecimento. O objetivo é estimular o senso de pesquisa dos alunos e desenvolver competências relacionadas a leitura, classificação, resumo e síntese de textos científicos.

A partir das pesquisas realizadas os alunos selecionarão os trechos, as informações e conceitos mais relevantes ao assunto; farão fichamentos e esquemas da pesquisa para que possam estudar e apresentar para os colegas em resposta às problematizações levantadas. Os alunos lançarão mão da ferramenta multimídia Powerpoint para a apresentação dos trabalhos.

6º ENCONTRO: O CAMINHO DA LUZ

Tempo de duração da aula: 1h/a

Depois da escolha do tema gerador é de fundamental importância que os alunos elaborem um esquema das investigações e pesquisas que foram realizadas, de maneira que possam ser apresentadas e confrontadas, a fim de que alcance um conhecimento que seja considerado universal ou comum entre eles. Assim, os esquemas feitos por meio das pesquisas foram apresentados, de modo ágil, evitando repetições.

A realização dos esquemas ocorrerá em grupo com 4 alunos. A partir disso, sugerimos que os grupos comuniquem-se via *WhatsApp*, apresentando a síntese do que foi pesquisado para uma apresentação rápida e objetiva.

7º ENCONTRO: A SAÍDA DA CAVERNA

Tempo de duração da aula: 1h/a

Após o trabalho de pesquisa do tema gerador, a turma será dividida em grupos e cada grupo terá a responsabilidade de estudar e defender seu ponto de vista, tal como era feito na ágora – praça pública em Atenas, onde por meio da argumentação oral os homens defendiam suas ideias a respeito do futuro da pólis.

Os grupos se envolverão em um debate de ideias sobre o tema. Após as argumentações, haverá votação direta com os alunos que não se encontravam em nenhum grupo que apresentou no dia, para determinar qual argumento será o mais plausível. Feito isso, o professor irá propor que cada aluno, ao fazer sua escolha, justifique-se. O objetivo é que esses adolescentes desenvolvam o poder de argumentação, de síntese e habilidade para lidar com situações conflituosas e, também, sejam capazes de apresentar soluções plausíveis desenvolvendo o raciocínio lógico.

8º ENCONTRO: A SAÍDA DA CAVERNA

Tempo de duração da aula: 1h/a

Este momento é crucial que aconteça após o levantamento de ideias; dedica-se à escolha do tema, à problematização e à investigação. Desse modo, todos estarão munidos de uma gama de conhecimentos que poderão ser utilizados, como resultado do esforço realizado durante o desenvolvimento das atividades.

Assim, neste encontro, será proposto à turma, que diante dos conhecimentos adquiridos, produzam materiais para que sejam registrados e apresentados como resultados da pesquisa. Essa produção poderá ser feita de várias formas como dissertação, artigos, livretos, panfletos que foram usadas como registro de conclusão. Estes produtos poderão ser produzidos e divulgados com o auxílio das ferramentas disponíveis pelas tecnologias digitais já apresentadas.

A dissertação filosófica é uma forma de discurso que articula os conhecimentos obtidos que foram desenvolvidos por meio da argumentação rigorosa, expostos em um trabalho de subjetivação que coloca aquele que escreve um pouco mais além do mero exercício de escrita.

O objetivo é preparar os estudantes aos poucos para a prática da Filosofia, do pensamento reflexivo, crítico e autônomo.

9º ENCONTRO: TRABALHANDO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Tempo de duração da aula: 1h/a

Para a produção final que poderá ser individual ou coletiva sugerimos a utilização da tecnologia digital; uma das ferramentas poderá ser o *Google DOC*. A partir da análise filosófica, será recomendada a construção de uma história em quadrinhos, ilustrando o entendimento do grupo sobre o tema.

Para essa produção, poderá ser utilizado como ferramenta, o PowerPoint: pôsteres e folders virtuais, infográficos e memes. Todos os trabalhos confeccionados pelos estudantes, depois de corrigidos, foram postados nas redes sociais da escola para que sejam divulgados e sirvam de incentivo para as outras turmas. Esse material, posteriormente, funcionará como modelo de estudo para novas produções.

10º ENCONTRO: O RETORNO A CAVERNA

Tempo de duração da aula: 1h/a

Este momento será destinado à avaliação, que poderá acontecer com base em alguns critérios previamente estabelecidos pela turma, como a participação nas atividades, atuação deles durante as discussões, debates e argumentações, respeito a opinião dos colegas, empenho e participação no trabalho de problematização e a investigação e pesquisa.

Do mesmo modo, será observado se, nas atividades realizadas, houve compreensão, entendimento e apreensão do conteúdo estudado. Os elementos que foram levados em consideração para a avaliação foram: leitura e análise de texto, debate e quadro comparativo dos textos e pesquisas, pesquisa e seleção de material, produção de um texto dissertativo, artigo livretos, jogos e outros.

Defendemos uma avaliação qualitativa que sirva de feedback tanto para os alunos quanto para o professor, pois o objetivo principal é a aprendizagem. Portanto, a avaliação principal será no decorrer das atividades, observando os desenvolvimentos dos estudantes no decorrer do processo, analisando a formação de conceitos, os questionamentos e as intervenções realizadas através dos diálogos.

Sempre que julgar necessário, perceber se houve mudanças significativas no comportamento e postura frente aos problemas, dificuldades e conflitos. Perceber se os estudantes foram capazes de superar as ideias do senso comum, para uma ideia epistemológica.

Será feito o acompanhamento pedagógico dos alunos, apresentando, sempre que necessário, as intervenções, após a leitura das produções escritas dos estudantes, bem como o incentivo à leitura e a retomada das ações relevantes para um melhor aprendizado.

Segue o cronograma.

2.4.3 Cronograma

As etapas acima descritas têm por objetivo acrescentar a aprendizagem, os saberes formais, o plano de ação e a divulgação externa. A descrição dessas etapas não pretendeu dar uma receita, mas apenas servir de subsídios no desenvolvimento do plano educacional de intervenção de leitura e escrita nas aulas de Filosofia.

O Plano Educacional de Intervenção será realizado pelo professor de Filosofia em suas aulas como atividade do exercício do pensamento. As tarefas foram divididas e orientadas pelo professor da disciplina e discutida com os alunos no intuito de exercitar a autonomia dos jovens na tomada de decisões frente as tarefas estudantis.

O tema gerador será definido pela turma baseado em estudos situacionais realizados previamente após a leitura e análise do material escolhido e apresentado pela turma para trabalhos em equipe.

Dessa forma, a fase exploratória e de pesquisa será realizada a partir do tema gerador escolhido. No final do bimestre, o plano de intervenção apresentado para apreciação da comunidade escolar, numa amostra geral da turma, com exposição dos textos e um sarau Filosófico que será avaliado pelo professor, supervisão e direção da escola. Após aprovação poderá ser publicado nas redes sociais da escola e particulares de cada aluno envolvido no plano de intervenção.

Afinal, conforme Paviani (2008) oferece a todos nós, seus leitores e apreciadores das suas abordagens, um vasto teor acerca do que, definitivamente, agita os estudos sobre a filosofia, a ética e a educação. Vale observarmos, que o filósofo é contumaz em suas fundamentações nos mais brilhantes e importantes filósofos da história da humanidade. Quase que poeticamente e de forma despretenciosa ao nosso ver transporta outros contornos de ajuizar manifestações das nossas emoções e dos motivos que nos fazem buscar a lucidez

apropriada para trilharmos por novos horizontes em direção à luz da edificação dos nossos conhecimentos.

O projeto de intervenção seguirá o cronograma apresentando no quadro seguinte:

Quadro 2 – Cronograma do Projeto de Intervenção

Opções	Descrição da Etapa	Data Inicial	Data Final	Finalizada em
 	NAS SOMBRAS DA CAVERNA: Levantamento preliminar; apresentação da proposta de trabalho e seus objetivos	15/03/2021	15/03/2021	
 	NAS SOMBRAS DA CAVERNA: LEVANTAMENTO PRELIMINAR – Objetivo: aprimorar e estimular a leitura das obras do PEI, diálogo sobre a compreensão do tema	15/03/2021	22/03/2021	
 	QUEBRANDO AS CORRENTE: ANALISE DO MATERIAL – Objetivos: Motivar o exercício do pensar; articular os elementos problematizantes que desperte o desejo da investigação e pesquisa	29/03/2021	05/04/2021	
 	O CAMINHO DA LUZ: INVESTIGAÇÃO TEMÁTICA – Objetivos: Estimular a pesquisa, desenvolver competências de leitura, resumo e síntese de textos científicos.	12/04/2021	19/04/2021	
 	A SAÍDA DA CAVERNA: ESCOLHA DO TEMA GERADOR – Objetivos: Desenvolver habilidade de argumentação, de lidar com situações conflituosas	26/04/2021	03/05/2021	
 	RETORNO A CAVERNA: PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES – Objetivos: Apresentar com clareza as argumentações sobre o entendimento do trabalho; produção textual a partir do tema gerador, utilizando os recursos da TDI	10/05/2021	17/05/2021	

Fonte: Elaboração própria da pesquisadora (2021).

Observação: O Plano de Intervenção não foi desenvolvido por motivo da Pandemia da Covid19 e as condições de acesso dos alunos aos aplicativos disponibilizados pelo governo do estado não alcançarem a todos os alunos da escola, haja visto que são alunos carentes e que a maioria não tem acesso aos meios digitais em suas residências.

CONCLUSÃO

O indivíduo, por sua capacidade de busca, desejo de conhecer e superar situações que possam ser causa de opressão, necessita de uma pedagogia formativa capaz de desinstalar, fazer com que esta saia das sombras em busca de sua autonomia de pensamento e ação. Para que essa condição seja alcançada acreditamos ser necessária, a intervenção de uma prática pedagógica de cunho transformador, libertador, na qual o diálogo seja ferramenta mediadora das ações envolvidas no processo de formação da autonomia na construção do conhecimento.

Transitamos em torno da importância do exercício do pensar e como esse poderia se dar com o auxílio da leitura e escrita, como elementos que possibilitassem atitudes autônomas frente à construção de conhecimento nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. Fazer entender que, apesar das dificuldades encontradas no caminho do ato de ler e escrever exigem esforços cujos ganhos ultrapassam os muros da escola, trata-se, portanto, de fazer compreender quão valioso pode ser o trabalho escolar, como local de encontros trata-se também de fortalecer a compreensão de que assim se dá a construção de saberes significativos é que levará à condição de sujeito livre e autônomo.

O desenvolvimento de nossa pesquisa orbitou em torno do desejo de encontrar práticas pedagógicas que possibilitasse aos estudantes do Ensino Médio uma formação autônoma de conhecimento no uso da leitura e escrita filosófica, tendo o diálogo como mediador desse conhecimento. Nessa trajetória, perpassamos teorias de dois autores importantes que de alguma forma me serviram de inspiração mesmo que muitas vezes inconscientemente.

Pensando em uma trajetória de mais de 20 (vinte) anos no magistério, tendo a oportunidade de trabalhar como alfabetizadora do ensino infantil, outros conteúdos e, mais tarde, no Ensino Médio com Filosofia e Sociologia, sempre me incomodou a dificuldade que os estudantes apresentam diante da leitura e produção escrita sobre textos clássicos ou mesmo de trabalhar com temas que a princípio não se apresentam como clássicos e produzir uma escrita crítica a respeito do que se leu.

Ao longo do tempo, percebemos que o ato de ler e escrever se tornavam superficiais e mecânicos com objetivo de apenas preencher os horários de aula e cumprir com as atividades escolares, que eram realizadas sem uma atitude reflexiva e crítica dos textos, percebendo que ao serem travados diálogos para exposição e compreensão dos temas, esses não se desenvolviam como as expectativas planejadas.

O anseio foi de compreender e buscar práticas pedagógicas capazes de fortalecer o exercício de leitura e escrita o que trouxessem uma dinâmica eficaz, no desenvolvimento das habilidades e competências necessárias à disciplina de Filosofia no Ensino Médio, na construção do conhecimento emancipatório.

Ao trabalhar com o aporte teórico escolhido, foi possível entender a relação metodológica que envolvia os dois autores, o que trouxe grande alento: a relação metodológica que envolve os pensadores Platão e Paulo Freire giram em torno do diálogo com elemento norteador na construção do conhecimento. Assim, percebemos que a metodologia tratada por Platão traz consigo os meios que inspiram o indivíduo a aventurar-se na busca do conhecimento que auxilie no desenvolvimento do agir diante da realidade vivida.

Podemos destacar como ponto marcante da prática educacional em Platão o método dialético, no que entendemos que a busca do conhecimento suscita, no desenvolvimento do pensamento crítico, como uma atitude constante na vida do indivíduo. Entendemos que essa prática é o que favorece ao sujeito uma atitude transformadora e emancipadora.

Em Paulo Freire, temos uma prática pedagógica na qual o processo ensino aprendizagem acontece em comunhão: educando e educador desenvolvem habilidade de ensinar e aprender num trabalho conjunto, e assim, como em Platão, o trabalho dialógico aparece como ponto importante no processo, como prática necessária para o desenvolvimento de uma educação de qualidade. Em tese, os pensadores abordados estimulam o trabalho dialógico como ferramenta na construção da autonomia do conhecimento.

Contudo, a oportunidade de desenvolver uma pesquisa para o curso de mestrado levou à percepção de que, após 20 anos fora da academia e sem o devido contato e trato com a leitura acadêmica e epistemológica, também apresentava dificuldade nessa especialidade. Foi o que despertou ainda mais o sentimento de retorno à caverna como possibilidade de ao enfrentar os desafios que a leitura e escrita filosófica como construção de uma autonomia do pensar pode proporcionar, desenvolver um plano de intervenção que seja capaz de alcançar os estudantes do Ensino Médio, proporcionando um conhecimento que os liberte das amarras das dificuldades de busca de novos saberes por intermédio da leitura e produção escrita com crítica.

Destacamos a necessidade de ressignificar a prática pedagógica do ensino de Filosofia, indicando que é pertinente o uso da leitura e escrita filosófica de modo produtivo e consciente, na qual o estudante será protagonista no exercício do pensamento que conduz a autonomia de suas ações por ser capaz de fazer leitura que vá além dos limites da sala de aula, do material didático, do simples ato de cumprir o seu papel de estudante, mas que seja o primeiro passo de uma formação libertadora e transformadora da realidade que o cerca.

Como professores comprometidos com o ato de ensinar, somos levados a refletir sobre a importância de uma prática pedagógica que objetive o aprendizado para a transformação do sujeito, que seja capaz de libertar da opressão causada pela ignorância e apatia diante do saber. Desejamos com a nossa ação colaborar com as causas educativas que promovam o exercício do pensamento em favor de uma formação humanizada, criativa e reflexiva em favor da construção de novos saberes.

Diante da realidade observada e dificuldades encontradas, consideramos que o papel da escola é contribuir para a formação dos estudantes matriculados na Escola Estadual Felício Pereira de Araújo, colaborando para um aprendizado capaz de motivar a interação de maneira crítica frente à diversidade dos textos que circulam nas obras, sejam didáticas, literárias, cinematográficas dentre outras que lhes possam se interessar.

Elaboramos uma proposta de intervenção para minimizar as dificuldades levantadas, abraçamos uma postura que tem a leitura e escrita como elemento basilar para o desenvolvimento do educando. Para tanto, compreendemos, que para uma formação de leitores críticos são indispensáveis as orientações deixadas por Freire (1987) “[...] não basta saber ler que Eva viu a uva [...]”, se faz necessário ensinar que o estudante saiba compreender o contexto em que está inserido.

Ler criticamente envolve atitude de análise, compreensão das intenções, ser capaz de contextualizar, inferir, dar sugestões, fazer escolhas, entender os motivos, significados e, a partir do que foi posto, desconstruir e reconstruir, ressignificar as ideias elencadas nos textos em busca de possibilidades de uma nova maneira de ler o mundo a partir dos conhecimentos adquiridos.

A atual realidade trouxe dificuldades para alcançarmos os objetivos, pois não foi possível desenvolver nosso plano Educacional de intervenção. Assim, não conseguimos verificar e coletar os dados necessários para entender o desenrolar das atividades propostas para o trabalho de formação da autonomia dos estudantes no uso da leitura e escrita filosófica. Para exemplificar, mesmo com todas as condições ofertadas pela SEEMG – Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, a comunidade que frequenta a Escola Estadual Felício Pereira de Araújo é muito carente, o que dificulta em muito os trabalhos remotos, tornando difícil o trabalho proposto no PEI.

Enfim, a expectativa que trazemos foi fazer um trabalho que favoreça a autonomia dos estudantes, no qual o diálogo, a escrita e a leitura sejam elementos fundantes no desenvolvimento das aulas de Filosofia, desejando que seja possível, como outras ações implantadas na Escola Estadual Felício Pereira Araújo que essa proposta seja abraçada

interdisciplinar. Queremos salientar que ainda assim seguimos comprometidos em enfatizar o papel da Filosofia no trabalho de oportunizar um conhecimento que se faz na ação, na atitude, no exercício do pensamento em busca de atitudes independentes do sujeito frente ao trabalho de leitura e escrita, ferramentas de formação do indivíduo autônomo.

Esse é o desafio que ficou agora; explorar meios que possibilitem vencer tais desafios e encarar os novos trajetos em busca de saberes necessários, como bem coloca o Paulo Freire no título da obra que guiou esta pesquisa *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*, que possam contribuir para a formação integral dos estudantes do Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: um livro para professores**. São Paulo – SP, Atta Mídia e Educação, 149p. 2009.
- BARROS, Marcelo Donizete de. **Ensino de filosofia e linguagem escrita: contribuições da filosofia na formação do jovem contemporâneo brasileiro**. 2009. 100p. Tese (Mestrado). Faculdade de educação. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3iLsJZ8>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- BRANDÃO, Carlos. **Paulo Freire: educar para transformar**. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3iMTnR7>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3iIZ7HZ>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRITO, Aesth; *et al* (Org.). **Pedagogia da Autonomia**: de Paulo Freire (artigo). 5. ed. Piripiri – PI, 2010. 123p. Disponível em: <https://bit.ly/2XvUFbh>. Acesso em: 21 nov. 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo – SP: Editora 34, 2010.
- FABRINI, Ricardo. **O Ensino de Filosofia: A leitura e o Acontecimento**. *In.*: Trans/Form./Ação. Departamento de Filosofia – Pontifícia Universidade Católica – São Paulo – SP. 28 (1): 7-27, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3AHWjos>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- FELICIANO, Sandro Rinaldi. **O ensino de Filosofia como Problema Filosófico**: Revendo Alejandro Cerletti. 07 fevereiro de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3jUbjJ7>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam/ Paulo Freire. São Paulo: coleção Polêmicas do nosso tempo 4: autores associados, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: Uma didática para o Ensino Médio**. Campinas – SP: Papyrus, 2012.
- GALLO, SILVIO; KOHAN, Walter Omar; **Crítica de Alguns Lugares – comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio**. *In.*: GALLO, SILVIO; KOHAN, Walter Omar; (ORG). **Filosofia no Ensino Médio**. Volume VI. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 175-196.3. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, V. VI, 2012.
- GALLO, Silvio. **Filosofia Experiência do Pensamento**. São Paulo – SP: Scipione, 2017.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio** (Coleção docência em formação. Série Ensino Médio). 2ª ed. São Paulo – SP: Cortez, 2009.

JAEGER, Werner. **Paideia: A formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo – SP: WMF Martins Fonseca, 2013.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, mais que nunca: Uma bibliografia filosófica**. Belo Horizonte – MG: Vestígio, 2019.

LAZARINI, Ana Lucia. **Platão e a Educação: Um estudo do livro VII de “A República”**. 2007.79. ed. Campinas – SP. Disponível em: <https://bit.ly/3ySIovb>. Acesso em: 10 nov. 2020.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. Rio de Janeiro – RJ: 34, 1993.

PAVIANI, Jaime. **Platão e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PLATÃO. **A República: Livro VII**. São Paulo: Fundação Calouset Guultenkian, 1993.

PLATÃO. **O Mito da Caverna**. Tradução Edson Bini. São Paulo – SP: Edipro, 2015.

TAVARES, Alexon Silva; *et al.* **Filosofar e ensinar a filosofar**. ANPOF, São Paulo – SP, 2019. Disponível em: www.anpof.org. Acesso em: 20 nov. 2020.

TEIXEIRA, Evilázio. **A Educação do homem segundo Platão: (Filosofia)**. São Paulo – SP: Paulinus, 1999.

APÊNDICE A – Momentos de Reflexão

	ESCOLA ESTADUAL FELÍCIO PEREIRA DE ARAÚJO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO PEDAGÓGICA	
ATIVIDADE BIMESTRAL – 1ª Etapa – 2021		
Nome:		
Professora: Wanda Barbosa dos Santos		
Disciplina: FILOSOFIA	Série: ANO	Turma:

MOMENTO DE REFLEXÃO 1

Objetivo: auxiliar na interpretação e compreensão do TEXTO 1

Questionário – VAMOS REFLETIR!!!!

1) Quando você lê a letra da canção o que sente?

2) Procure refletir sobre os versos a seguir, e outros que nos levam a refletir. Escolha alguns que provocam essa reação em você e comente.

- “bem embaixo pra poder subir”
- “estudando pra saber ignorar”
- “olho fechado pra te ver melhor”

3) O que esses versos têm a ver com a Filosofia?

MOMENTO DE REFLEXÃO 2

Objetivo: auxiliar na interpretação e compreensão do TEXTO 2

VAMOS REFLETIR!

Questionário – VAMOS REFLETIR!

1) Quais são as pedras no meio do caminho?

2) Que pedras seriam essas que aparecem “no meio do caminho” no poema de Drummond.?

3) Quando encontramos pedras no meio do nosso caminho o que nos leva a pensar?

4) De que maneira a atitude do poeta diante da pedra nos remete à Filosofia?

5) Qual a postura você terá, quando se deparar com uma pedra no caminho?

QUESTIONAMENTOS QUE PODERÃO SER UTILIZADOS DURANTE A INTERVENÇÃO DIALÓGICA

- Porque essa afirmação?
- O que levou você a pensar dessa forma?
- Cite um exemplo para ilustrar essa posição apresentada
- Você concorda ou discorda com o seu colega? Justifique
- Em que você pode acrescentar no pensamento ou reflexão do seu colega?
- Alguém tirou outras conclusões a respeito dos textos e reflexões feitas? Justifique
- Quais as ideias mais marcantes apresentadas hoje?
- Que conclusão podemos tirar do diálogo feito?
- Podemos eleger um tema gerador a partir do diálogo realizado? Qual?

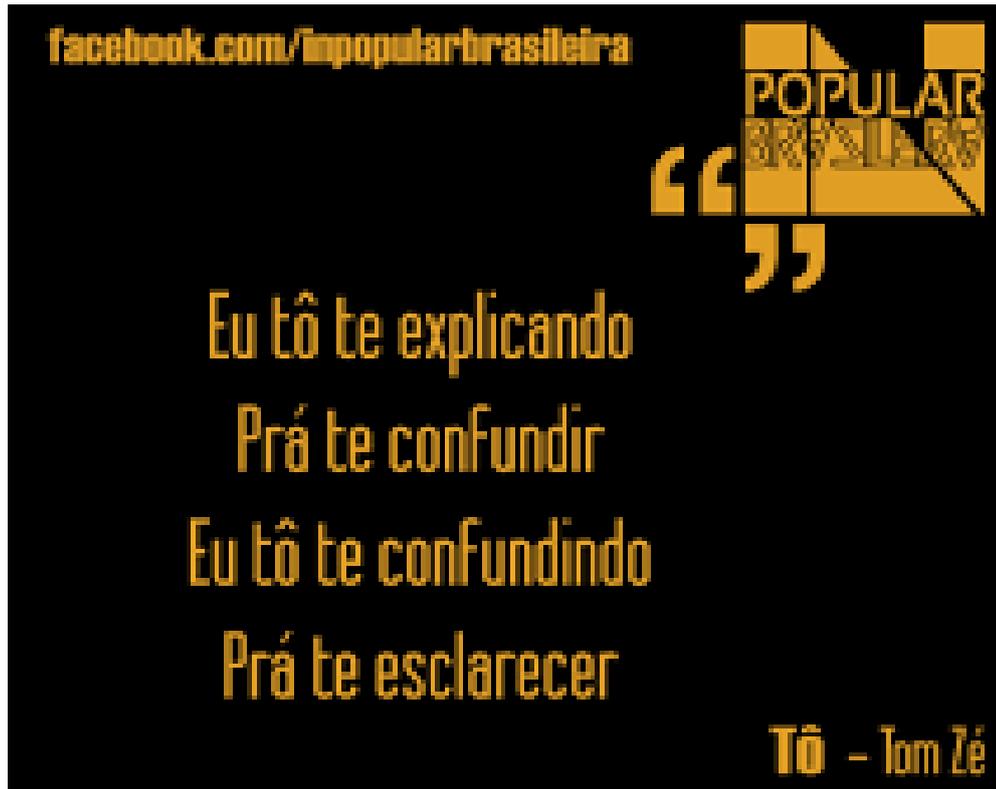
ANEXO A – Atividades da Intervenção

	ESCOLA ESTADUAL FELÍCIO PEREIRA DE ARAÚJO SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO E SUPERVISÃO PEDAGÓGICA	
ATIVIDADE BIMESTRAL – 1ª Etapa – 2021		
Nome:		
Professora: Wanda Barbosa dos Santos		
Disciplina: FILOSOFIA	Série: ____ ANO	Turma:

TEXTO 1

Tô

Tô bem de baixo pra poder subir
 Tô bem de cima pra poder cair
 Tô dividindo pra poder sobrar
 Desperdiçando pra poder faltar
 Devagarinho pra poder caber
 Bem de leve pra não perdoar
 Tô estudando pra saber ignorar
 Eu tô aqui comendo para
 vomitar
 Eu tô te explicando
 Pra te confundir
 Eu tô te confundindo
 Pra te esclarecer
 Tô iluminado
 Pra poder cegar
 Tô ficando cego
 Pra poder guiar
 Suavemente pra poder rasgar
 Olho fechado pra te ver melhor
 Com alegria pra poder chorar
 Desesperado pra ter paciência
 Carinhoso pra poder ferir
 Lentamente pra não atrasar
 Atrás da vida pra poder morrer
 Eu tô me despedindo pra poder voltar



Fonte: Imagem disponível em: <https://bit.ly/3yTmlis>.

TEXTO 2 – No meio do caminho

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 16.



Fonte: Imagem disponível em: <https://bit.ly/2VQ1HGV>.

Questionário – VAMOS REFLETIR!

1) Quais são as pedras no meio do caminho?

2) Que pedras seriam essas que aparecem “no meio do caminho” no poema de Drummond?

3) Quando encontramos pedras no meio do nosso caminho o que nos leva a pensar?

4) De que maneira a atitude do poeta diante da pedra nos remete à filosofia?

5) Qual deve ser nossa postura quando você se depara com uma pedra no caminho?
